# FOLHA DE S.PAULO

HÁ 100 ANOS  UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

ANO 101 ★ Nº 33.921 | TERÇA-FEIRA, 15 DE FEVEREIRO DE 2022 | R$ 5,00


Militar observa caças Super Hornet no porta-aviões americano USS Harry S. Truman, que está estacionado no mar Adriático, na costa croata, em sinal de apoio à Otan e à Ucrânia Milan Sabic/Reuters

# Rússia diz que há chance de acordo sobre Ucrânia

**Putin indica querer negociar; EUA movem embaixada de Kiev para oeste do país**

O chanceler russo, Serguei Lavrov, afirmou ontem em declaração televisionada que "há possibilidade de acordo" com o Ocidente a respeito da Ucrânia, pausando, por ora, a escalada de tensão com o país vizinho, relata o enviado a Moscou Igor Gielow.

A declaração foi ecoada pelo titular da Defesa, Serguei Choigu, segundo o qual os exercícios militares que ocorrem nas imediações da Ucrânia desde outubro estão no fim. Ele e Lavrov se reuniram com o presidente Vladimir Putin no Kremlin.

Mas Choigu alertou para um incidente em águas russas com um submarino dos EUA, deixando aberta a chance de recrudescimento. A Rússia diz que a União Europeia e a Otan, aliança militar liderada por Washington, precisam avançar o diálogo.

Os americanos ontem deslocaram sua embaixada em Kiev, capital ucraniana, para Lviv, no oeste, para o caso de eventual ataque. Mundo A9

**'O mundo todo tem seus problemas', diz Bolsonaro antes de tour arriscada** A10

## Veto a anúncio eleitoral pago é ignorado nas redes

Embora a propaganda eleitoral só seja permitida a partir de 15 de agosto, existem ao menos 10 anúncios pagos que promovem a candidatura de Jair Bolsonaro (PL) nas redes sociais e outros 7 a favor de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), informa Patrícia Campos Mello. O TSE diz que nem todos contêm pedido explícito de voto. Política A8

**A pandemia em 14.fev**

Dados das 20h

**POPULAÇÃO VACINADA**

**No Brasil**

| | |
|---|---|
| Ao menos uma dose (dose única ou 1ª dose) | 81,1% |
| 1º ciclo vacinal completo (dose única ou 2ª dose) | 71,2% |
| Dose de reforço | 26,3% |

**ESTÁGIO DA DOENÇA**

**Óbitos**

Média móvel: 885 ↑ 56,7%* | Em 24 h: 464 | Total: 638.513

Casos ↓ -25,0%* (acelerado)

*Variação em relação a 14 dias

## Desconfiança e antipetismo freiam frente de Lula

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) avançou no esforço por uma frente ampla, da esquerda à direita, contra Jair Bolsonaro (PL). Ele ainda esbarra, porém, em desconfianças na área econômica, no antipetismo e em rixas partidárias, além de um provável massacre na campanha. Política A4 e A5

## Ministro veta Disque 100 para não vacinados

Ricardo Lewandowski, do STF, determinou que canal do governo para denúncias de violações de direitos humanos deixe de atender queixas de antivacinas. B4

## Grupo Doria inflou preços em troca de anúncio, diz parecer

Política A6

## BNDES quer esticar prazo pra devolver verbas ao Tesouro

O BNDES afirma que o atual calendário de devolução dos aportes feitos pelo Tesouro Nacional nas gestões do PT, que o Tribunal de Contas da União considerou irregulares, traria prejuízo de R$ 14 bilhões à instituição e quer renegociar. A dilatação desse prazo, porém, põe em dúvida o plano de abater a dívida pública.

Em nova queda de braço sobre o tema, a equipe econômica aponta que isso imporia prejuízo de R$ 13,4 bilhões sobre o erário até 2040 —valor vindo da diferença das taxas de juros nos dois momentos. Mercado A12

**Governo contrariou técnicos ao prorrogar desoneração** A14

## Família morta vivia em área visada por irmão de político

Assassinados em janeiro, o ambientalista José Gomes, sua mulher e a enteada viviam em área reivindicada pelo pecuarista Francisco Torres de Paula Filho, irmão do prefeito de São Félix do Xingu (PA), João Cleber de Souza Torres. Eles negam relação com o crime. Ninguém foi preso até agora. Cotidiano B3

## *Hélio Schwartsman* — *Hitler é pior do que Stálin*

Regimes comunistas eliminavam inimigos por percebê-los como contrarrevolucionários. O nazismo montou um sistema industrial para assassinar aqueles que via como membros de raças inferiores, judeus e ciganos. E não havia nada que estes pudessem fazer para deixar de ser judeus e ciganos. Opinião A2

**Mercado A20**
Criptocasal de Nova York é divisor de águas nos crimes com bitcoins

**Esporte B7**
Rogério Ceni celebra 25 anos de primeiro gol tentando se provar novamente

**Ilustrada C1**
Rapper FBC faz de 'Se Tá Solteira' um hit no TikTok com clima de baile funk

**Ilustrada C5**
Criador da franquia 'Os Caça-Fantasmas', Ivan Reitman morre aos 75 anos nos EUA

Lalo de Almeida/Folhapress

## FALTA DE ACESSO AGRAVA POBREZA MENSTRUAL NA ILHA DE MARAJÓ (PA)

Celia dos Santos, 22, que vive no alto do rio Mutuacá, utiliza pedaços de pano como absorvente para conter sangramentos; renda e estabelecimentos insuficientes e saneamento básico precário comprometem cuidados com menstruação Cotidiano B8

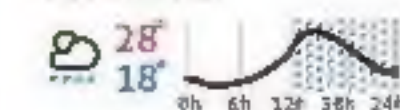
**EDITORIAIS A2**

*De volta à farsa*
Acerca de novos ataques de Bolsonaro às urnas.

*Vacinar as crianças*
Sobre dados que indicam atraso na imunização.

**ATMOSFERA**

São Paulo hoje: 28° / 18°

| | Hoje | Amanhã |
|---|---|---|
| Rio | 22 31 | 22 29 |
| Brasília | 18 28 | 19 27 |
| Ribeirão | 20 33 | 20 31 |

Fonte: www.climatempo.com.br


ISSN 1414-5723

9 771414 572032 33921

opinião



FOLHA DE S.PAULO
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA
Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Frias
DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila
SUPERINTENDENTES Carlos Ponce de Leon e Judith Brito
CONSELHO EDITORIAL Fernanda Diamant, Hélio Schwartsman, Joel Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luiza Helena Trajano, Patrícia Blanco, Patrícia Campos Mello, Persio Arida, Ronaldo Lemos, Thiago Amparo, Luiz Frias e Sérgio Dávila (secretário)
DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Patu
DIRETORIA-EXECUTIVA Paulo Narcélio Simões Amaral (financeiro, planejamento e novos negócios), Marcelo Benez (comercial) e Anderson Demian (mercado leitor e estratégias digitais)

Benett

# EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

## De volta à farsa

**Novo ataque às urnas eletrônicas mostra que Bolsonaro não desistiu de tumultuar a eleição**

Jair Bolsonaro mostrou que continua disposto a investir no descrédito do sistema eleitoral brasileiro para criar tumulto em caso de derrota no pleito de outubro.

Numa transmissão ao vivo na internet, o presidente disse que militares detectaram vulnerabilidades nas urnas eletrônicas no fim do ano passado e apresentaram questionamentos ao Tribunal Superior Eleitoral, ainda sem resposta.

Bolsonaro acrescentou que a elevada audiência alcançada por suas aparições nas redes sociais mostra que estão erradas as pesquisas que lhe atribuem baixos índices de popularidade —e disse esperar que suas desconfianças sejam sanadas até o dia da votação.

Embora o tom tenha sido mais ameno que o adotado em manifestações similares no passado, quando ele atacou ministros do Tribunal Superior Eleitoral, defendeu teses conspiratórias e propagou mentiras sobre as urnas, as más intenções continuam indisfarçáveis.

Durante o falatório, o mandatário fez mais uma vez menção à fantasia de que as eleições de 2018 foram fraudadas por pessoas interessadas em lhe roubar a vitória no primeiro turno, o que obviamente jamais se comprovou.

Bolsonaro lembrou que é o comandante em chefe das Forças Armadas, insinuou que a Justiça não deu a devida atenção aos questionamentos e disse que mandou o ministro da Defesa, Walter Braga Netto, cobrar explicações.

O TSE relatou ter recebido um pedido de informações do general Heber Garcia Portella, responsável pela área de defesa cibernética do Exército, e esclareceu que só não elaborou a resposta ainda por causa do recesso do fim de ano e da complexidade das questões.

O militar faz parte de uma comissão de especialistas formada pelo próprio TSE no ano passado para reforçar a fiscalização do processo eleitoral. Segundo o tribunal, ele não apontou nenhuma falha e se limitou a pedir dados técnicos para entender melhor o sistema.

Todos os ataques de Bolsonaro às urnas foram refutados com clareza pela Justiça, com evidências que o desmentem. Não há razão para imaginar que as questões do general Portella não serão esclarecidas com a devida presteza.

O presidente jamais apresentou qualquer coisa que sustentasse suas patranhas, mas aposta na balbúrdia para manter seguidores mais radicais mobilizados e minar a confiança depositada pela maioria na lisura do processo eleitoral.

Alvo de seis inquéritos conduzidos pelo Supremo Tribunal Federal, incluindo um por ter espalhado informações falsas sobre as urnas e outro por ter divulgado dados sobre um ataque cibernético sofrido pela Justiça Eleitoral, Bolsonaro sabe dos riscos que corre.

## Vacinar as crianças

**Urge identificar e enfrentar causas de atraso aparente nos dados da imunização infantil**

Causam preocupação os sinais de atraso da vacinação contra a Covid-19 entre as crianças brasileiras, ainda que os dados possam estar prejudicados por subnotificação.

A marca de 15% de imunizados na faixa de 5 a 11 anos, verificada na semana passada, nem de longe pode ser considerada um sucesso.

Conforme reportagem publicada pela **Folha**, os 23 dias necessários para chegar a esse percentual colocam o Brasil, proporcionalmente, em nono lugar num ranking de dez países que disponibilizam o detalhamento por data e idade.

Demoramos, segundo números oficiais, quase o triplo do tempo gasto por Canadá, Austrália, Argentina e Uruguai. Ficamos ainda atrás de Alemanha, Estados Unidos, França, Chile e Itália. Apenas nos saímos melhor que a França, um dos principais polos de resistência às vacinas na Europa.

Em que pesem falhas na coleta de dados em boa parte dos municípios, que podem afetar as estatísticas, é fato que o país começou a vacinar tarde. Enquanto vizinhos como Argentina e Uruguai autorizaram o uso do imunizante em setembro e outubro de 2021, por aqui só o fizemos em 16 de dezembro.

Levou ainda cerca de um mês para que chegasse a primeira remessa, de 1,2 milhão de doses, da vacina pediátrica da Pfizer. Porém a quantidade, ínfima para um universo de 20,5 milhões de crianças, e os problemas na distribuição resultaram em um início claudicante da campanha —que chegou a ser paralisada momentaneamente em algumas cidades.

A inépcia somou-se à perversa cruzada de desinformação encampada por algumas autoridades, a começar pelo presidente. Jair Bolsonaro agiu como pôde para conturbar a vacinação infantil, ao arrepio da ciência e de suas responsabilidades como chefe de Estado.

Secundado por sequazes como os ministros Marcelo Queiroga e Damares Alves, difundiu um temor infundado em pais, exagerando o risco de efeitos adversos na realidade raríssimos; promoveu ataques aos técnicos da Anvisa responsáveis pela aprovação do imunizante; empenhou-se em criar empecilhos burocráticos de toda a sorte.

A infame cruzada pode contribuir para que as crianças se tornem os principais agentes de disseminação do coronavírus justamente no momento em que as aulas presenciais enfim retornam no país, prejudicando, também, um movimento que o governo em nenhum momento se esforçou para viabilizar.

## Hitler é pior do que Stálin

**Hélio Schwartsman**

Nazismo e comunismo se equivalem? Comecemos pelas semelhanças. Ambas as ideologias deram origem a regimes totalitários que mataram milhões. Para os que sucumbiram talvez não haja mesmo muita diferença. Mas, para os que ainda estamos aqui e nos interessamos em analisar motivações, há uma distinção capital, que coloca o nazismo num patamar superior ao do comunismo real na escala da perversidade.

Regimes comunistas eliminavam seus inimigos porque eles eram percebidos como contrarrevolucionários. Ao menos em teoria, se o dissidente pensasse e agisse de outra forma, ele deixaria de ser um adversário e poderia até ter seu lugar no paraíso socialista a ser construído. O eufemismo usado nos gulags era reeducação. Não se negava ao opositor o pertencimento à humanidade.

O nazismo, sem deixar de eliminar quem fosse tido como inimigo político, montou um sistema industrial para assassinar aqueles que via como membros de raças inferiores, caso de judeus e ciganos. E não havia nada, na teoria nem na prática, que judeus e ciganos pudessem fazer para deixar de ser judeus e ciganos. O que diferencia o antissemitismo racial exercido pelos nazistas de outras formas de antissemitismo é o essencialismo. A raça de uma pessoa é um traço que só pode ser apagado com a eliminação do próprio indivíduo. Não era assim que funcionava o antissemitismo religioso praticado, por exemplo, na península Ibérica. Ali, judeus puderam escapar à fogueira convertendo-se. Muitos o fizeram.

O essencialismo, definido como a tendência humana a ver uma natureza oculta nas coisas e procurar marcas que a revelem, é uma faca de dois gumes. Por um lado, ele faz com que nos tornemos observadores e classificadores atentos. E há valor adaptativo em não confundir alface com cicuta. Mas também é ele que fornece a base psicológica para fenômenos como o racismo.

Nenhum dos dois presta, mas Hitler é pior do que Stálin.

helio@uol.com.br

## O agro e a agenda da morte

**Cristina Serra**

Li uma vez, duas, três, até me convencer que era real o que estava escrito: Jonatas, de nove anos, filho de um líder de trabalhadores rurais, foi assassinado a tiros, em Barreiros, Pernambuco, por pistoleiros que invadiram a casa da família. Aterrorizado, o menino estava escondido embaixo da cama, de onde foi arrancado para ser executado na frente dos pais.

Até o momento em que escrevo, não vi nenhuma manifestação de indignação por parte do governador de Pernambuco, Paulo Câmara (PSB). Oferta de proteção à família do pai da criança, Geovane da Silva Santos? Nada. O crime aconteceu há quatro dias.

Jonatas é mais uma vítima imolada na disputa pela terra, cerne da injustiça e da desigualdade que anos de avanços sociais não conseguiram equacionar no Brasil. A síntese poética de João Cabral de Melo Neto, em "Morte e Vida Severina", permanece dolorosamente atual, quase 70 anos depois: a cova com "palmos medida (...) é a parte que te cabe deste latifúndio".

A lista de mártires pós-redemocratização é extensa: Padre Josimo Tavares, Paulo Fonteles, João Carlos Batista, Chico Mendes, Dorothy Stang, José Cláudio e Maria do Espírito Santo, a família de Zé do Lago (chacinada um mês atrás) são alguns deles. Corumbiara, Eldorado do Carajás, Fazenda Primavera, Taquaruçu do Norte, Pau d'Arco? São chacinas de trabalhadores rurais, a maioria ainda impune.

Assassinatos, grilagem, trabalho escravo, desmatamento, uso indiscriminado de agrotóxicos são armas de destruição em massa de qualquer resquício civilizatório. Tem quem separe o agronegócio do "ogronegócio", como se existisse uma distinção entre civilização e barbárie nesta atividade. Existe?

Então, quem está do lado civilizado que venha a público condenar a matança desenfreada de brasileiros no campo e a agenda do lucro e da morte. É preciso bem mais do que campanha publicitária no horário nobre. O peso do setor no PIB não pode ser uma licença para matar.

## Faroeste eleitoral

**Alvaro Costa e Silva**

Se fosse um filme dos Três Patetas, a cena não teria graça, mas talvez conseguisse entreter a plateia já entorpecida por outras idiotices. Como ato público de um presidente da República que se orgulha de seu passado como capitão do Exército, só uma palavra define: ridículo.

No papel de Moe, com aquele cabelo em forma de cuia, Bolsonaro tenta disparar uma pistola e não consegue. É então ajudado por Larry, quer dizer, o vereador Carlos Bolsonaro, e depois por Curly, o instrutor do clube de tiro em Brasília. Inábil ou temeroso demais para apertar o gatilho, Moe demonstra irritação, mas antes de partir para a violência gratuita —tapas, socos, pontapés, nariz torcido, dedada no olho, habituais nos Três Patetas— o registro das imagens é cortado, frustrando a galera bolsonarista das redes sociais.

Apesar de malograda, a estratégia era evidente: chamar a atenção para o projeto de lei do Executivo que de novo tenta alterar o Estatuto do Desarmamento de 2003, liberando o porte de arma para caçadores, atiradores e colecionadores. O PL pede ainda a extinção da marcação de munições, inclusive para as forças de segurança, impedindo seu rastreamento. Se aprovado no Congresso, o país poderá ter meio milhão de pessoas com armas no coldre andando pelas ruas. Um cenário de faroeste em ano eleitoral.

Bolsonaro pensa e age como Mussolini. Com pequenas variações, vive a repetir um conceito do líder fascista: "Só um povo armado é forte e livre".

Um atirador esportivo foi preso em recente operação da Polícia Civil do Rio. Conhecido como Bala 40 e com certeza um paladino das liberdades individuais, ele estocava um arsenal em sua casa no bairro do Grajaú —26 fuzis (AR 15 e 5.56), 21 pistolas, dois revólveres, três carabinas, uma espingarda calibre 12, um rifle e um mosquetão, além de grande quantidade de munição— e negociava via WhatsApp com organizações criminosas e milicianas. Todas fortes e livres.

## A favela por conta própria

**Preto Zezé**

Presidente Nacional da Cufa, escritor e membro da Frente Nacional Antirracista

Segundo dados do Data Favela, as favelas brasileiras antes da pandemia movimentaram R$ 119,8 bilhões. Isso diz muito para o horizonte que queremos olhar, já que favela para nós vai além do senso comum de só dificuldades ou problemas.

Quando se fala em favela e economia, a favela é colocada como gasto, nunca como investimento. Os debates sobre tributos refletem bem como Estado e empresas olham a favela. Basta olhar questão da carga tributária, onde pagamos o tributo na fonte, onde a taxação vai para algo em torno de 50% sobre o que consumimos.

No mundo, a média nos países da OCDE (Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico) é de 32%. Já a média da arrecadação sobre renda nos países da OCDE é de 34% enquanto no Brasil é de só 25%. Existe tributação injusta sobre quem pode pagar menos.

Nem quero entrar no quesito de se criar mais impostos, pois já pagamos demais, mas de redistribuir, equilibrar, já que o cidadão de favela compra um pão e paga um imposto igual ao cidadão de bairro rico, mas os impostos arrecadados retornam em forma de serviços públicos de qualidades, limpeza urbana, iluminação, saneamento básico, assim sendo, ninguém verá ruas esburacadas ou esgoto a céu aberto no Leblon ou nos Jardins, mas na sua favela sim. Desta maneira a favela paga mais.

Na contramão disso, Celso Athayde, CEO da Favela Holding, fundador da Cufa e ganhador do Prêmio de Empreendedor de Impacto Social 2021 pelo Fórum Econômico Mundial, anunciou o lançamento do Favelas Fundos, fundo de venture capital com R$ 50 milhões.

A iniciativa visa acelerar e potencializar negócios e startups de favelas em três estágios, dos mais variados segmentos, entre eles logística, gastronomia, saúde, marketing e tecnologia. A seleção dos projetos será feita pelos CEOs das empresas do Grupo Favela Holding, que tem mais de 20 firmas voltadas ao desenvolvimento empreendedor de favelas e de seus moradores.

O fundo busca atrair novos parceiros para aumentar a captação de recursos e ampliar o leque de startups investidas. Isso sem falar no pioneirismo, pois o foi o primeiro a lançar fundo de investimento com olhos voltados a empreendedores da favela. Em 2017, Athayde vendeu sua participação na empresa Avante, de negócios financeiros, e levantou R$ 2,5 milhões para investir em novos negócios sociais. O lançamento foi em 8 de fevereiro de 2017, quando muitos em favelas passaram a chamar a data de "Dia Nacional do Empreendedorismo da Favela", que, após cinco anos, tem mais de 20 empresas no portfólio.

Como um favelado que criou seu próprio fundo para as favelas, a mensagem é clara: a hora de as empresas investirem nas favelas é agora e tendo os favelados como protagonistas.

# TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br
Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

## *O corpo na volta às aulas*

### Neste momento, interação é mais urgente que conteúdos acadêmicos perdidos

*André Trindade*
Psicoterapeuta e educador, é autor de "Gestos de Cuidado, Gestos de Amor" e "Mapas do Corpo" (Summus Editorial)

Em meus 30 anos de observação de bebês e suas famílias, fui surpreendido pela pandemia de Covid-19. Inicialmente imaginei que essa população seria a menos atingida pelo confinamento. Que o ninho formado por mães e pais, mães e mães, pais e pais e seus bebês, somados a um espaço na sala repleto de brinquedos espalhados, fosse suficiente para o desenvolvimento nesse primeiro ano de vida. Engano meu!

Logo nas primeiras "aberturas" pós-vacinação, quando reiniciei o atendimento presencial no consultório, pude constatar o impacto que a vida social restrita teve nessas famílias. Encontrei bebês subestimulados, com alguns atrasos no desenvolvimento motor, menos interessados pelo mundo ao redor e mais passivos. Entendi rapidamente o quanto esses pequenos sujeitos aprendem com a observação, com a comunicação com o motorista do ônibus, que os cumprimentam diariamente, com os mimos excessivos dos avós, com as brincadeiras da moça que vem trabalhar na casa, com os cuidadores e com as outras crianças da creche, do parque e mesmo com o cachorro do vizinho.

Esses pequenos seres de semanas, meses ou poucos anos de vida aprendem a partir de suas experiências corporais e da observação dos corpos e dos gestos dos outros.

Nas semanas recentes de volta às aulas, pude observar nas crianças maiores e nos adolescentes um entusiasmo que não havia jamais constatado. Talvez pela lembrança dos períodos iniciais de confinamento ou pela série de interrupções da atividade presencial no ano passado, o desejo de volta se apresente. Uma garotinha de seis anos, desde que recebeu seu uniforme, passou a usá-lo diariamente em casa nos últimos dias de suas férias. Quando indagados por que querem voltar, a resposta é: reencontrar os amigos e professores. Claro, há aqueles que estão assustados, com medo do contágio, e também outros que se adaptaram às telas e temem o convívio. Porém há uma motivação pulsante de reencontro presencial, de voltarem ao "corpo a corpo", de estarem em contato direto.

A meu ver essa necessidade deveria ser privilegiada antes de pensarmos em correr atrás de conteúdos acadêmicos perdidos. A escola representa o convívio com os "outros", a possibilidade de descobrirem novos papéis, além de filhos e irmãos, e ganharem identidade de alunos, estudantes, colegas.

[...]

**O início do dia deveria ser dedicado ao corpo. A criança chega, guarda seu material na sala de aula e vai ao pátio ao encontro das outras para uma atividade livre, para brincar, conversar e quem sabe para uma roda de movimento junto com seus professores. Cabem aí o canto, a dança, os jogos cooperativos —e assim o dia pode começar melhor!**

Nesse sentido, as entradas, as saídas e os recreios representam espaços importantes da volta às aulas. É aí que as crianças aprendem a se deslocar com agilidade, umas entre as outras, a observar as crianças mais velhas, as mais novas, a estarem "atentas", darem vida ao corpo, despertarem sua motricidade. Infelizmente esses percursos livres são cada vez mais restritos nas escolas. Há até inspetores para impedi-las de correr ou falar alto nos corredores —e, assim que chegam, são rapidamente convocadas a se sentarem por horas nas salas de aula.

Minha sugestão é que o início do dia deveria ser dedicado ao corpo. A criança chega, guarda seu material na sala de aula e vai ao pátio ao encontro das outras para uma atividade livre, para brincar, conversar e quem sabe para uma roda de movimento junto com seus professores. Cabem aí o canto, a dança, os jogos cooperativos —e assim o dia pode começar melhor!

O sedentarismo é uma importante questão de saúde pública, responsável por inúmeras doenças crônicas.

Estamos aprisionando nossos filhos —sentados cinco a seis horas por dia— por nove anos no ensino fundamental e mais três no ensino médio. Isso sem dizer que, nesse tempo todo, não ensinamos a eles a sentarem-se saudavelmente. São jogados sobre cadeiras muitas vezes inadequadas para o tamanho de seus corpos, nas quais nem conseguem alcançar os pés no chão, ou apoiar as costas nos encostos dos assentos. Como manter a atenção e o interesse nos conteúdos diante de tamanho desconforto corporal?

Não demora muito até essa motivação inicial de volta às aulas se tornar suplício e aversão.

## *O lugar de fala do articulista*

### Ardoroso defensor do livre mercado de ideias não fez bem a lição de casa

*Ricardo Teperman*
Doutor em antropologia (FFLCH-USP)

Diversas polêmicas patrocinadas recentemente por esta **Folha** ganharam repercussão. Boa parte dos artigos que detonaram as discussões versa obre a questão racial e oscila entre o rebaixamento do debate e o diversionismo. Como resposta às críticas de leitores, colunistas e da própria equipe do jornal (além da renúncia de um membro do conselho editorial), a direção limitou-se a repetir sua renitente defesa do pluralismo e da liberdade de expressão. São valores admiráveis, mas insuficientes, e o jornal "precisa rever a maneira como exerce seu papel no debate público", como apontou recentemente o ombudsman.

Temos visto, na imprensa e nas mesas de bar, certa liberdade de expressão ser reivindicada com vigor: "Por que só mulher pode falar de mulher, só negro pode falar de negro?". Trata-se de uma interpretação equivocada e perniciosa da ideia de lugar de fala como argumento de autoridade. Quem leu Djamila Ribeiro ou alguma das autoras que ela mobiliza, como Luiza Bairros ou Jurema Werneck, jamais incorreria em erro tão vulgar.

Comentando o podcast em que uma celebridade de ocasião defendeu o direito de se criar um partido nazista e de ser "antijudeu", o colunista Hélio Schwartsman comemora: "Até que enfim uma polêmica na qual eu tenho o tal do lugar de fala" ("Liberdade de expressão forte não implica impunidade", 10/2). O articulista revela ser judeu, mas, ironiza, não vê como isso possa "racionalmente afetar" seus argumentos. De fato, apenas reproduz algo que defende, há décadas, em sua coluna na página A2 deste jornal: a liberdade de expressão como mão invisível a operar na arena das ideias.

O autor não comenta o que disse a convidada do podcast Flow, deputada Tabata Amaral (PSB-SP): "A liberdade de expressão termina quando coloca a vida de outro em risco". Prefere limpar a barra do polemista, que seria apenas ignorante e inábil. A verdade é que Schwartsman parece mais preocupado com o que chama de "conceito da moda" do que com o nazismo.

[...]

**O autor não comenta o que disse a convidada do podcast Flow, deputada Tabata Amaral (PSB-SP): "A liberdade de expressão termina quando coloca a vida de outro em risco". Prefere limpar a barra do polemista, que seria apenas ignorante e inábil. A verdade é que Schwartsman parece mais preocupado com o que chama de "conceito da moda" do que com o nazismo**

Como explica Djamila Ribeiro: "O lugar social não determina uma consciência discursiva sobre esse lugar. Porém, o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas". O problema não é "ter" lugar de fala —todos falam de algum lugar—, mas sim ter algo relevante a dizer. Notemos, por exemplo, que intelectuais negros são os pioneiros e mais eloquentes denunciantes do genocídio da juventude negra. E que as estatísticas sobre assassinatos no Brasil são uma triste evidência da conexão entre o imaginário racista e suas consequências letais.

De maneira correlata, não é mistério que os melhores livros sobre o Holocausto foram escritos por judeus. Ainda hoje, muitos judeus elaboram de maneira significativa sua identidade e, a partir dela, argumentam que não há como separar o Holocausto das ideias nazistas: a equação "nazismo pode; Holocausto, não" não faz sentido.

São inegáveis os esforços da Folha em prol da diversidade, acompanhando uma ampla transformação da sociedade brasileira, provocada pelos movimentos negro, feminista, indígena e LGBTQIA+. Igualmente patentes são as violentas reações a esses avanços, e o jornal parece dar um passo para frente e dois para trás. No caso do ardoroso defensor do livre mercado de ideias, a lição de casa foi malfeita e seu lugar de articulista deveria parecer menos confortável.

# PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br
Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

O casal de refugiados afegãos Raihana (de rosa) e Sorab (de colete marrom) abraça os filhos na chegada a Guarulhos Bruno Santos/Folhapress

**Rombo fiscal**

Irresponsabilidade ("Bomba fiscal no Congresso pode superar R$ 230 bilhões", Mercado, 14/2)!
**Sidney Marth** (Piracicaba, SP)

★

Adoro quando a reportagem é tão crível que falam "dizem os especialistas". Quais especialistas? Alma mater? Trabalhos aceitos e publicados em quais revistas?
**Cirleno Bolan Frigo** (Florianópolis, SC)

★

Agora vão realmente quebrar o país, não é a falácia de que foi o PT. Estão destruindo os pilares da economia para tentar ressuscitar um candidato natimorto. Que o povo dê o troco nas urnas, e saiba que essa farra não se sustenta.
**Francisco Bezerra de Menezes** (Fortaleza, CE)

**Frente ampla de esquerda**

Lula hoje é a melhor saída ("Frente ampla de Lula esbarra em programa de governo, ataques e antipetismo", Poder, 14/2). Os tempos ficaram difíceis e é preciso aglutinar forças para derrotar esse modelo fascista, beirando ao nazista que assola o país. Engana até religiosos, como no tempo de Hitler, em que certos cristãos o apoiaram na matança de negros, comunistas e judeus. Uma forma louca que domina parte do Brasil e que pode semear o caos.
**Severo Pacelli** (Uberlândia, MG)

★

O lulismo quer juntar no mesmo balaio várias tendências do petismo, velhas oligarquias e clãs do coronelismo, pedaços do centrão fisiológico, desertores tucanos, grupos religiosos conservadores e partidos de direita (PSD), de centro esquerda (PSB e Rede) e de esquerda (PSOL, PC do B, PCO). Questões: 1) Forças tão diferentes conseguem fazer programa de governo minimamente coerente? 2) No caso de disputa entre a esquerda e os grupos fisiológicos afeitos à corrupção, o lulismo vai ficar de qual lado?
**Hamilton Octavio de Souza** (São Paulo, SP)

**A missão de Shantal**

Para mim, deve haver afastamento imediato do médico de suas funções, além das devidas punições. Apesar de eu não ter tido filhos, algo me diz que esse obstetra não se conduz adequadamente nas consultas e na sala de parto ("'Minha filha escolheu uma missão para que outras mulheres sejam respeitadas', diz Shantal Verdelho", Mônica Bergamo, 13/2). O que diz a comunidade dos obstetras? Devo presumir que se trata de conduta correta a adoção de procedimentos inadequados, falas misóginas à grávida/parturiente e desrespeito ao nascituro/bebê?
**Paloma Fonseca** (Brasília, DF)

★

A frase "Minha filha escolheu uma missão" escancara bem o que é esta mulher. Só pessoas ingênuas acreditam nela. A sala de parto é um ambiente comparável a uma igreja: quem é o responsável por tudo o que ocorre na igreja é o padre. Quem se atreve a ensinar o padre a rezar missa? Será que o responsável pelo parto tem que ter a aquiescência da paciente para praticar um ato médico, como a episiotomia?
**Luiz Jose Almeida Fayad** (Balneário Piçarras, SC)

**Fuga do Talibã**

Sejam bem-vindos ("Casal da etnia mais perseguida pelo Talibã reencontra os filhos no Brasil", Mundo, 14/2)! Amamos vocês. Tudo vai dar certo. Parabéns aos ativistas.
**Maria Jose dos Santos** (São João de Meriti, RJ)

**Monark e o NYT**

A Primeira Emenda está inserida na Constituição dos EUA —tem mais de 240 anos!—, não se aplica aqui. E a liberdade de expressão não pode ser, jamais, absoluta. Aliás, toda liberdade nunca é absoluta. Sempre há que se respeitar o próximo. Vamos aprender história? E a língua portuguesa também!
**Neli de Faria** (São Paulo, SP)

★

Aprendemos com esse episódio lamentável que é impossível ser de extrema direita hoje sem que se tropece em liames nazifascistas dos pontos de vista histórico, sociológico, psiquiátrico que sejam... Fica a lição para quem tem um mínimo de discernimento: ser de extrema direita não é bonito e causa problemas na vida pública ("Monark pede para o NYT publicar que ele não é nazista", Nelson de Sá, 13/2).
**Glauber Carneiro Lorenzini** (Boa Vista, RR)

**Colunista**

Precisamos nos embriagar mais —com textos de pensadoras desta estatura ("Tava bêbado", Maria Homem, 13/2). E espalhar essa sabedoria adiante. Obrigado, Maria Homem!
**Mário M Dias** (Curitiba, PR)

★

Hoje andei pensando que Freud rompe a barreira do cooperativismo e diz a verdade sobre as mães, os filhos, o amor, o sexo e a morte.
**Maria Silvia Mattos Silveira Manzano** (Praia Grande, SP)

**Código Eleitoral**

Só faltou classificar o voto como um direito, e não como uma obrigação ("Código eleitoral histórico faz 90 anos com legado de inovações e uso político de Vargas", Poder, 14/2). Essa mudança ainda não ocorreu, mas urge. A renovação política do Brasil passa por essa importante alteração. Enquanto o voto obrigatório nos conduz a Lulas, Dilmas, Bolsonaros e outras coisas talvez piores.
**Joao Pinheiro** (São Paulo, SP)

**Charge**

Além do monstro do agrotóxico, temos o da inflação e o mais perigoso deles, o das "fake news", que dissemina ódio, mentiras e incita a bolha de fanáticos —muitos já armados— para atos antidemocráticos e provocações de toda a espécie. A criatura de 1979 criada por Ridley Scott, que dizimou a tripulação da Nostromo, não é nada comparada aos monstros que assolam a nação.
**Cassio Antonio Leardini** (Mauá, SP)

**Di Gênio**

A Associação Brasileira de Sistemas e Plataformas de Ensino lamenta a perda do professor João Carlos di Gênio, homem visionário e de grande espírito empreendedor ("Morre João Carlos di Genio, fundador do grupo Unip/Objetivo, aos 82 anos", Cotidiano). Sua obra trouxe profundos impactos para a educação do Brasil, ajudou a transformar a vida de milhares de estudantes e apontou caminhos para a melhoria da nossa educação. O país perde um grande empresário e educador.
**José Henrique del Castillo Melo**, presidente da Abraspe (São Paulo, SP)

# política

## PAINEL | Fábio Zanini

painel@grupofolha.com.br

### Foca em mim

O núcleo da campanha do presidente Jair Bolsonaro (PL) começou a desenhar o discurso com o qual pretende enfrentar Sergio Moro (Podemos). Visto como o único capaz de tirar o atual chefe do Executivo do segundo turno em outubro, o ex-ministro será retratado como alguém vaidoso e afeito a holofotes. A estratégia foi desenhada a partir de pesquisas qualitativas, nas quais eleitores que rejeitam o ex-juiz o apontam como mais preocupado com a própria biografia.

**MAIS QUE JUDAS** Trata-se de uma mudança de direcionamento. Desde que deixou o governo, em abril de 2020, Moro tem sido retratado nas redes ligadas ao presidente como traidor, alguém pouco confiável. O novo discurso visa a ampliar a rejeição do ex-juiz além da bolha bolsonarista.

**LIÇÃO DE CASA** Provável candidato de Bolsonaro ao governo de SP e tido como de perfil mais "técnico", o ministro Tarcísio de Freitas (Infraestrutura) vem se aproximando da base mais ideológica do presidente.

**NOVAS AMIZADES** Na semana passada, esteve com o presidente do PTB em São Paulo, o empresário Otávio Fakhoury, ligado a Roberto Jefferson, preso há seis meses. Também encontrou o youtuber Paulo Lisboa. Ambos já fizeram acenos ao ex-ministro Abraham Weintraub (Educação), que quer disputar o Bandeirantes no campo conservador.

**MÉTODO** O juiz Marcelo Bretas usou redes sociais para avisar pessoas de que vai processá-las. Nesta segunda (14), compartilhou mensagens do deputado Paulo Pimenta (PT) e do usuário Thiago Brasil, dizendo que os comentários "criminosos" não passarão impunes.

**TEM LIMITE** Ambos escreveram que o ministro do STF Gilmar Mendes compartilhou com o Conselho Nacional de Justiça três delações que incriminariam Bretas. Eles acusaram o magistrado de vender sentenças.

**PRENDA-ME...** O influenciador bolsonarista Allan dos Santos, foragido da polícia, tem adotado uma estratégia de gato e rato com as redes sociais. Banido, tem criado novas contas e publicado conteúdo, até o momento em que é identificado e novamente bloqueado.

**...SE FOR CAPAZ** No Instagram, ele criou uma conta chamada "Guerra de Informação", bloqueada. Fez então uma nova, com mais de 13 mil seguidores. Nesta segunda (14), xingou Alexandre de Moraes (STF) e disse que seguirá criando novas.

**HELP 1** Em reunião nesta segunda-feira (14) com José Luiz Penna, presidente do PV, o ex-governador Geraldo Alckmin pediu ajuda para tentar resolver a situação entre Márcio França (PSB) e Fernando Haddad (PT) em São Paulo.

**HELP 2** Os dois pretendem ser candidatos a governador e não abrem mão de suas pretensões. O impasse tem travado a possibilidade de avançar na criação de uma federação entre PSB, PT, PV e PC do B.

**SÓ O COMEÇO** O clima entre lideranças de PT e PSB no estado tem se deteriorado rapidamente, com trocas de acusações nos bastidores. Dirigentes avaliam que é um aperitivo para uma campanha agressiva entre as legendas de esquerda.

**REAÇÃO 1** O deputado federal Kim Kataguiri (DEM-SP) vai processar 17 responsáveis por perfis em redes sociais e quatro veículos de imprensa que, segundo ele, lhe imputaram falsamente o crime de apologia ao nazismo. Entre os alvos estão o ex-deputado Jean Wyllys, a filósofa Márcia Tiburi, o historiador Jones Manoel e o jornalista Palmério Dória.

**REAÇÃO 2** Kataguiri também pedirá direito de resposta e indenização a quatro veículos de imprensa: Band News TV, The Intercept Brasil, Nexo Jornal e Blog da Cidadania. O parlamentar os acusa de distorcer o que disse no Flow Podcast.

**NO FORNO** Pré-candidato ao governo de SP, Guilherme Boulos (PSOL) lança em abril livro em que relata os desafios apresentados pela ascensão da direita radical no Brasil e os caminhos e desafios da esquerda. Com o título provável de "Esperançar" (ed. Contracorrente), terá renda doada para as cozinhas solidárias do MTST, do qual é coordenador.

**VISITA À FOLHA** O presidente do STF (Supremo Tribunal Federal), ministro Luiz Fux, visitou a **Folha** nesta segunda-feira (14). Estava acompanhado de Mariana Oliveira, secretária de Comunicação Social.

**TIROTEIO**

> Os dogmas defendidos por Feliciano são armas, preconceito e negacionismo. Por isso apoia o maligno presidente

**De Luiz Marinho, presidente estadual do PT em SP, após o deputado dizer que Bolsonaro é o que mais se aproxima dos dogmas evangélicos**

com Guilherme Seto e Juliana Braga


GRUPO FOLHA
**FOLHA DE S.PAULO** ★★★
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

**Redação São Paulo**
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222
**Ombudsman** ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
**Atendimento ao assinante** (11) 3224-3090 | 0800-775-8080
**Assine a Folha** assine.folha.com.br | 0800-015-8000

| EDIÇÃO DIGITAL | Digital ilimitado | Digital Premium |
|---|---|---|
| DO 1º AO 3º MÊS | R$ 1,90 | R$ 1,90 |
| DO 4º AO 12º MÊS | R$ 9,90 | R$ 9,90 |
| A PARTIR DO 13º MÊS | R$ 29,90 | R$ 39,90 |

| EDIÇÃO IMPRESSA | Venda avulsa seg. a sáb. | dom. | Assinatura semestral* Todos os dias |
|---|---|---|---|
| MG, PR, RJ, SP | R$ 5 | R$ 7 | R$ 827,90 |
| DF, SC | R$ 5,50 | R$ 8 | R$ 1.044,90 |
| ES, GO, MT, MS, RS | R$ 6 | R$ 8,50 | R$ 1.318,90 |
| AL, BA, PE, SE | R$ 9,25 | R$ 11 | R$ 1.420,90 |
| Outros estados | R$ 10 | R$ 11,50 | R$ 1.764,90 |

*À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

**CIRCULAÇÃO DIÁRIA (IVC)**
366.088 exemplares (dezembro de 2021)


# Frente ampla de Lula esbarra em programa de governo, ataques de rivais e antipetismo

**Ex-presidente da República avança em plano de coalizão diversificada contra Jair Bolsonaro (PL), mas ainda precisa vencer resistências**

Joelmir Tavares

**SÃO PAULO** O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) obteve avanços no esforço de construir uma frente ampla para concorrer contra o presidente Jair Bolsonaro (PL) nas eleições de outubro, mas tem adiante obstáculos como desconfianças na área econômica, antipetismo, entraves partidários e um previsível massacre na campanha.

Hoje favorito da corrida presidencial, ele tem dito que não quer ser o candidato do PT ou da esquerda unicamente, mas de "um movimento" com alcance maior, incluindo forças sociais. Entra nessa conta a escolha do ex-tucano Geraldo Alckmin (sem partido) como candidato a vice-presidente em sua chapa, já apalavrada com o ex-governador, mas ainda por ser concretizada.

As movimentações para convencer o universo político e o eleitorado de que seria o único candidato capaz de liderar uma articulação que vá da esquerda à direita não bolsonarista envolvem também conversas de Lula com outrora rivais, como quadros históricos do PSDB, e líderes de partidos como de MDB e PSD.

Se no discurso petista o selo de candidato da unificação nacional já está grudado e não sai mais, fora das projeções otimistas —que martelam a possibilidade de vitória ainda no primeiro turno— outros fatores se impõem.

Bolsonaro e aliados deixam claro que vão jogar pesado na desconstrução de Lula e seu arranjo eleitoral. Falam em desenterrar escândalos de corrupção da era petista e explorar a derrocada econômica do fim do mandato da ex-presidente Dilma Rousseff.

"O Lula está escondidinho, mas vamos relembrar tudo o que ele fez no verão passado", afirma o deputado federal e vice-presidente nacional do PL, Capitão Augusto (SP). "Aliança em torno dele? Se fosse um nome diferente, até poderia se pensar. Mas a rejeição dele é muito alta."

No cálculo do bolsonarista, a campanha eleitoral desidratará Lula, mas não a ponto de tirá-lo do segundo turno. "E aí vamos ver. A esquerda ainda tem uma força no Brasil, mas nunca será a maioria", afirma.

Na última pesquisa Datafolha, realizada em dezembro do ano passado, o petista teve taxa de rejeição de 34%, mesmo percentual de João Doria (PSDB), com quem empata na segunda colocação. Bolsonaro tem a maior rejeição no levantamento, com 60%.

"Só os petistas mais otimistas mesmo para acreditarem que dá para ganhar no primeiro turno", alfineta o dirigente do PL. "Lava Jato, petrolão, a desastrosa gestão da Dilma... Vamos fazer questão de recordar tudo isso. Não creio que o discurso do Lula vá muito longe além da esquerda."

O antipetismo, apesar de ter refluído, será reavivado com a aproximação do pleito, na ótica de Capitão Augusto.

Até mesmo o ex-governador Márcio França (PSB), próximo de Lula, tem feito prognóstico nessa linha. Ele usa as dificuldades que o PT poderá encontrar como argumento para defender sua candidatura ao Governo de São Paulo, em detrimento de abrir mão para o petista Fernando Haddad, ex-prefeito da capital paulista.

França, que foi vice-governador na gestão de Geraldo Alckmin no estado, sustenta ser um nome mais palatável ao eleitor de perfil conservador, principalmente no interior do estado, que seria mais suscetível à retórica anti-PT. O apoio pleiteado por ele é um dos empecilhos na negociação da federação PSB-PT.

Obstáculos no caminho de Lula também são apontados na chamada terceira via, que tenta fabricar uma alternativa aos dois líderes. Operadores de candidaturas como as de Ciro Gomes (PDT) e Sergio Moro (Podemos) rebatem a tese de que o petista seja a figura da conciliação.

"Ninguém pode, no mês de fevereiro, fazer a análise de que já há alguém específico liderando as forças contra o bolsonarismo, enquanto outros partidos do campo de centro estão construindo uma unidade que pode desempenhar esse papel", diz o presidente nacional do PSDB, Bruno Araújo.

> Lava Jato, petrolão, a desastrosa gestão da Dilma... Vamos fazer questão de recordar tudo isso. Não creio que o discurso do Lula vá muito longe além da esquerda
>
> **Capitão Augusto (PL-SP)**
> vice-presidente nacional do PL

> O plano de se criar em torno dele [Lula] um movimento pressupõe ideias capazes de juntar gente e mobilizar vontades, e isso ainda não está claro. Não sei se o Lula será esse aglutinador. O fundamental para mim é derrotar o Bolsonaro, e isso passa acima de qualquer questão de ordem partidária
>
> **Aloysio Nunes (PSDB)**
> ex-senador

Embora tenha escolhido o governador João Doria, o partido viu se agravar o racha interno após as prévias e tem agora correntes discutindo outras opções, que envolvem aproximação com Simone Tebet (MDB) e o resgate do derrotado na votação interna tucana, Eduardo Leite, em eventual jogada com o PSD.

"Lula, pessoalmente, carrega o ativo de ter tido um papel importante na distribuição de renda, mas o tema dos males causados pelo PT seguramente cresce no processo eleitoral", avalia Araújo, para quem "até aqui o bolsonarismo é o maior cabo eleitoral do PT".

O setor tem discutido também a falta de clareza, até o momento, do programa econômico petista, diante de incertezas sobre guinadas na condução da política fiscal e desequilíbrio nas contas públicas. Lula já discute, por exemplo, rever o teto de gastos e a reforma trabalhista.

Um proeminente articulador da centro-direita, que participa das costuras para fortalecer um projeto desse segmento e falou à **Folha** sob reserva, diz que o momento de crise aguda exige que as campanhas eleitorais apontem caminhos em duas direções.

Uma delas é no âmbito institucional, propondo a recuperação da ordem democrática e dos pilares constitucionais. E a outra é na esfera econômica, com um projeto claro e de longo prazo, que proponha saídas para a estagnação do crescimento e o isolamento internacional.

É sobretudo nesse segundo aspecto, conforme a visão do político, que Lula é tratado com ceticismo no mercado e nos círculos liberais. A sigla, em resposta às insinuações de radicalismo, afirma que o setor privado já sabe que a gestão do ex-presidente ofereceu segurança e que não há riscos.

O ex-ministro petista Tarso Genro, afinado com a proposta de que o PT "não deve liderar uma frente exclusivamente de esquerda", defende "um programa que gere uma interação entre setor público e privado, balizada pelo Estado, mas em conjunto com a iniciativa privada, que demanda previsibilidade".

"Estamos vivendo outra época [em relação à da primeira gestão de Lula], não é mais um projeto baseado em commodities. Tem que ter uma dinâmica nova, mas não será norteada pelo capital financeiro especulativo", diz à **Folha** o ex-governador do Rio Grande do Sul.

O ex-senador tucano Aloysio Nunes, um dos membros históricos do partido que foram procurados pelo ex-presidente Lula, endossa parte das críticas. "O programa para a economia ainda tem que ser entendido. E essa história da [regulação da] mídia causa estranhamento, temos que ficar atentos", afirma.

Continua na pág. A5

**EM BUSCA DE POSSÍVEL FILIAÇÃO, GERALDO ALCKMIN FAZ REUNIÃO COM O PV**
O ex-governador Geraldo Alckmin (sem partido) em encontro com o presidente do PV, José Luiz Penna (de verde), e o presidente do PV-SP, Marcos Belizário, na tarde desta segunda-feira (14) Divulgação

Luiz Inácio Lula da Silva (PT), pré-candidato à Presidência, concede entrevista a rádio de Pernambuco Ricardo Stuckert/Divulgação

Continuação da pág. A4

Aloysio, que esteve com o petista em duas ocasiões desde o fim do ano passado, tem repetido que a mensagem de Lula nas conversas foi a de que, caso eleito, precisará de "um mutirão para governar".

Candidato a vice-presidente na chapa de Aécio Neves (PSDB) nas eleições de 2014, Aloysio Nunes afirma que o petista não fez pedidos a ele, embora se saiba que Lula espera que as chamadas forças democráticas o abracem ao menos em uma eventual disputa de segundo turno contra o atual presidente.

"O plano de se criar em torno dele [Lula] um movimento pressupõe ideias capazes de juntar gente e mobilizar vontades, e isso ainda não está claro. Não sei se o Lula será esse aglutinador. O fundamental para mim é derrotar o Bolsonaro, e isso passa acima de qualquer questão de ordem partidária", continua o ex-senador tucano.

Para ele, no entanto, é salutar "diante da excepcionalidade da situação" o diálogo entre lados historicamente antagônicos na política. "Essa intenção de fazer um grande mutirão é muito positiva, mas tem que ver a partir de quais propostas", reitera Aloysio Nunes.

O ex-presidente falou com outros tucanos considerados discípulos do "PSDB da Constituinte", como Fernando Henrique Cardoso e Tasso Jereissati. A mensagem é a de que é preciso recuperar a credibilidade da política após os ataques de Bolsonaro e buscar consensos mínimos.

"Do ponto de vista da política, Lula está correto em buscar demonstrar que tem amplitude no diálogo quando parte da sociedade continua desconfiando do PT na Presidência da República", diz Araújo. "Encontrar-se com ele é algo do foro íntimo de cada uma dessas lideranças [tucanas]."

Em 2018, quando o ex-presidente foi impedido de concorrer e acabou substituído por Haddad como candidato, o PT estava coligado só com PC do B e Pros. Desta vez, são dadas como certas na composição siglas como PC do B, PSOL, PSB, PV e Solidariedade.

De fora do segmento da esquerda, há a sinalização de setores e nomes influentes do MDB e do PSD. Se o primeiro dificilmente fechará apoio formal —hoje trabalha a pré-candidatura da senadora Simone Tebet—, o segundo não está totalmente descartado —seu presidente, Gilberto Kassab, é assediado, mas resiste.

A expectativa é que a candidatura do PT seja favorecida pela acentuada divisão interna na maioria dos partidos. Com o favoritismo do ex-presidente, os mais pragmáticos não querem comprar briga com eleitores dele.

Até siglas do centrão alinhadas a Bolsonaro podem liberar seus diretórios estaduais do apoio ao presidente, diante da pressão de deputados e candidatos a governador que são simpáticos a Lula ou querem ao menos o benefício da neutralidade, preservando suas próprias campanhas.

Nos últimos dias, surgiram indícios nessa linha. O PP, um dos símbolos do centrão, dispensou as direções estaduais de mencionarem Bolsonaro ou o governo na propaganda partidária em TV e rádio, conforme noticiou o jornal O Globo. Líderes regionais da legenda flertam com o petista.

Em uma movimentação inusitada, antecipada na Folha pelo Painel, integrantes do governo Romeu Zema (Novo) ensaiam apoio ao ex-presidente em Minas Gerais, em tática para atrair eventuais eleitores lulistas e distanciar o governador de Bolsonaro. No estado, o PT negocia com Alexandre Kalil (PSD).

**Recentes sinalizações favoráveis a Lula**

- Contrariedade interna à escolha de Geraldo Alckmin (ex-PSDB) como vice foi debelada, simbolizando movimento ao centro
- Aproximação de Lula com líderes históricos do PSDB rendeu declarações sobre moderação do petista e busca de consensos
- Partidos da base de Bolsonaro e de outros rivais ensaiam afrouxar exigências nos estados, liberando eventual apoio ao PT
- Líderes do MDB como Renan Calheiros (AL) trabalham pelo petista; apoio do PSD ao menos no segundo turno é dado como certo
- Aliados do governador de Minas Gerais, Romeu Zema (Novo), ventilam pregar voto casado nele e em Lula

O governador de São Paulo, João Doria (PSDB), durante entrevista ao Flow Podcast, no ano passado Reprodução Flow Podcast no YouTube

# Grupo Doria é suspeito de inflar preço em permuta por anúncios

## Irregularidade teria acontecido em 2015, aponta Ministério Público de Contas

Artur Rodrigues

**SÃO PAULO** Empresas do grupo Doria, fundado pelo governador de São Paulo, João Doria (PSDB), são suspeitas de inflar valores para ganhar mais anúncios em permuta com a TV e Rádio Cultura, de acordo com o Ministério Público de Contas de São Paulo.

A citação às empresas ligadas ao governador tucano está em parecer do órgão feito neste ano, relativo a contas da Fundação Padre Anchieta de 2015, antes da entrada de Doria na vida política —ele disputou a eleição municipal de São Paulo em 2016. A avaliação da procuradoria é feita antes do julgamento pelo TCE (Tribunal de Contas do Estado).

Procurados pela reportagem, o grupo empresarial, o governador e a fundação negam irregularidades.

Desde que foi eleito prefeito paulistano, em 2016, apadrinhado pelo então governador Geraldo Alckmin (PSDB), Doria se afastou do comando das empresas. Em 2015, porém, ele ainda estava à frente do grupo que realiza os eventos do Lide (Grupo de Líderes Empresariais), que reúne diversos segmentos do setor produtivo na defesa de pautas econômicas liberais.

Responsável pela TV Cultura e pela Cultura FM, a Fundação Padre Anchieta, por ser um órgão vinculado ao governo estadual, tem suas contas analisadas pelo TCE-SP. O Ministério Público de Contas apontou irregularidades nas contas de 2015, entre elas a permuta com o Grupo Doria.

De acordo com o parecer assinado pelo procurador Rafael Neubern Demarchi Costa, o problema estaria em contratos de permuta relativos à participação em eventos das empresas Doria Associados Consultoria Ltda e Doria Marketing e Eventos Ltda.

Esses acordos consistiam na participação de funcionários da Fundação Padre Anchieta em eventos das empresas do grupo a título de qualificação e reciclagem profissional. Como contrapartida, foram disponibilizados espaços publicitários na programação da TV Cultura e da Cultura FM.

Para o Ministério Público de Contas, os valores estipulados pelas empresas "são muito maiores que os ofertados ao público geral, o que indica que a empresa supervalorizou seu produto, com vistas a receber em troca um número/tempo maior de anúncios".

De acordo com levantamento feito pela equipe de fiscalização citada pelo Ministério Público de Contas, enquanto a participação de duas pessoas em evento parecido, do mesmo grupo empresarial, custaria cerca de R$ 32 mil, foram cobrados da fundação mais de R$ 185 mil pela participação de dois funcionários.

O gasto total dos contratos equivale a R$ 858,2 mil, segundo o parecer. Na prática, o custo foi revertido em propagandas para o grupo empresarial, um total de 24 anúncios de 30 segundos na TV Cultura e 32 chamadas de 30 segundos na rádio Cultura FM.

Ainda segundo o órgão fiscalizatório, não ficou demonstrado haver interesse público nas permutas. Pelos contratos, se não tiver havido repetição de funcionários, "um número máximo de 14 dirigentes da fundação estiveram presentes nos eventos, o que representa cerca de 1,67% de todos os funcionários".

O documento afirma que não foi apresentado quais foram os dirigentes escolhidos e seus acompanhantes nos eventos, o que, na avaliação do órgão, ocorre em prejuízo ao princípio da transparência.

De acordo com o órgão, a fundação afirmou que a presença nos eventos aumentaria a proximidade com anunciantes. Porém a fundação não teria demonstrado benefícios.

"O único elemento concreto trazido pela defesa foi a obtenção do 'licenciamento não oneroso da série do Senninha, que foi entregue para exibição sem qualquer pagamento, enriquecendo a grade de programação", diz o parecer.

Outro ponto citado no documento é que a fundação não teria feito permutas semelhantes para outros eventos.

A assessoria técnico-jurídica do TCE citou que falhas "não se revestem de gravidade suficiente para macular a avaliação da gestão" e recomendou regularidade das contas.

Já o procurador do Ministério Público de Contas opinou pela irregularidade das contas, com a imposição de multa aos responsáveis.

O caso ainda segue na fase de instrução e não há decisão definitiva do TCE.

### Empresas, fundação e governador negam irregularidades

**OUTRO LADO**

Questionado sobre o assunto, o governo paulista afirmou que se trata de assunto anterior ao governador assumir o cargo, em 2019. "Os esclarecimentos são claros e não há fato que indique erro na condução do processo", diz, em nota.

O advogado Marcio Pestana, que representa Doria, enviou nota em que afirma que não houve irregularidades.

O comunicado ressalta que o assunto se refere a 2015, quatro anos antes de assumir o governo e dois anos antes de virar prefeito de São Paulo.

"As negociações foram todas validadas juridicamente por ambas as partes. A área técnica do Tribunal de Contas do Estado, que é a responsável de fato para opinar sobre o tema, já se posicionou favoravelmente à aprovação das contas da Fundação de 2015, o que corrobora a transparência do assunto", diz, em nota.

O Grupo Doria, por sua vez, nega a supervalorização. "Há uma tabela de preços praticada para todo o mercado e para cada cota, em cada evento, há valores a serem aplicados, de acordo as entregas, visibilidade e forma de participação, como é praxe no mercado para ações semelhantes."

"Assim como cada veículo de comunicação, como a própria **Folha de S.Paulo**, possui uma tabela com diferentes valores para cada um dos seus produtos", completa a nota.

O comunicado ainda afirma que não houve pagamento de valores por parte da fundação. "A emissora firmou acordo a partir de cota de media partner em modalidade permuta, o que corresponde a troca de serviços e/ou produtos entre as partes envolvidas, de maneira transparente, com as devidas documentações e comprovações de entrega."

O comunicado finaliza lembrando que há duas décadas a empresa promove eventos para "estimular o networking entre o setor produtivo e o diálogo com o segmento público".

"Todos os eventos contam com participação de veículos como media partner", diz.

Já a Fundação Padre Anchieta afirmou que a permuta foi uma decisão técnica colegiada da direção, com aprovação da assessoria técnico-jurídica.

"A permuta de serviços por espaço publicitário é recurso corriqueiro na área de mídia, na qual não há gasto de recursos financeiros para nenhuma das partes. Ao contrário dos números indicados pela reportagem, sempre se avalia o horário de exibição, audiência e a disposição na grade de programas, além da contrapartida na permuta", afirma a fundação, em nota.

A entidade diz ter prestado esclarecimentos ao Tribunal de Contas "para demonstrar a completa regularidade da permuta e que não houve nenhum prejuízo à instituição".

O comunicado afirma ainda que o assunto se refere a prestação de contas antes da atual gestão da fundação.

# Reviravolta sobre disputar reeleição gera crítica a Eduardo Leite

Geórgia Santos

**PORTO ALEGRE** A sinalização de que Eduardo Leite (PSDB) pode concorrer à reeleição no Rio Grande do Sul gerou críticas de adversários e partidos da base que já trabalhavam com a ideia de candidatura própria no estado.

Depois de se dizer contra a reeleição em diversas ocasiões, o tucano admitiu a possibilidade de tentar um segundo mandato durante evento do PSDB em Porto Alegre, no último sábado (12). "Eu não me furtarei de cumprir o meu papel neste processo", disse.

O Rio Grande do Sul nunca reelegeu governadores e, no período democrático, um mesmo partido nunca venceu duas eleições seguidas. É o único estado no país que não reconduziu um governante ao cargo desde que a reeleição foi instituída, em 1998.

A tentativa de reeleição tem "queimado" políticos gaúchos.

Olívio Dutra (PT), eleito governador em 1998, quis se reeleger, mas perdeu as prévias no partido para Tarso Genro, que saiu derrotado por Germano Rigotto (MDB), em 2002.

Em 2006, Rigotto ficou em terceiro lugar, de fora da disputa pelo segundo turno na tentativa de reeleição, e Yeda Crusius (PSDB) se tornou governadora. Na tentativa de se reeleger, a tucana perdeu para Tarso Genro (PT), eleito em primeiro turno em 2010.

Em 2014, quando tentou o segundo mandato, o petista foi derrotado por José Ivo Sartori (MDB). E o emedebista, por sua vez, foi vencido por Eduardo Leite, que, contrariando expectativas, chega na disputa com força.

Depois de regularizar o pagamento dos servidores após 57 meses de salários parcelados, Leite está entre os 13 governadores que concederam, neste ano de eleições, reajuste salarial a uma categoria ou mais de servidor estadual, segundo levantamento da Folha.

Pré-candidato do PT ao governo do RS, o deputado estadual Edegar Pretto disse que a mudança de opinião do tucano não o surpreende.

"Na campanha, quando candidato, um discurso que ele fez no segundo turno para pegar votos do nosso campo democrático foi garantir que ele não privatizaria a Corsan [Companhia Riograndense de Saneamento, privatizada no ano passado]", disse. "Então, tem esse calote eleitoral na palavra. Não me surpreende agora ele de novo voltar atrás e dizer que pode concorrer."

O ex-deputado Beto Albuquerque (PSB) criticou publicamente a possibilidade de o tucano ter mudado de ideia. "Então temos agora uma nova vertente na política do RS. Movimento e pressão, inclusive da mídia, para que seu político descumpra a sua palavra! É incrível a normalização da perda dos valores em se tratando de poder", escreveu no Twitter.

Eduardo Leite (PSDB) durante prévias presidenciais do partido, em Brasília Adriano Machado - 27.nov.21/Reuters

"Eduardo Leite mente! Depois das promessas vazias de campanha, ele está cogitando voltar atrás em outra promessa: não tentar a reeleição. Depois que não conseguiu ser pré candidato à presidência, agora interessa tentar mais um mandato no RS. Como confiar em uma pessoa sem palavra?", postou em uma rede social a deputada estadual Juliana Brizola (PDT).

Os partidos da base que trabalham com a ideia de candidatura própria foram pegos de surpresa. "Surpreendeu porque ele era o primeiro a dizer que era contra o instituto da reeleição", explicou Celso Bernardi, presidente do Progressistas no estado.

Mas a notícia não muda os planos da sigla, que deve apostar na candidatura do senador bolsonarista Luis Carlos Heinze (PP-RS) para o governo do estado.

Já o MDB pode abrir mão da candidatura própria, embora essa não seja a posição oficial. Há poucas semanas, a sigla estava dividida entre os nomes do deputado federal Alceu Moreira (MDB-RS) e do deputado estadual Gabriel Souza, mas decidiu-se que uma disputa racharia o partido.

O presidente em exercício da sigla no estado e prefeito de Rio Grande, Fábio Branco, disse que a convenção do partido foi antecipada para este domingo (20) para que o novo diretório conduza o processo.

Internamente, porém, a opinião que prevalece é a de que o MDB não consegue vencer as eleições sem o apoio do PSDB, o que reforça a possibilidade de o partido indicar o vice.

O presidente do PSDB no estado, deputado federal Lucas Redecker (PSDB-RS), afirma que o partido vai trabalhar até o último momento para que Leite concorra à reeleição.

"A gente respeita a posição dele, de não concordar com o instituto da reeleição, mas ele não tem poder de mudar isso, quem muda é o Congresso Nacional. E se a reeleição é válida, ela se torna importante para a continuidade do trabalho."

Eduardo Leite deve se decidir até o final de março. Sua assessoria disse que ele "não falou em nenhum momento sobre concorrer à reeleição".

"Leite tem recebido, de parcela representativa da sociedade e dos seus apoiadores, manifestações e apelos para que concorra. O governador apenas referiu que não se eximirá no processo e atuará, como líder político, em favor da continuidade da gestão que superou a crise e que está transformando o estado", encerra a assessoria.

# A ressaca da utopia digital

Ao contrário do sonhado, a vida online nos deixou mais briguentos

**Joel Pinheiro da Fonseca**
Economista, mestre em filosofia pela USP

*Acho que foi em fins dos anos 1990. Um artigo numa revista semanal trazia a seguinte previsão: com o advento da internet, a rede mundial de computadores, a informação tornou-se mais abundante e acessível. Com acesso instantâneo a tanta informação, divergências seriam cada vez mais rapidamente sanadas.*

*Eu e você discordamos sobre uma política? Ora, é só checar os dados de sua aplicação aqui e em outros lugares. Com cada vez mais dados disponíveis, as opiniões tenderiam a convergir. Algo inquietou meu coração adolescente naquela visão de futuro, tanto que lembro dela até hoje. Então era assim que a liberdade morreria?*

*Essa foi só uma dentre tantas utopias que visionários da tecnologia projetaram. Talvez o documento mais simbólico do entusiasmo digital tenha sido a publicação em 1996 de "Uma Declaração de Independência do Ciberespaço", do americano John Perry Barlow, fundador da Electronic Frontier Foundation.*

*"Estamos criando um mundo em que todos podem entrar sem privilégios ou preconceitos atribuídos a raça, poder econômico, força militar ou nascimento. Estamos criando um mundo onde qualquer um, em qualquer lugar pode expressar suas crenças, não importa quão singulares, sem medo de ser coagido ao silêncio ou à conformidade."*

*O sonho da ágora global, da completa liberdade que levaria à colaboração universal, era muito forte. E conheceu várias versões. Mais recentemente, as redes sociais engendraram uma nova rodada de utopismo.*

*Clay Shirky, entusiasta das redes, viu nelas a ferramenta para cooperação global que derrotaria o autoritarismo e acabaria com o monopólio do conhecimento, conforme argumentou em "Lá vem todo mundo: o poder de organizar sem organizações" (publicado originalmente em 2008).*

*Esse otimismo progressista encontrava seus motivos: as redes foram centrais na campanha vitoriosa de Obama; e foram decisivas para a mobilização de jovens no Egito na "primavera árabe". Jovens, democracia, redes, poder; como poderia dar errado?*

*Mas deu. Hoje em dia, os únicos que ainda insistem no caráter colaborativo e construtivo das redes sociais são seus proprietários. Disse Mark Zuckerberg em sua carta pública de 2021: "Em nosso DNA, construímos tecnologia para juntar pessoas. O metaverso é a próxima fronteira em conectar pessoas, assim como foi a rede social quando começamos".*

*O futuro próximo dirá se "metaverso" envelhecerá tão bem quanto "ciberespaço", mas o presente já nos mostra que as redes se mostraram excelentes para fustigar e até derrubar tudo o que aí está — qualquer coisa identificada como "o sistema", toda forma de processo institucional — mas péssimas em promover consenso e colaboração em larga escala.*

*Ao contrário das utopias sonhadas, a vida online nos deixou mais briguentos, aumentou nossas divergências, alimentou o ódio a identidades políticas diferentes e tem até limitado nossa liberdade de expressão.*

*Dados e fatos, justamente por serem tantos e tão desencontrados, nos afogam. Não é que o homem busque dados e, com base neles, confirme ou corrija suas crenças. Cada um de nós seleciona os dados mais convenientes para reforçar suas próprias narrativas explicativas da realidade. Quanto mais dados disponíveis, mais fácil fica esse trabalho.*

*Caminhamos para a divergência final, que abre mão dos meios democráticos e só pode ser resolvida com a violência. Meu coração já adulto continua inquieto: então é assim que a liberdade morrerá?*

| DOM. Elio Gaspari, Janio de Freitas | SEG. Celso R. de Barros | TER. Joel P. da Fonseca | **QUA. Elio Gaspari** | QUI. Conrado H. Mendes | SEX. Reinaldo Azevedo, Angela Alonso, Silvio Almeida | SAB. Demétrio Magnoli

A senadora Simone Tebet (MDB-MS) durante evento em SP Mariana Bergamo - 28.jan.22/Folhapress

# Tebet aposta em União Brasil, fuga de estados do PT e divisão tucana

Dirigentes do MDB dizem que tratativas para formar federação com partido recém-criado estão avançadas

**Renato Machado e Julia Chaib**

BRASÍLIA O MDB passou a apostar suas fichas na formação de uma federação com a União Brasil, com o intuito de garantir alianças estaduais e assim fortalecer a pré-candidatura da senadora Simone Tebet (MDB-MS) à Presidência.

Em outra frente, a campanha de Tebet também busca avançar em território tucano e atrair o partido para a chapa.

Enquanto membros de peso do PSDB vocalizam e tentam aumentar a dissidência à pré-candidatura de João Doria, governador de São Paulo, Tebet envia sinais de proximidade ideológica com o PSDB.

Nesta terça-feira (15), o tema de uma candidatura única estará na pauta de uma reunião envolvendo os presidentes dos três partidos: Baleia Rossi (MDB-SP), Luciano Bivar (União Brasil-PE) e Bruno Araújo (PSDB-PE).

As tratativas para a formação de uma federação entre MDB e União Brasil evoluíram nos últimos dias, ao ponto de alguns caciques considerarem "praticamente fechada".

"O caminho mais provável da União Brasil é a federação com o MDB. Não sendo possível essa federação, vamos fazer aliança", disse Bivar. O mapeamento de estrategistas das duas siglas aponta que uma aliança é possível em 20 das 27 unidades da federação.

Emedebistas buscam avançar nas negociações nesses estados onde não há um antagonismo aberto entre os partidos e fogem dos estados de grande influência do PT —muitos membros do MDB são favoráveis a uma aliança com o ex-presidente Lula.

Dentre os estados mais problemáticos estão Pernambuco, Bahia e Amapá.

Na Bahia, por exemplo, o partido está dividido, com uma ala mais próxima de ACM Neto e outra ligada ao senador Jaques Wagner (PT-BA).

No Amapá o entrave seria o ex-presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União Brasil-AP), manda-chuva da União Brasil local e que articula sua reeleição ao Senado.

A situação de Alcolumbre vem se tornando desconfortável, com a perspectiva de a ministra Damares Alves (Mulher, Família e Direitos Humanos) disputar o Senado no estado.

Por outro lado, um estado tratado inicialmente como problemático, o Rio Grande do Sul, viu as condições se assentarem com a provável saída de Onyx Lorenzoni da União Brasil para o PL.

**O caminho mais provável da União Brasil é a federação com o MDB. Não sendo possível essa federação, vamos fazer aliança**

**Luciano Bivar**
presidente da União Brasil

Mesmo as divergências são tratadas como facilmente solucionáveis por dirigentes do MDB. Além de apoios estaduais, a federação com a União Brasil também tem o apoio de caciques na legenda, como o senador Eduardo Braga (MDB-AM), líder da bancada, e o ex-senador Romero Jucá (RR).

O senador Renan Calheiros (MDB-AL), embora defenda o apoio à candidatura do ex-presidente Lula caso Tebet não fique competitiva, também não se opõe à federação.

Em relação à parceria com os tucanos, os estrategistas emedebistas apostam que a contestada pré-candidatura de Doria pode chegar dizimada na janela partidária, em abril, tornando-se necessária uma aliança em favor de outro nome ao Planalto.

Neste cenário, apostam que a melhor saída para os tucanos será buscar a federação com a União Brasil. O PSDB também está em tratativas avançadas com o Cidadania para formar uma federação, mas isso não é visto como entrave por emedebistas.

Oficialmente, os negociadores do MDB não se envolvem nas questões internas do outro partido, mas contam com o apoio de alguns nomes de peso tucanos que vociferam contra a candidatura do governador paulista, em particular o senador licenciado Tasso Jereissati (PSDB-CE) e o José Aníbal (SP).

Ao mesmo tempo, Tebet faz gestos em favor da base tucana. Escolheu como marqueteiro Felipe Sotello, mais ligado à ala do senador José Serra (PSDB-SP). Sotello foi o responsável pela campanha vitoriosa pela reeleição de Bruno Covas (PSDB) à Prefeitura de São Paulo, em 2020.

A coordenadora da área econômica da campanha será Elena Landau, que atuou no governo do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (PSDB), como diretora do programa de desestatização e também no BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social).

Se por um lado a direção nacional do MDB entrou nas articulações, por outro ficou a cargo de Tebet tornar-se conhecida nacionalmente.

Na legenda, mantém-se a perspectiva de que ela precisa atingir dois dígitos nas pesquisas até abril para seguir na corrida. Pesquisa Datafolha em dezembro apontou que a congressista contava com 1% da intenção de votos.

Tebet esteve na cidade de São Paulo, onde visitou projetos sociais na favela de Paraisópolis, acompanhada do prefeito Ricardo Nunes (MDB), no dia 29 de janeiro.

Estão previstas para depois do Carnaval viagens para Sul e Nordeste no roteiro do que a senadora vem chamando de "caminhada da esperança". Ela também concede entrevistas para rádios regionais de diversas partes do país, para tentar se tornar conhecida.

Um parlamentar emedebista, no entanto, questiona a série de agendas para conhecer projetos sociais e para se reunir com membros da sociedade civil, enquanto outros pré-candidatos ganham destaque em fotos ao lado de políticos cujo apoio pode influenciar no resultado das eleições.

Pessoas posam em frente a logotipo do Facebook enquanto usam redes sociais em laptop e celular Dado Ruvic - 29.out.14/Reuters

# Anúncio eleitoral pago avança à margem da lei nas redes sociais

## TSE diz que mensagens veiculadas não necessariamente violam a legislação

**Patrícia Campos Mello**

NOVA YORK Embora a propaganda eleitoral só seja permitida pela lei a partir de 15 de agosto deste ano, existem ao menos 20 anúncios no Facebook e no Instagram que promovem a candidatura do presidente Jair Bolsonaro (PL), com a frase "Bolsonaro 2022" e pedido de voto ou apoio.

Essas propagandas, registradas na biblioteca de anúncios do Facebook, tiveram cerca de 700 mil visualizações de 1º de dezembro de 2021 a 3 de fevereiro de 2022.

Durante o mesmo período, foram registrados sete anúncios no Facebook promovendo a candidatura do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) com a frase "Lula 2022". Esses anúncios tiveram cerca de 45 mil impressões, como são chamadas as visualizações na plataforma.

Segundo levantamento da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e da Folha, entre os maiores autores de propaganda de promoção de candidaturas no Facebook estão políticos eleitos, muitos dos quais recebem recursos do fundo partidário ou dispõem de verbas de gabinete, além de páginas de partidos e grupos políticos.

"Brasil 35 - Santa Catarina apoia a reeleição de Bolsonaro 2022", diz o anúncio veiculado pela página que se identifica como Executiva Estadual do Partido da Mulher Brasileira (PMB) e fornece o endereço do site do partido. O anúncio teve alcance pequeno (4.000 impressões —sendo que 18% delas foram de usuários do Facebook em São Paulo, e apenas 5% em Santa Catarina).

Procurado, o PMB afirmou que, por meio de seu diretório nacional, não impulsionou propaganda política. "Essa atitude foi isolada, sem conhecimento do partido, e quando tomamos ciência destituímos, sumariamente, a comissão em Santa Catarina."

A deputada estadual Talita Oliveira (PSL-BA) publicou dez anúncios com os dizeres "BOLSONARO 2022! A voz do povo é a voz de Deus. Vamos mostrar a nossa força. Então diz aí: quem está conosco? Você irá apoiar o presidente Bolsonaro em 2022?". Segundo a informação do Facebook, ela gastou entre R$ 1.500 e R$ 2.000, e os anúncios tiveram entre 500 mil e 600 mil impressões (visualizações).

Apesar de Talita ser deputada estadual na Bahia, 23% das pessoas que visualizaram o anúncio eram de São Paulo, e apenas 7% da Bahia, segundo a plataforma.

Em nota, a deputada afirmou que os recursos utilizados para impulsionar o conteúdo foram privados, sem vinculação com o fundo partidário ou verba de gabinete.

Ela disse que os anúncios também buscavam atingir "baianos que residem em outras localidades, bem como para fins de aumentar o engajamento na rede social, por tratar-se de um posicionamento de caráter nacional."

Talita nega que se trate de propaganda extemporânea. "Não se trata de propaganda eleitoral antecipada, uma vez que não há pedido explícito de voto. Apenas perguntei aos meus seguidores e manifestei o meu desejo na reeleição do presidente na missão de reconstruir o nosso país."

A lei eleitoral estabelece que menção a candidaturas e exaltação das qualidades pessoais de candidatos não configuram propaganda antecipada, a não ser que haja pedido explícito de voto.

No entanto, segundo a advogada Marilda Silveira, professora de Direito Eleitoral no IDP e membro-fundadora da Abradep (Academia Brasileira de Direito Eleitoral e Político), a jurisprudência estabelecida pelo TSE considera que outras maneiras de solicitar votos, usando certas "palavras mágicas", também podem ser consideradas propaganda antecipada. As "palavras mágicas" são como pedir apoio e falar em manter no governo, continuidade do projeto.

Isso, diz Marilda, "é mais grave quando há recursos envolvidos, como em impulsionamento de conteúdo na internet". Além disso, durante a época de campanha, o anúncio só pode ser pago pelo próprio candidato, partido ou coligação, e não por terceiros.

"Se houver impulsionamento em massa, com injeção de recursos, isso pode desequilibrar a disputa."

A violação pode gerar multa entre R$ 5.000 a R$ 25 mil ao beneficiado, caso se comprove o conhecimento prévio.

Outro político que impulsionou anúncios que promovem Bolsonaro no Facebook foi Rodrigo Amorim, deputado estadual (PSL-RJ), que foi candidato a vice de Flávio Bolsonaro na eleição para Prefeitura do Rio em 2016.

Ele ficou conhecido por quebrar uma placa em homenagem à vereadora Marielle Franco um ano depois de ela ser assassinada e depois ter pendurado um pedaço da placa em seu gabinete.

Nos anúncios, o deputado afirma "O PABLO, EVITAR] Se já não bastassem todos os motivos pelo voto em Bolsonaro 2022, esse parece irrefutível: não ter o desprazer de ouvir o lixo musical do Senhor Pablo! #bolsonaro2022".

À Folha o deputado informou que usou verba de gabinete para o impulsionamento, que, segundo ele, se encaixa em "divulgação do mandato." Amorim diz ter gastado R$ 78 com este anúncio. Ele nega, porém, tratar-se de propaganda antecipada.

O deputado afirma que, à luz da Justiça Eleitoral, não pediu voto, apenas declarou a opção de votar em Jair Bolsonaro em 2022, algo que, segundo ele, tem declarado desde 1º de janeiro de 2019.

"Assim como declarei o voto de 2018 em Jair Bolsonaro desde o lançamento de sua candidatura, no ano anterior. Tal declaração é simplesmente uso da liberdade de expressão, e não pedido de voto."

No mesmo período, o anúncio pró-Lula com maior alcance era uma foto com os dizeres "Picanha, cerveja e Lula 2022", com 25 mil a 30 mil impressões, e custo de R$ 100 a R$ 199. O autor era Márcio Martins, ativista ligado ao PT.

Procurado, Martins disse que não considera se tratar de propaganda eleitoral. "Impulsionei a publicação para minha página crescer", disse.

Além disso, há anúncios eleitorais pagos por anunciantes não identificados —um deles mostra fotos de Bolsonaro com os dizeres 1ª via, 2ª via e 3ª via em 2022, e outro exibe um bebê dizendo "Lula Ladrão" e Bolsonaro 2022.

Os anúncios não foram declarados pelos anunciantes como propaganda política, então a biblioteca de anúncios do Facebook os suspendeu e não identifica quem pagou. No entanto os anúncios tiveram visualizações antes de serem removidos.

Para entrar na biblioteca de anúncios, que exige identificação dos anunciantes e informa alcance e público, os anunciantes precisam autodeclarar suas campanhas como políticas ou de eleições.

Depois, o Facebook usa inteligência artificial para detectar anúncios que não tenham sido declarados políticos mas se encaixem na categoria.

"O TSE precisa intervir e colocar claramente as regras para os candidatos do que pode acontecer se eles usarem as plataformas para fazer essas campanhas políticas. Se o TSE não se posicionar de forma clara, o árbitro dessa eleição não será o TSE, serão as plataformas", diz Rose Marie Santini, professora da Escola de Comunicação da UFRJ e diretora da Netlab.

Procurado, o TSE afirmou que "o caráter explícito [do pedido de voto] é um dado fundamental, pois, como regra, não se pune pedidos velados" e que as mensagens "não constituem, necessariamente, violações da lei eleitoral."

A corte informou também que, quando se trata de propaganda na internet, sua atuação se resume a violações formais (por exemplo, local proibido). "Não atuamos de ofício quando o problema tem a ver com o conteúdo. Nesses casos, eventuais denúncias recebidas são encaminhadas ao Ministério Público."

> Se houver impulsionamento em massa, com injeção de recursos, isso pode desequilibrar a disputa
>
> **Marilda Silveira**
> professora de Direito Eleitoral no IDP e membro-fundadora da Abradep

> O TSE precisa intervir e colocar claramente as regras para os candidatos do que pode acontecer se eles usarem as plataformas para fazer essas campanhas políticas. Se o TSE não se posicionar de forma clara, o árbitro dessa eleição não será o TSE, serão as plataformas
>
> **Rose Marie Santini**
> professora da Escola de Comunicação da UFRJ e diretora da Netlab

## O que você precisa saber sobre o Telegram

**1. Criado pelo 'Zuckerberg da Rússia' e vetado no país de origem**
Lançado em 2013, o Telegram foi fundado pelos irmãos russos Nikolai e Pavel Durov. Esse último já era conhecido como "Mark Zuckerberg da Rússia", por ter criado o VKontakte, a maior rede social do seu país. Pavel financiou o novo aplicativo, enquanto Nikolai trabalhou no desenvolvimento do protocolo em que o mensageiro é baseado.
A ferramenta chegou primeiro ao sistema iOS, em agosto de 2013. A equipe por trás da rede teve que deixar a Rússia, segundo o site oficial do Telegram, "devido às regulamentações locais de TI [tecnologia da informação]". O app foi vetado no país de origem após travar uma batalha contra o governo russo, que pedia a liberação de dados dos usuários. À época, o FSB, serviço secreto russo, apontava a criptografia do Telegram como um entrave ao monitoramento de terroristas no país. Longe das restrições do Kremlin, a empresa tentou estabelecer sede em Berlim, Londres e Singapura, até se fixar em Dubai, nos Emirados Árabes Unidos

**2. Mensagens sincronizadas**
O Telegram é um mensageiro que sincroniza as conversas em todos os dispositivos em que o usuário usa.
Ele permite enviar mensagens, fotos, vídeos e arquivos de qualquer extensão (.jpg, .png, etc), além de possibilitar criar grupos de até 200 mil pessoas ou canais sem limites de membros

**3. Crescimento de usuários**
Conforme mostrou a **Folha**, em 2018, apenas 15% dos celulares no Brasil tinham o Telegram instalado, número que cresceu para 45% em 2021. O mensageiro é o aplicativo que mais ganhou usuários no ano passado no mundo, segundo o levantamento do Top Breakout Chart, da App Annie

**4. Telegram X WhatsApp**
Tentar diferenciar o Telegram do WhatsApp, seu principal concorrente, pode render uma lista à parte. Em resumo, as principais diferenças se dão no armazenamento de arquivos e nas políticas de privacidade. Enquanto o WhatsApp só exibe arquivos salvos no dispositivo em que está instalado, o Telegram armazena o conteúdo em nuvem. Por isso, o aplicativo russo permite que usuários compartilhem itens de até 2 gigabytes, enquanto o mensageiro de Zuckerberg limita-se a 16 megabytes via celular e 64 megabytes via desktop. Quanto à política de privacidade, o Telegram não coleta dados pessoais dos usuários e não exibe anúncios, ao contrário do WhatsApp

**5. Bots para todos os gostos**
A ferramenta dos irmãos Durov também permite que desenvolvedores criem pequenos programas capazes de realizar as mais diversas funções por meio do mensageiro. São os chamados bots, palavra que deriva de "robot" —"robô", em inglês. Por meio desses programinhas, usuários podem cadastrar lembretes, baixar vídeos, traduzir frases para qualquer idioma, converter arquivos, encurtar uma URL e até mesmo transcrever mensagem de áudio. Não há uma loja de bots no Telegram, mas há boas dicas na internet. Para encontrá-los, basta pesquisar pelo nome na caixa de buscas do aplicativo

**6. Chats secretos e mensagens autodestrutivas**
Outro recurso do Telegram são os chats secretos. Ao contrário das demais conversas, eles não são armazenados na nuvem e só podem ser acessados a partir do dispositivo de origem. Essa função não permite encaminhar mensagens. Quando itens de um chat são apagados de um lado da conversa, o aplicativo do outro lado também será solicitado a excluí-los. Além disso, mensagens e arquivos trocados em um chat secreto podem ser programados para autodestruição em um determinado período depois de terem sido abertos pelo destinatário

**7. Competição para decifrar criptografia**
Ganha US$ 300 mil (R$ 1,57 milhão) quem comprovar que é possível decifrar a criptografia do Telegram e ter acesso a mensagens de terceiros. Trata-se de uma competição realizada pela equipe responsável pelo aplicativo desde 2014. Outro concurso oferece recompensas que variam de US$ 100 (R$ 525) a US$ 100 mil (R$ 525 mil) ou mais para quem fizer comentários sobre a segurança do Telegram que resultarem em uma mudança de código ou de configuração. Nesse caso, o valor do prêmio depende da gravidade do problema

**8. Mas e a Vaza Jato?**
A criptografia de ponta a ponta não é a definição padrão do Telegram. Isso significa que as conversas podem ser lidas e facilmente recuperadas pelo aplicativo, a menos que o usuário configure a ferramenta para se proteger. Foi a ausência dessa configuração que tornou possível a Vaza Jato. As conversas foram obtidas pelo The Intercept Brasil em 2019, após pessoas ligadas à investigação serem hackeadas

**9. Imbróglio judicial e representantes inacessíveis**
Com a popularização do Telegram, o Judiciário se deparou com um entrave: a rede não tem representantes jurídicos no Brasil e simplesmente ignorou as tentativas de contato feitas por autoridades brasileiras. Essa dificuldade faz com que o TSE não descarte a possibilidade de determinar o bloqueio do Telegram no país. As preocupações da corte se devem à pouca moderação e à estrutura propícia à viralização que o aplicativo oferece, combo perfeito para a disseminação de desinformação em massa

**10. App queridinho dos bolsonaristas**
Devido à pouca regulação do conteúdo que circula no aplicativo, o Telegram se tornou uma das ferramentas de comunicação queridinhas do presidente Jair Bolsonaro (PL). Lançado no início de 2021, o canal dele na rede ultrapassou 1 milhão de inscritos em outubro do mesmo ano. Candidato à reeleição, Bolsonaro lidera com vantagem o uso do aplicativo como ferramenta de comunicação com apoiadores. Enquanto isso, o líder nas pesquisas de intenções de voto para as eleições, Luiz Inácio Lula da Silva (PT), só criou um canal na rede em junho de 2021, que possui pouco mais de 47 mil inscritos. Em janeiro deste ano, Bolsonaro chamou de covardia o cerco ao Telegram. "É uma covardia o que estão querendo fazer com o Brasil". Apesar de não citar diretamente as ações do TSE contra o aplicativo, o presidente disse a apoiadores que está "tratando" disso

# mundo

“Eu acho que há sempre chance [de um acordo]. E me parece que nossas possibilidades estão longe de terem sido exauridas. Neste ponto, eu sugiro que continuemos a trabalhar nelas

**Serguei Lavrov**
chanceler da Rússia

Mantendo distância pelo fato de os ministros terem se encontrado com estrangeiros, Putin se reuniu com 1 Serguei Lavrov e 2 Serguei Choigu Alexei Nikolsky/Sputnik/AFP

## Rússia sinaliza que existe chance de acordo sobre Ucrânia com o Ocidente

EUA repetem risco de invasão iminente e transferem embaixada de Kiev para cidade a oeste

**Igor Gielow**

MOSCOU Com a crise entre a Rússia e a Ucrânia entrando em uma semana decisiva, o governo de Vladimir Putin emitiu sinais de abertura diplomática ao Ocidente. Ao mesmo tempo, o alarmismo do outro lado só aumentou, com os Estados Unidos movendo a sua embaixada de Kiev para Lviv, um bastião no oeste ucraniano.

A indicação é um padrão repetitivo, que reforça as suspeitas dos que acreditam que ele quer dizer que está pronto para a guerra, mas que de fato não pretende iniciar uma.

No raciocínio inverso, vocalizado por críticos do russo principalmente nos EUA e no Reino Unido, há o temor de que ele só esteja ganhando tempo para preparar uma ação militar contra o vizinho.

Seja qual for a verdade, a sinalização foi dupla, dada por ministros de seu governo em encontros televisionados no Kremlin —ou seja, havia a intenção de passar recado público.

No primeiro, o chanceler Serguei Lavrov afirmou que a Rússia deve continuar negociando com o Ocidente e que "há possibilidade de um acordo". Ele informou ao chefe que os EUA apresentaram "propostas concretas" para reduzir as tensões, mas que a Otan (clube militar liderado por Washington) e a União Europeia ainda não seguiram tal caminho.

Depois de falar que a Rússia não deveria ser enrolada pelo Ocidente em suas demandas, que basicamente consistem em manter a Ucrânia fora da Otan e limitar a posição militar de membros ex-comunistas que aderiram ao bloco após 1999, ele foi ao ponto.

"Eu acho que há sempre chance [de um acordo]. E me parece que nossas possibilidades estão longe de terem sido exauridas. Neste ponto, eu sugiro que continuemos a trabalhar nelas", disse Lavrov.

Na sequência, Putin recebeu Serguei Choigu (Defesa), que jogou em dois campos. No da diplomacia, informou que "parte de nossos exercícios militares já está acabando", uma senha que pode significar alguma desescalada.

Desde novembro, Putin concentrou cerca de 130 mil soldados em torno da Ucrânia, incluindo aí 30 mil em manobras, agora, na Belarus e um exercício naval que começou sua fase ativa nesta segunda-feira (14) no mar Negro.

Se as tropas efetivamente voltarem a seus quartéis de origem, Vladimir Putin poderá afirmar que apenas fez o que havia prometido e o Ocidente, cantar alguma vitória.

O Pentágono, por outro lado, disse não ter visto nem um sinal claro de retirada. E acrescentou que o apoio que Putin recebe da China de Xi Jinping no caso ucraniano é "extremamente alarmante", nas palavras do porta-voz Jack Kirby. Para quem gosta de um enredo apocalíptico de Terceira Guerra Mundial, foi a primeira referência clara dos EUA contra a aliança Putin-Xi, que foi estabelecida formalmente há duas semanas.

Por outro lado, Choigu alertou para um incidente ocorrido neste fim de semana, quando forças russas baseadas em Vladivostok localizaram um submarino americano rondando águas territoriais de Moscou no Pacífico.

O Pentágono negou que a sua embarcação tenha sido afastada por um destróier russo, conforme chegou a circular na imprensa moscovita, mas o caso mostra que a tensão está em todo canto.

Dessa forma, a Rússia se mantém em aquecimento, por assim dizer, mas afirma ao Ocidente que a "invasão iminente" cantada pelos EUA ao longo da última semana não seria assim tão iminente.

A Ucrânia continua denunciando o alarmismo, bem ciente do dano econômico que sofre. Seu embaixador em Londres, contudo, teve de voltar atrás após ter dito à BBC que a questão da entrada na Otan poderia ser rediscutida —uma concessão para acabar com a crise agora, se real.

Ainda assim, Volodimir Zelenski nesta segunda-feira implorou aos oligarcas que eventualmente tenham deixado o país com medo de uma guerra que voltassem. "Voltem para seu povo e suas fábricas", disse, emulando o que vinha pregando nos últimos dias. A questão é que a fuga dos super-ricos é ainda uma lenda urbana: o site Urkainskaia Prada chegou a dizer que havia dezenas deles em fuga, só para ao menos dois importantes surgirem para negar.

Entretanto, o temor do alarmismo, em Washington, é bem palpável: o governo britânico convocou uma reunião de emergência, e mais embaixadas já estão reduzindo os seus contingentes em Kiev.

"A posição russa é o clássico caso em que se bate com uma mão e se afaga com a outra", diz o cientista político Konstantin Frolov em seu escritório em Moscou. Ele não acredita na invasão da Ucrânia nos termos ocidentais, mas não descarta alguma ação militar pontual envolvendo as áreas dominadas por rebeldes separatistas pró-Rússia no Donbass (leste ucraniano).

Um sinal nesse sentido foi dado pela Duma (Câmara Baixa do Parlamento), que iniciou oficialmente o debate para sugerir o reconhecimento das duas "repúblicas" rebeldes, de Lugansk e Donetsk.

Essa medida acarretaria grandes implicações, até porque Moscou já distribuiu 700 mil passaportes a cidadãos desses locais, que são majoritariamente russos étnicos.

Aí, seria esperar a reação ucraniana. Se fosse pela via militar, as repúblicas podem pedir ajuda militar a Putin —como seus líderes já sugeriram, já que apenas 10 mil dos 35 mil soldados por lá estariam em condições de batalha.

Nesse caso, o Kremlin diria que não invadiu, mas ajudou aliados, causando dano às Forças Armadas ucranianas e talvez criando clima para a instalação de um governo menos resistente a Moscou —ou o contrário, este é o risco.

Segundo os Acordos de Minsk, que estabeleceram um frágil cessar-fogo em 2015, os separatistas teriam direito a certa autonomia, o que na prática pode significar o fim das chances de entrada na Otan e na UE, seja por conflito territorial, seja por direito a veto em decisões do tipo.

Por esse motivo Kiev nunca os implementou, apesar de tê-los assinado, alegando coação à época. Atualmente, potências europeias como a França querem a adoção dos termos, que são deliberadamente vagos e favorecem a leitura russa.

Outro país envolvido neles, a Alemanha, resolveu entrar no jogo depois de Emmanuel Macron ter passado certa vergonha ao levar recados de Putin para Zelenski na Ucrânia, na semana passada.

O francês, ao menos, parece ter reconhecido o seu erro, e agora já adota uma posição mais objetiva conta os russos. Nesta segunda, o novo primeiro-ministro alemão, Olaf Scholz, visitou Kiev. Repetiu a ameaça de sanções à Rússia em caso de invasão e disse que não via justificativa razoável para a atividade militar de Moscou na fronteira.

Nesta terça-feira, irá encontrar-se com Putin. Ninguém espera nada de substantivo disso.

Os alemães são dos mais comedidos atores nesse drama todo, uma vez que eles têm grande interesse no gás natural russo que consomem —o duto Nord Stream 2 está pronto, só esperando esta crise passar para começar a operar.

## Tensão pela crise passa bem longe do cotidiano em Moscou

MOSCOU "Eu acho que aqueles ali são nossos", afirmou Iuri, esmagando qualquer distanciamento social com a reportagem ao se reclinar junto à janelinha do Boeing-737/800 que sobrevoava o mar Negro.

"Aqueles", no caso, eram uma concentração de pontos luminosos no escuro da noite não longe da costa da Ucrânia, segundo o mapa de navegação na telinha à frente.

Presumivelmente, eram navios de guerra russos preparados para uma semana de exercícios com tiro real naquela região. "Nossos", russos, é claro, mas com um certo desdém por parte do viajante da rota Istambul-Moscou.

Para o observador que acompanha a região, memórias nada agradáveis com o incidente de 2014, quando um Boeing-777 da Malaysia Airlines foi derrubado por um míssil antiaéreo sobre as áreas conflituosas do leste ucraniano, eram inevitáveis.

Exagero? Talvez, mas pouco antes do embarque o celular trazia a notícia de que a Ucrânia pediu a empresas aéreas que desviassem daquele trecho pelo qual passaria o avião da Turkish Airlines.

Iuri até brincou, em inglês macarrônico: "Se um dos nossos atirar num avião cheio de russos, já deu para Putin um motivo para a guerra. É só dizer que foram os ucranianos".

Humor discutível à parte, até hoje há debate sobre a responsabilidade do caso de 2014, amplamente atribuído a um operador inexperiente do sistema antiaéreo Buk emprestado pelos russos aos separatistas. Todos negam.

Isso dito, a reação de Iuri foi reproduzida em conversas esporádicas ao longo do dia com russos em Moscou, alguns ligados à área política e militar, outros não. A impressão geral, sem nenhuma precisão científica, é que o acompanhamento da crise é burocrático e filtrado pela mídia russa —as TVs são majoritariamente estatais.

Nos meios de comunicação locais, segundo os russos consultados, a narrativa é monocórdica: o Ocidente está atrás de uma desculpa para um conflito em torno da Ucrânia. Parece dar certo.

De acordo com uma pesquisa divulgada no ano passado pelo instituto Levada, um dos últimos realizadores independentes de sondagens do país, 48% dos russos acreditam que a culpa da crise na região é ocidental. No mais, não existe nenhum sinal visível de que a cidade é a capital de um país à beira de invadir outro, a crer nas palavras ditas dia após dia por autoridades em Washington.

As ruas centrais da capital russa estão mais vazias, cortesia do frio que anda em torno de zero grau e da pandemia, que tem afetado duramente o país com a nova onda da variante ômicron —insuficiente, entretanto, para fazer com que as máscaras sejam algo comum nas ruas, até por elas não serem obrigatórias em lugares abertos.

Nesta segunda-feira, a Rússia reportou um total de 180,4 mil novas infecções e 683 mortes. É, atualmente, o sexto país com mais casos diários registrados no mundo.

Mais objetiva e perceptível é a falta de turistas estrangeiros, resultado da combinação peste e frio. Na pista de patinação e no parque de diversões montados à frente do Kremlin, na praça Vermelha, famílias russas são maioria.

Pai de duas patinadoras iniciantes que se iniciam sobre o gelo por lá, Maxim Ivanov afirma que não tem medo de guerra. "Se acontecer, será algo localizado, longe daqui. Não acredito numa Terceira Guerra Mundial", acredita.

Já o cientista político Konstantin Frolov, que orbita um campo em que a tensão é tema de conversas, não crê em invasão. Mas diz que o mundo está muito mais perigoso hoje do que nos estertores da Guerra Fria, nos anos 1970 e 1980 nos quais ele cresceu.

"Ali, sabíamos que os Estados Unidos podiam nos destruir. Mas nós podíamos fazer o mesmo. Agora é tudo mais difuso", afirma, remetendo à doutrina MAD ("louco" em inglês, e também a sigla na língua para "destruição mutuamente assegurada"). IG

“Se acontecer, será algo localizado, longe daqui. Não acredito numa Terceira Guerra Mundial

**Maxim Ivanov**
morador de Moscou

O presidente da República, Jair Bolsonaro Adriano Machado - 27.jan.22/Reuters

# Bolsonaro vai à Rússia na mais arriscada viagem de sua Presidência

Mandatário visitará Putin no auge da crise da Ucrânia, mas planeja foco em fertilizantes

Igor Gielow

MOSCOU O presidente Jair Bolsonaro (PL) inicia nesta terça-feira (15) a viagem mais polêmica e arriscada de seu mandato até o momento, com uma curta passagem pelo centro da maior crise de segurança da Europa em décadas, a Moscou de Vladimir Putin.

Em meio ao que o Kremlin chama de histeria ocidental, os EUA dizem que uma invasão russa da Ucrânia é iminente e pode acontecer nesta semana. O próprio Bolsonaro e outras autoridades têm tentado diminuir a percepção óbvia da impropriedade do timing da visita, proposta por Putin no final do ano.

Evidentemente, não haveria como o russo ou o brasileiro saberem que esta seria uma semana tão decisiva na história recente da Europa, mas a sequência de recados dos EUA contra a viagem sugerem a fatura a ser cobrada.

A presença do brasileiro em meio à crise, sem uma visita casada a Kiev, tende a ser lida como um apoio tácito às exigências russas de evitar a entrada da Ucrânia na Otan e para resolver a questão das áreas separatistas pró-Kremlin no leste do país. Depois do encontro com Vladimir Putin, Bolsonaro visitará a Duma (Câmara baixa do Parlamento) e um fórum de empresários brasileiros e russos.

O presidente brasileiro chegará por volta das 16h desta terça a Moscou e deverá seguir direto para o hotel. Ele e sua comitiva entrarão na bolha anti-Covid do Kremlin.

Putin é notoriamente paranoico com a doença, e creditou à recusa de Emmanuel Macron em fazer um teste RT-PCR russo o fato de ter colocado o presidente francês na mesa gigante que virou memes na semana passada.

Todos na comitiva brasileira serão testados de três a cinco vezes ao longo da estadia - inclusive Bolsonaro. Jornalistas com acesso ao interior do Kremlin precisam produzir três resultados negativos nos dias que antecedem o encontro de Putin com Bolsonaro, na quarta-feira (16).

O evento ocorrerá depois de o brasileiro depositar uma coroa de flores no Túmulo do Soldado Desconhecido, no Jardim de Alexandre, que fica ao lado do Kremlin. Em 2017, na mais recente visita presidencial, Michel Temer ganhou um "Fora, Temer" gritado à distância por turistas.

É improvável que isso ocorra agora: Moscou está esvaziada de turistas, com números preocupantes de contaminação pela variante ômicron.

Depois, Bolsonaro e Putin se encontram e participam de um almoço mais ampliado com a comitiva. De ministros, estarão presentes ao encontro o chanceler Carlos França, Walter Braga Netto (Defesa) e Luiz Eduardo Ramos (Secretaria de Governo).

Houve um enxugamento profilático, também, da comitiva, da qual saíram Mário Frias (Cultura) e equipe. Eles viajariam sem uma agenda exatamente conhecida, mas desistiram depois de que foi revelado o custo de uma viagem igualmente sem propósito claro do secretário aos EUA.

Haverá também eventos laterais, como o encontro de Braga Netto e França com seus homólogos. Aqui, o tema da Ucrânia, acreditam diplomatas envolvidos na conversa, deverá ser mais explorado do que na conversa entre Putin e Jair Bolsonaro.

De todo modo, o discurso é único: o Brasil segue as resoluções das Nações Unidas, e a que fala especificamente sobre a situação no leste da Ucrânia pede uma saída negociada.

Não houvesse a crise de segurança, o tema predominante da agenda seria fertilizantes. A Rússia é líder mundial no campo, e a pandemia atrapalhou as cadeias produtivas, aumentando significativamente os preços internacionais.

Dos R$ 5,7 bilhões que o Brasil importou da Rússia em 2021, 60% corresponderam a insumos fosfatados e nitrogenados. Nas conversas prévias, iniciadas em visita de França e Tereza Cristina (Agricultura) no fim do ano, a ideia era estabelecer um contrato mais permanente para garantir o fluxo dos produtos ao país.

Os russos também deverão assinar a intenção de compra de uma fábrica de fertilizantes da Petrobras, para formalizar a parceria. Tereza, uma eventual candidata a vice na chapa de Bolsonaro assim como Braga Netto, não viajou porque contraiu Covid-19.

No caminho inverso, o Brasil exportou soja e outros produtos básicos, somando US$ 1,6 bilhão no ano passado.

> “O mundo todo tem seus problemas. Se você começar a querer resolver o problema dos outros... Se for possível, [se] minha palavra lá, de paz, for para ajudar, tudo bem
>
> **Jair Bolsonaro** presidente (PL), sobre sua viagem à Rússia

Outro campo que, pelas circunstâncias, ganha relevo é o da defesa. Haverá um encontro com integrantes das três Forças e do Ministério da Defesa em separado, mas ao fim ele é a sequência de um longo processo, iniciado em 1994, quando Brasília comprou mísseis antiaéreos portáteis Igla da Rússia. Em 2002, houve a formação de um comitê de alto nível para assuntos do setor, na esteira da tentativa de Moscou de vender caças Sukhoi-35 ao Brasil.

A cooperação é limitada - os russos ofertaram ao Brasil em três ocasiões desde 2012 o sistema antiaéreo Pantsir-S1, mas a compra foi rejeitada. Segundo afirmou à Folha o comandante da Força Aérea, brigadeiro Carlos Almeida Baptista, não faria sentido adquirir o produto sem antes ter uma doutrina definida.

De concreto, até o momento, houve a compra de um esquadrão com 12 helicópteros de ataque Mi-35M em 2012 — há rumores de que a FAB irá descontinuá-lo neste ano.

Isso mostra, contudo, que há nuances acerca da viagem de Bolsonaro, ainda que ele a tenha defendido com o argumento de que o russo é um "conservador" como ele e Viktor Orbán, o autocrático premiê húngaro que visitará no dia 17, na sequência do giro.

Há até algumas curiosidades. Quando Dilma Rousseff (PT) sofreu o impeachment em 2016, a imprensa estatal russa falava em "golpe". Nem tanto por afinidade, embora claramente houvesse uma boa relação de Moscou com o PT, mas mais porque a ressonância ideológica de qualquer derrubada de líder é malvista nos meios oficiais russos.

Bolsonaro, por sua vez, foi elogiado por Putin por suas "qualidades masculinas" pelo modo como enfrentou a infecção pelo novo coronavírus, sugerindo má informação do russo paranoico com a doença ante a irresponsabilidade sanitária de seu colega.

Seja como for, o Brasil hoje é considerado um pária em diversos fóruns mundiais, e certamente a foto de Bolsonaro com Putin não o ajudará, mas não se trata de algo inédito para um mandatário brasileiro.

Desde o fim da Guerra Fria, o Itamaraty sempre buscou nas relações com polos alternativos aos EUA uma forma de ampliar seu papel no mundo.

Nos anos de Luiz Inácio Lula da Silva (PT, 2003-2010), houve uma guinada mais radical para a dita diplomacia Sul-Sul, que podia ser encarnada no bloco Brics, que unia justamente Brasil, Rússia, China e Índia, em 2006 — a África do Sul chegou depois. Hoje o bloco é pálido ante a forte aliança entre Moscou e Pequim.

Mas a relação com a Rússia sempre teve destaque. Presidente que mais viagens internacionais fez, 139, Lula fez quatro ao país. Dilma Rousseff (2011-16), outras quatro, e Temer (MDB, 2016-18), uma.

## 'O mundo todo tem seus problemas', defende presidente

Mateus Vargas

BRASÍLIA Horas antes de embarcar para a Rússia, o presidente Jair Bolsonaro disse que o Brasil é um país soberano e tem assuntos comerciais e de defesa para tratar nesses encontros bilaterais.

"Temos assuntos para tratar sobre defesa, sobre energia, muita coisa. E o Brasil é país soberano. Vamos torcer pela paz lá, que dê tudo certo", declarou a apoiadores.

"O mundo todo tem seus problemas. Se você começar a querer resolver o problema dos outros, a gente... Se for possível, [se] minha palavra lá, de paz, for para ajudar, tudo bem", afirmou ele.

O vice-presidente, Hamilton Mourão (PRTB), reafirmou que a viagem não deve causar problemas ao Brasil. "O presidente da Argentina [Alberto Fernández] esteve lá [na Rússia], zero trauma", disse Mourão a jornalistas. Ele sugeriu que a tensão na região é "fruto das pressões de ambos os lados" e que "vai ficar nesse jogo de pressão".

# Entrevista para visto americano em SP pode demorar 10 meses

SÃO PAULO Com o fim das restrições impostas para frear a Covid-19 em boa parte dos Estados Unidos, em meio a um alívio no número de novos casos da doença, a procura por vistos para visitar o país fez disparar o tempo de espera para agendar uma entrevista.

Dos cinco postos disponíveis no Brasil, o consulado americano em São Paulo é onde se demora mais para agendar uma entrevista de solicitação para um visto de turismo ou negócios: 294 dias corridos, ou quase dez meses.

Em outras capitais a espera também é bem longa: leva-se 248 dias para marcar uma entrevista em Brasília, 232 dias no Recife, 227 dias em Porto Alegre e 183 dias no Rio de Janeiro, de acordo com os dados do governo americano.

Entre os fatores que explicam a demora estão a demanda concentrada por vistos — entre março de 2020 e novembro de 2021 os americanos não abriram agendamentos para o público geral — e a redução no número de funcionários forçada pela pandemia.

Após mais de um ano e meio com zero visto emitido para negócios e turismo, em dezembro, último dado divulgado pelo Departamento de Estado dos EUA, o país autorizou mais de 45 mil pessoas a entrarem em território americano como não imigrantes, retornando a patamares similares ao período pré-pandêmico. Os números foram publicados nesta segunda (14) pelo jornal O Estado de S. Paulo.

Segundo a representação diplomática americana no Brasil, o tempo de espera para um agendamento varia constantemente e está sujeito a uma série de variáveis como demanda, capacidade de atendimento dos postos, tipo de visto e novas vagas sendo abertas regularmente. O prazo para entrevista para vistos para estudantes e intercâmbio, por exemplo, pode demorar apenas um dia em São Paulo.

A orientação do governo americano é que mesmo quem só conseguiu agendar entrevista para daqui a meses continue acessando o sistema da embaixada para tentar uma remarcação em data mais próxima: br.usembassy.gov/pt/visas-pt/vistos-de-nao-imigrantes.

"De qualquer forma, sugerimos que as pessoas planejem suas viagens com antecedência", diz, em nota, o Consulado Geral dos EUA em São Paulo.

**0**
visto havia sido emitido para negócio e turismo nos Estados Unidos entre março de 2020 e novembro de 2021

**45 mil**
foram os documentos emitidos só em dezembro do ano passado

Com a demanda, a espera por uma entrevista pode chegar a

**294 dias** no consulado de São Paulo

**248 dias** no de Belo Horizonte

**183 dias** no do Rio de Janeiro

Brasileiros que já têm o visto americano podem ter a entrada no país acelerada, sem passar por agentes de imigração, se fizerem parte do programa Global Entry, ao qual viajantes podem se candidatar desde o começo deste mês.

Pelo programa, viajantes pré-aprovados e considerados confiáveis pelas autoridades americanas passam a ter a liberação agilizada no controle de passaportes, no momento da chegada aos EUA. Em aeroportos previamente selecionados, os inscritos não passam pelos oficiais de imigração nem enfrentam filas, sendo deslocados diretamente para um quiosque automático ligado à iniciativa.

Para fazer parte do programa, voltado para viagens frequentes, é preciso fazer uma solicitação no site do Trusted Traveler Programs, e se submeter a uma verificação de antecedentes e a entrevista presencial. O valor da taxa é de US$ 100 (R$ 521) e a adesão é válida por cinco anos.

Já para quem quer de fato emigrar para os Estados Unidos o governo americano anunciou que há vagas de sobra para vistos de trabalho para profissionais com habilidades extraordinárias (visto na categoria EB 1) ou acima da média (EB 2) em várias áreas, como ciência, arte, educação, negócios e esportes.

Quem é aprovado nesses processos recebe um green card, como é chamada a permissão para morar e trabalhar nos EUA por dez anos.

# Contra atos, Canadá decreta estado de emergência nacional

## Protesto contra medidas sanitárias bloqueia capital e respinga na Europa

**GUARULHOS E SÃO PAULO** O premiê Justin Trudeau declarou emergência nacional no Canadá, nesta segunda-feira (14), o que permite ao governo usar a força para tentar acabar com os protestos de caminhoneiros que bloqueiam há mais de duas semanas as ruas centrais de Ottawa, capital do país.

A decisão precisa ser aprovada pelo Parlamento em uma semana, mas passa a valer no dia em que é publicada.

Trudeau é o primeiro líder do país a recorrer ao Emergencies Act, dispositivo criado na década de 1980 para substituir uma legislação de 1914 —o texto fora elaborado ainda no contexto da Primeira Guerra Mundial, para a proteção de segurança nacional durante o conflito.

A lei anterior só havia sido usada três vezes na história do país: nas duas grandes guerras e na chamada Crise de Outubro, quando em 1970 o grupo separatista Frente de Libertação do Quebec sequestrou um diplomata britânico.

O atual líder canadense vem sofrendo pressão dos EUA para acabar com os bloqueios.

Antes de o decreto ser emitido nesta segunda, na província canadense de Alberta policiais prenderam 11 pessoas que, segundo as autoridades, pretendiam usar de violência para apoiar o movimento antivacina dos caminhoneiros. Com elas, foram apreendidas 13 armas, grande quantidade de munição e um facão.

Além da capital, que tem atualmente cerca de 400 caminhões restringindo a circulação de pessoas e mercadorias, várias cidades do país também sofrem com os bloqueios, autodenominados "comboios da liberdade" contra medidas sanitárias, como a obrigatoriedade de um passaporte vacinal para a categoria.

Medidas locais e regionais já haviam sido tomadas contra os atos, como o estado de emergência na província de Ontário. A ponte Ambassador, elo importante entre Windsor, no Canadá, e Detroit, nos EUA, teve o tráfego liberado no final da noite deste domingo (13), após quase uma semana fechada pelos manifestantes.

Por esse ponto na fronteira passam cerca de 10 mil veículos comerciais diariamente, com 25% de todo o comércio entre os dois países.

Se na fronteira o fluxo começou a voltar ao normal, na capital Ottawa centenas de caminhoneiros entraram nesta segunda-feira na terceira semana de protestos. A administração local havia anunciado um acordo parcial com os líderes das manifestações no domingo que teriam se comprometido a deixar as áreas residenciais do centro em 24 horas.

Antes do decreto de Trudeau, o prefeito Jim Watson havia dito que a proposta faria com que os caminhoneiros deixassem uma região onde vivem 15 mil pessoas, mas que não seriam forçados a sair da Wellington Street, onde estão concentrados prédios da administração pública. "Minha preocupação tem sido dar algum alívio às pessoas que vivem nessas áreas."

Em repúdio ao que descrevem como impunidade, centenas de moradores organizaram contraprotestos, carregando cartazes com frases como "vão para casa, caminhoneiros" e "nossos vizinhos não merecem isso". Relatos da emissora pública CBC indicam que grupos de 200 a 500 pessoas se reuniram em diferentes pontos de Ottawa contra os bloqueios, em protestos chamados pelas redes sociais.

> Os bloqueios estão prejudicando nossa economia e ameaçando a segurança pública. Não podemos e não vamos permitir que atividades ilegais e perigosas continuem
>
> **Justin Trudeau**
> primeiro-ministro do Canadá

Causou estranhamento na população local a demora e a dificuldade dos policiais de Ottawa para conter os manifestantes. Em partes, a situação se deve à enxuta força policial da cidade. Município pequeno, com cerca de 1 milhão de habitantes, a capital do Canadá tem menos de 1.500 policiais —um agente para cada 667 moradores—, segundo números levantados pelo jornal The New York Times.

Soma-se a isso o fato de que alguns dos líderes do comboio são ex-policiais e veteranos do Exército. "É um nível totalmente sofisticado de manifestação", afirmou o chefe da polícia de Ottawa, Peter Sloly, durante entrevista coletiva na quinta-feira (10).

Em outra frente para tentar acalmar os manifestantes, o governo da província de Ontário, a mais populosa do país, anunciou que vai acelerar seu plano de flexibilização de restrições relacionadas ao enfrentamento da pandemia. De acordo com as autoridades, o passaporte vacinal será suspenso em 1º de março, e a partir desta quinta (17) bares e restaurantes poderão funcionar com suas capacidades máximas. O uso de máscaras, por outro lado, permanecerá obrigatório.

O primeiro-ministro de Ontário, Doug Ford, porém, ao menos publicamente evita atribuir o anúncio à pressão de manifestantes antivacina. Segundo ele, as flexibilizações serão possíveis em razão da queda de novas hospitalizações na região. "Dado o quão bem Ontário se saiu na onda da ômicron, podemos acelerar nosso plano de reabertura", disse.

Em Alberta, a partir desta segunda, alunos não serão mais obrigados a usar máscaras nas escolas. Na semana passada, a província também encerrou seu sistema de passaporte de vacinas e removeu limites de capacidade para locais pequenos.

Os protestos canadenses respingaram em outros países, especialmente os europeus. Após uma tentativa frustrada de realizar mobilização semelhante na capital francesa, Paris, centenas de veículos que participam de atos contra o passaporte sanitário seguem até a cidade de Bruxelas nesta segunda (14).

Quase 1.500 carros teriam se concentrado na cidade de Lille, perto da fronteira franco-belga, segundo a polícia local. Ao som de buzinas em um estacionamento, os participantes gritavam frases como "não cedemos a nada" enquanto exibiam a bandeira nacional francesa. "Vamos a Bruxelas para tentar lutar contra essa política de controle permanente", disse à agência de notícias AFP Jean-Pierre Schmit, 58, desempregado francês que participa da mobilização.

As autoridades belgas proibiram qualquer manifestação na capital Bruxelas com veículos motorizados. O prefeito da cidade, Philippe Close, anunciou que 30 veículos foram interditados nesta segunda quando tentavam seguir para a cidade. Já o premiê Alexander de Croo sugeriu na sexta que os manifestantes deveriam desistir de viajar a Bruxelas e recomendou que "protestem em seus países".

A polícia divulgou comunicados nas redes sociais que destacam a proibição de protestos com veículos e recomendam que os manifestantes não sigam de carro até Bruxelas. Os comboios devem ser direcionados a um estacionamento de um centro de exposições na periferia da cidade. Os participantes de um protesto similar em Haia, na Holanda, também anunciaram a intenção de seguir até a Bélgica.

Manifestantes e caminhões bloqueiam ruas em frente ao Parlamento, em Ottawa, contra a cobrança de medidas sanitárias pelo governo Blair Gable/Reuters

# 'Besuntado de Tonga' alerta para lenta recuperação do país um mês após tsunami

**Patrícia Pamplona e Pedro Lovisi**

**SÃO PAULO E BELO HORIZONTE** Um mês depois de um tsunami ter destruído boa parte de Tonga, o país ainda contabiliza seus danos. Há gargalos no fornecimento de água e itens de socorro, a comunicação ainda opera em níveis insuficientes, parte da população perdeu a fonte de renda e a chegada da Covid motivou severo lockdown.

O cenário é consequência da erupção do vulcão Hunga Tonga-Hunga Ha'apai, em 15 de janeiro, cerca de 65 quilômetros ao norte da capital Nuku'alofa. O episódio provocou um tsunami de 1,2 metro, segundo o Escritório de Meteorologia australiano. A erupção durou oito minutos e foi tão forte que foi ouvida "como um trovão distante" a mais de 800 quilômetros, nas ilhas Fiji.

Imagens de satélite capturadas cerca de 12 horas após a erupção mostraram que a ilha de Hunga Tonga-Hunga Ha'apai praticamente desapareceu, dificultando aos vulcanologistas monitorar a atividade.

Foram três vítimas em Tonga: uma mulher de 65 anos em Mango, um homem de 49 em Nomuka e uma britânica de 50 anos que morreu tentando salvar seu cachorro. As altas ondas do tsunami impactaram também comunidades pesqueiras no Japão, nos Estados Unidos e no Peru —onde duas pessoas morreram.

Pita Taufatofua, atleta de taekwondo que se tornou célebre como o "besuntado de Tonga", e realizou uma campanha para angariar fundos para recuperação do país, diz à Folha por mensagem que o fato de haver um número baixo de mortes é "um milagre absoluto". O esportista ganhou a alcunha ao desfilar como porta-bandeira nas Olimpíadas do Rio-2016 —depois repetiu a performance em Tóquio-2020 e nos Jogos de Inverno de Pyeongchang-2018.

Filho do governador das ilhas Ha'apai, ele estava na Austrália quando da erupção (ele se reveza entre os dois países). Sua família mora em regiões menos impactadas e sofreu apenas danos materiais. Até agora, sua campanha já arrecadou 833,5 mil dólares australianos (R$ 3,1 milhões), da meta de 1 milhão.

Taufatofua relata que o país vem se recuperando muito lentamente, com as telecomunicações ainda operando em níveis básicos, pois o cabo submarino ainda está danificado, e que áreas atingidas, principalmente as ilhas Ha'apai e parte de Tongatapu, estão destruídas. "As outras áreas onde o tsunami não atingiu foram danificadas pelas cinzas [da erupção do vulcão] e as chuvas recentes começaram lentamente a limpar isso", acrescenta o atleta.

Essas cinzas têm dificultado, também, a operação de voos de repatriação de e para Tonga, os quais devem ser retomados nesta terça-feira (15), de acordo com o Escritório Nacional de Gerenciamento de Emergências (Nemo, na sigla em inglês).

Nas regiões mais impactadas, comunidades enfrentam ainda dificuldades para obter renda, segundo o Escritório das Nações Unidas para a Coordenação de Assuntos Humanitários (Ocha, na sigla em inglês). Pescadores como Fangupo Latu, 74, tiveram seus barcos destruídos pelo tsunami, assim como a maioria das pessoas em sua aldeia, diz a agência da ONU.

A comunidade vivia da venda diária de peixes e, hoje, mesmo quem conseguiu manter seus instrumentos de trabalho não tem ido pescar devido aos avisos de toxicidade, conta Latu, em referência a temores relacionados às cinzas do vulcão.

> Eu vi o nível do mar subir ao longo dos anos... É muito triste. Infelizmente grande parte da mentalidade ao redor do mundo é: 'nós só vamos nos preocupar com isso quando acontecer conosco'. Bem, está acontecendo
>
> **Pita Taufatofua**
> 'besuntado de Tonga'

Para auxiliar os pescadores nessa questão, cerca de US$ 354 mil (R$ 1,8 milhão) do Fundo Especial para Atividades de Emergência e Reabilitação foram destinados a Tonga por meio da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO). O Comitê Nacional de Gerenciamento de Emergências também aprovou um financiamento específico para apoiar a redução no custo das licenças de pesca em alto-mar.

A Ocha, no entanto, aponta ainda desafios de médio e longo prazo em recuperação e segurança alimentar, além de uma preocupação sobre o retorno às aulas. A entidade afirma que a grande maioria das necessidades de emergência foram ou já estão sendo atendidas, embora ainda existam alguns gargalos no fornecimento de água e outros itens de socorro, principalmente em ilhas periféricas e outras áreas remotas. Tonga é um arquipélago formado por mais de 170 ilhas, 36 das quais, inabitadas.

Outra dificuldade já presente no país da Oceania é a chegada da Covid. Segundo a plataforma Our World in Data, de 2 a 13 de fevereiro, Tonga contou 72 casos da doença. Antes, o arquipélago havia registrado só um caso, em 29 de outubro do ano passado. Nos últimos sete dias, os pacientes com coronavírus saltaram de 7 para 73.

A onda de Covid-19 levou a um severo lockdown, até o dia 20 de fevereiro, na ilha principal Tongatapu, que inclui a capital, e em Vavau —outros lugares já suspenderam a medida. Lojas e serviços essenciais só podem abrir às terças e sextas-feiras, das 6h às 18h, para reabastecimento das casas.

Há ainda, um desafio maior e de longo prazo. O país ocupa o terceiro lugar no WorldRiskIndex 2021 entre os que correm maior risco de desastres naturais em todo o mundo, ficando atrás de Vanuatu e Ilhas Salomão. Com os eventos climáticos extremos se multiplicando por cinco nos últimos 50 anos, o arquipélago fica em situação ainda mais vulnerável. "Eu vi o nível do mar subir ao longo dos anos... É muito triste", relata o "besuntado". "Estamos tentando conscientizar, mas infelizmente grande parte da mentalidade ao redor do mundo é: 'nós só vamos nos preocupar com isso quando acontecer conosco'. Bem, está acontecendo."

mercado

# BNDES trava disputa com governo para frear devoluções ao Tesouro

## Banco diz que acelerar repasse de aportes feitos nos governos petistas causará prejuízo de R$ 14 bi

Idiana Tomazelli

BRASÍLIA O BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) quer negociar um novo calendário de devolução dos aportes feitos pelo Tesouro Nacional durante governos petistas e que foram considerados irregulares pelo TCU (Tribunal de Contas da União).

A instituição argumenta que teria um prejuízo de R$ 14 bilhões ao acelerar os pagamentos e deseja emplacar um ritmo mais lento para os repasses do que o inicialmente acordado com o Ministério da Economia, o que deflagrou uma nova queda de braço sobre o tema.

A medida compromete os planos da equipe econômica de agilizar o uso da verba para abater a dívida pública, que fechou 2021 em 80,3% do PIB.

Sem acelerar o cronograma, a União calcula que o prejuízo recairá sobre o erário, com uma fatura de R$ 13,4 bilhões (em valores atuais) até 2040.

O valor corresponde aos subsídios implícitos, que resultam da diferença entre os juros pagos pelo Tesouro para se financiar no mercado e as taxas menores cobrados nos empréstimos concedidos pelo banco de fomento.

O ministro Paulo Guedes (Economia) cumprimenta o presidente do BNDES, Gustavo Montezano Adriano Machado - 18.jul.19/Reuters

A determinação do TCU para que a instituição devolvesse os recursos buscava justamente reduzir o custo com esses subsídios, pagos com recursos públicos.

A discordância entre a Economia e o BNDES já motivou a frustração no valor devolvido pelo banco em 2021. O governo esperava repasse antecipado de R$ 100 bilhões, mas a instituição efetuou um pagamento menor, de R$ 63 bilhões.

Para este ano, o cronograma chancelado pelo TCU previa originalmente uma devolução de R$ 54,2 bilhões.

Como o repasse de 2021 foi menor, a Economia esperava um pagamento ao redor de R$ 60 bilhões em 2022, mas o valor ainda está em aberto.

"A gente imaginou que, ao final da consulta [no TCU], a gente teria um pouco mais de 'empowerment' [autoridade] para discutir, em especial com o BNDES, para ele fazer uma devolução um pouco mais robusta dos recursos que ele tem", disse o secretário especial de Tesouro e Orçamento, Esteves Colnago, em evento promovido pelo Credit Suisse em 1º de fevereiro.

"Estamos discutindo com o BNDES ainda, mas acho que esse número não vai chegar nem perto dos R$ 100 bilhões, talvez gire em torno dos R$ 60 e poucos bilhões [para 2022]", afirmou Colnago na ocasião.

Em novembro, o saldo devedor do banco era de R$ 90,1 bilhões. Depois disso, apenas um repasse adicional de R$ 1,5 bilhão ao Tesouro foi realizado.

> Estamos discutindo com o BNDES ainda, mas acho que esse número não vai chegar nem perto dos R$ 100 bilhões, talvez gire em torno dos R$ 60 e poucos bilhões [para 2022]
>
> **Esteves Colnago**, secretário especial de Tesouro e Orçamento, em evento promovido pelo Credit Suisse em 1º de fevereiro

Técnicos envolvidos nas discussões atribuem a mudança de postura do BNDES à pressão de funcionários para preservar o pagamento de PLR (Participação nos Lucros e Resultados). Historicamente, a AFBNDES, que representa os servidores da instituição, assume posição crítica em relação às devoluções.

O BNDES nega que essa seja a motivação. "Não há relação entre os dois temas." Segundo o banco, o entendimento do TCU é que "as amortizações dos empréstimos não devem penalizar a instituição repassadora dos recursos".

O presidente da AFBNDES, Arthur Koblitz, também diz duvidar da conexão entre os dois temas. "Parece implicância do governo federal com a política de participação nos resultados para funcionários de uma estatal."

No entanto, o próprio TCU tem investigações em andamento para apurar se os aportes do Tesouro no banco de fomento deram lastro ao pagamento de parcelas significativas de PLR aos funcionários.

De 2008 a 2014, o governo federal capitalizou o BNDES com aportes que ultrapassaram R$ 400 bilhões, em valores históricos. A medida viabilizou o que ficou conhecido como política de campeões nacionais, que financiou grandes empresas durante os governos petistas.

**Queda de braço entre governo e BNDES**

valor dos aportes do Tesouro Nacional no BNDES
Em R$ bilhões

valor das devoluções antecipadas do BNDES ao Tesouro
Em R$ bilhões

**R$ 90,1 bilhões**
É o saldo devedor dos contratos de aportes no BNDES declarados como irregulares pelo TCU

**R$ 13,4 bilhões**
é o valor dos subsídios que o governo precisará custear até 2040 caso o BNDES não faça as devoluções antecipadas

Fonte: BNDES e Tesouro Nacional
* Inclui R$ ... bilhões referentes à capitalização da Petrobras

No início de 2021, o TCU considerou os repasses irregulares, pois foram feitos fora do Orçamento, e determinou a negociação de um calendário para as devoluções.

Segundo a corte de contas, os pagamentos antecipados deveriam ser feitos mediante duas condições: preservação da segurança jurídica dos contratos de empréstimos concedidos (para evitar prejuízo aos tomadores) e observação dos requisitos mínimos de capital para um banco manter sua saúde financeira.

Inicialmente, o BNDES concordou com a devolução e aprovou os repasses de R$ 100 bilhões em 2021 e R$ 54,2 bilhões neste ano. Na época, o presidente do banco, Gustavo Montezano, disse ao portal Poder360 que a decisão obrigava "a devolver o dinheiro o mais rápido possível".

Em dezembro de 2021, em acompanhamento do TCU sobre a implementação das medidas, o BNDES argumentou que as antecipações (chamadas de "cronograma de melhores esforços") impõem perdas financeiras ao banco.

O prejuízo, segundo a instituição, significaria "indevida transferência ao BNDES do ônus decorrente da política econômica de subsídios adotada pelo governo federal".

O pedido foi a inclusão de uma terceira cláusula: que as devoluções não resultem em perdas financeiras.

O TCU acolheu os argumentos do banco e determinou nova negociação com a Economia em 30 dias. O prazo está suspenso porque o governo pediu reconsideração da decisão.

Com essa terceira cláusula, fontes do governo dizem que as devoluções serão feitas ao sabor dos desejos do banco, que terá o poder de definir a velocidade dos repasses.

No limite, o BNDES poderia efetuar pequenos pagamentos até 2040, quando se encerram os empréstimos concedidos com essa fonte de recursos.

À Folha o banco de fomento afirmou que a liquidação antecipada dos pagamentos obriga a instituição a atribuir um novo custo de captação aos recursos já emprestados.

Como esse custo é maior do que a taxa de juros paga pelo tomador, há prejuízo de R$ 14 bilhões, "com base nas condições atuais de mercado".

"Caso as condicionantes do cronograma-alvo não sejam alcançadas, o BNDES segue seu compromisso com o cronograma Retorno, aquele em que as devoluções estão condicionadas ao retorno das operações de crédito financiadas com recursos do Tesouro Nacional", disse a instituição.

Koblitz, da AFBNDES, disse que a decisão do TCU de cobrar novo cronograma "confirma que o tribunal não estava confortável" com a determinação anterior.

Para a associação de funcionários, os aportes não deveriam ser considerados irregulares, pois foram previstos em leis aprovadas no Congresso.

O Tesouro Nacional não havia se manifestado até a publicação deste texto.

# Mercado eleva projeção para juros a 12,25% ao fim deste ano

BRASÍLIA E SÃO PAULO | REUTERS O mercado elevou a perspectiva para a taxa básica de juros ao final de 2022, depois de o Banco Central ter deixado em aberto o rumo da Selic e em meio à pressão inflacionária, ao mesmo tempo que voltou a aumentar a projeção para a alta dos preços.

A pesquisa Focus divulgada pelo BC nesta segunda-feira (14) mostrou que os economistas consultados passaram a calcular a Selic agora a 12,25% no fim de 2021, ante taxa de 11,75% prevista na semana anterior. Para 2023 segue estimativa de Selic a 8%.

O BC elevou a Selic em 1,5 ponto percentual pela terceira vez consecutiva no início do mês, a 10,75% ao ano, indicando uma redução no ritmo de ajuste na próxima reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), em março.

Na semana passada, a ata do encontro mostrou preocupação da autoridade monetária com a adoção de políticas fiscais que buscam controlar a inflação a curto prazo, em documento interpretado por parte do mercado como duro, embora não tenha avançado em informações sobre o percentual de aperto monetário que será adotado na próxima reunião do colegiado.

O Focus apontou ainda que a expectativa para a alta do IPCA neste ano aumentou em 0,06 ponto percentual, indo a 5,5%, enquanto, para o ano que vem, segue em 3,5%.

O centro da meta oficial para a inflação em 2022 é de 3,5% e, para 2023, é de 3,25%, sempre com margem de tolerância de 1,5 ponto percentual para mais ou menos.

A inflação ao consumidor no Brasil iniciou 2022 em desaceleração, mas com a maior taxa para o mês de janeiro em seis anos, de 0,54%, indo a 10,38% no acumulado em 12 meses.

Para o PIB (Produto Interno Bruto), a estimativa de crescimento seguiu em 0,3% para 2022, mas caiu a 1,5% em 2023, de 1,53% antes.

Por outro lado, o mercado financeiro melhorou a projeção para o resultado primário das contas do governo federal em 2022, com estimativa também mais positiva para a dívida bruta no ano, mostrou relatório Prisma Fiscal divulgado nesta segunda-feira pelo Ministério da Economia.

De acordo com o documento, que coleta projeções com agentes de mercado sobre dados referentes às contas públicas, a expectativa para o resultado primário do governo central neste ano ficou em déficit de R$ 74 bilhões, ante rombo de R$ 88,7 bilhões projetado para o mesmo período no levantamento de janeiro. Em dezembro, a estimativa estava em R$ 95,5 bilhões.

O dado reflete uma melhora nas projeções para a receita líquida do governo neste ano com ampliação de R$ 1,64 trilhão no relatório anterior para R$ 1,65 trilhão na pesquisa deste mês. Houve aumento em menor proporção, na estimativa da despesa total do governo, de R$ 1,72 trilhão para R$ 1,73 trilhão.

Os analistas consultados pela pasta reduziram a expectativa para a dívida bruta do governo geral em 2021 para 83,55% do PIB, ante 84% na pesquisa de janeiro.

Para 2023, as projeções de mercado indicam déficit primário de R$ 58,3 bilhões no governo central, ante R$ 52,6 bilhões na estimativa trazida pelo relatório anterior.

A dívida bruta no ano que vem, segundo os prognósticos, deve ficar em 86% do PIB ante 86,2% previstos no mês passado.

# Governo vai ao TSE para ver se é legal reduzir preço da gasolina em ano de eleição

**Chefes da Casa Civil e da AGU e presidentes da Câmara e do Senado têm audiência com ministros após sugestão da área jurídica do Planalto**

**Marianna Holanda**

BRASÍLIA O governo Jair Bolsonaro (PL) e a cúpula do Congresso vão apresentar uma consulta formal ao TSE (Tribunal Superior Eleitoral) para esclarecer se é possível reduzir o preço do combustível sem ferir a lei eleitoral.

Como a **Folha** antecipou, os ministros Ciro Nogueira (Casa Civil) e Bruno Bianco (AGU), acompanhados dos presidentes da Câmara e do Senado, Arthur Lira (PP-AL) e Rodrigo Pacheco (PSD-MG), tiveram audiência virtual nesta segunda-feira (14), com ministros do TSE Edson Fachin, Luís Roberto Barroso e Alexandre de Moraes.

A reunião, que durou meia hora, foi para comunicar que a AGU apresentará a consulta formal. Os participantes do Legislativo e do Executivo, segundo relatos, enfatizaram a relevância social da medida.

A dúvida foi levantada pela equipe jurídica do Planalto, que teme que esse tipo de benefício possa ferir a legislação eleitoral no ano em que o presidente busca sua reeleição.

Integrantes do governo esperam um retorno à consulta o mais rápido o possível. Caso a corte eleitoral decida pela ilegalidade da medida, o debate sobre redução de combustíveis estará inviabilizado. E o ônus de interditar a medida popular ficará com o TSE.

Na audiência desta segunda-feira, o presidente da corte, Luís Roberto Barroso, disse que vai conceder ao tema a tramitação o mais célere possível, dentro dos requisitos processuais.

Nas duas Casas do Congresso, a redução no preço dos combustíveis é a principal pauta do momento. No governo Bolsonaro, também é tratada como prioridade.

Na Câmara, foi protocolada pelo deputado governista Christino Aureo (PP-RJ) uma PEC (proposta de emenda à Constituição) com aval do Planalto.

Já no Senado, surgiu uma outra, apelidada de "PEC Camicase" pela equipe econômica. Ela contou com o apoio de ministros do governo e do senador e filho do presidente, Flávio Bolsonaro (PL-RJ).

Recentemente, Lira passou a defender a aprovação do projeto que congela a cobrança de ICMS sobre combustíveis antes de o Congresso avançar na discussão da PEC que mexe nos tributos federais.

Na mesma linha, o presidente do Senado defendeu que a análise da PEC Camicase pode não ser necessária, priorizando os projetos que já estão em tramitação.

Auxiliares do presidente defendem que, com o aval do TSE, o ideal é que se vote junto o projeto do ICMS e a PEC dos Combustíveis.

As propostas de emenda à Constituição dividem parlamentares e integrantes do governo e por isso estão paradas, por ora. Já o projeto de lei que altera as regras do ICMS para combustíveis e o que estabelece um fundo para amortizar o preço do combustível estão mais avançados e entraram na pauta desta quarta (16) no Senado para serem votados.

Como a **Folha** mostrou, o relator de dois projetos na casa, o senador Jean Paul Prates (PT-RN), quer propor a instituição de uma alíquota uniforme de ICMS sobre o diesel, mas sua adoção seria opcional aos governadores.

A possibilidade de infringir a lei eleitoral ao conceder benefícios já havia sido levantada por técnicos da área jurídica do Planalto na ocasião do veto ao projeto de lei que pretendia abrir um programa de renegociação de débitos tributários para MEIs (microempreendedores individuais) e empresas do Simples Nacional.

O presidente estava decidido a contrariar a equipe econômica, que apontava risco de violação da LRF (Lei de Responsabilidade Fiscal) e de dispositivos da LDO (Lei de Diretrizes Orçamentárias) e da Constituição.

Quando técnicos da equipe de Paulo Guedes surgiram com a possibilidade de veto parcial, a área jurídica do Planalto identificou, a horas do prazo final do veto, possível incompatibilidade com a lei eleitoral.

A contragosto, Bolsonaro vetou o dispositivo. Depois, admitiu que não poderia correr o risco de ficar inelegível e defendeu que o Congresso derrubasse o seu próprio veto.

Procurado pela reportagem na época, o TSE (Tribunal Superior Eleitoral) disse que "pode se configurar como vedada a gratuidade do benefício —com ausência de contrapartida pelo beneficiário— e se for descartada a execução prévia em exercício anterior, conforme previsto no artigo 73, parágrafo 10, da Lei das Eleições".

"Porém, cabe ressaltar que essas questões são analisadas individualmente pela Justiça Eleitoral", disse o tribunal.

De acordo com Anna Paula Oliveira, advogada e membro da Abradep (Academia Brasileira de Direito Eleitoral e Político), a concessão de um benefício em ano eleitoral é caso clássico de conduta vedada, mas a proposta de redução do preço dos combustíveis, via PEC, é o que torna o caso específico complexo.

"Como a vedação [à concessão de benefício] é trazida pela Lei das Eleições e a Constituição é superior a uma lei, o desenho da PEC torna tudo mais diferente e complexo", afirmou a advogada.

"Mas, na minha visão, ainda há conflito de constitucionalidade, porque a Constituição resguarda o princípio da isonomia."

**PETROBRAS MONITORA TENSÃO NA UCRÂNIA, DIZ PRESIDENTE DA ESTATAL**

A Petrobras monitora a tensão entre Rússia e Ucrânia, que ocorre em momento altista para o mercado de petróleo, impulsionado também pela forte demanda global e oferta insuficiente, disse à Reuters o presidente da estatal, o general da reserva Joaquim Silva e Luna. O executivo afirmou ainda considerar improvável uma guerra, e que uma estabilização das tensões tem potencial de esfriar o mercado, algo que também é levado em conta pela companhia antes de qualquer movimento sobre preços de derivados. No ano, a alta do petróleo Brent de referência global supera 20%

# Distribuidoras pedem intervenção contra escalada dos créditos de descarbonização

**Nicola Pamplona**

RIO DE JANEIRO Distribuidoras de combustíveis de médio porte pedem intervenção do governo no mercado de Cbios, os créditos de carbono do setor, sob o argumento de que a escalada das cotações gera insegurança e problemas no fluxo de caixa das empresas, além de pressionar os preços dos combustíveis.

Na sexta (11), os títulos foram negociados na Bolsa de São Paulo a uma média de R$ 85,12. O valor representa alta de 45% ante o valor vigente no último pregão de 2021. É mais do que o dobro da média verificada naquele ano, de R$ 39.

O pedido de intervenção foi feito em carta enviada pela Brasilcom, federação que reúne distribuidoras de médio e pequeno porte, ao MME (Ministério de Minas e Energia) e à ANP (Agência Nacional do Petróleo, Gás e Biocombustíveis).

A entidade reclama que os elevados preços hoje representam uma transferência de riqueza do consumidor para os produtores de biocombustíveis, que emitem os Cbios para venda às distribuidoras de combustíveis.

Os títulos foram criados pelo programa Renovabio e têm o objetivo de incentivar a produção e o consumo de combustíveis menos poluentes do que os derivados de petróleo. Cada um equivale a emissões de uma tonelada de $CO_2$ na atmosfera.

Segundo o programa, as distribuidoras são obrigadas a comprar volumes de títulos equivalentes às emissões que suas vendas causarão. Para 2022, a meta de aquisição é de 36 milhões de títulos.

"Esses valores elevados, além de instabilidade, insegurança jurídica e concorrencial causada pela frágil e incipiente regulação financeira do Renovabio, resultam em desequilíbrio nos fluxos de caixa das distribuidoras", diz a Brasilcom, na carta.

"Além disso, geram impacto direto nos preços de venda aos consumidores, já que estes valores resultam em percentuais significativos das já reduzidas margens da distribuição." O setor calcula que o Cbio a R$ 80 represente R$ 0,06 por litro.

O cenário preocupa também as maiores distribuidoras de combustíveis do país, mas elas não têm se posicionado publicamente sobre o tema. As empresas questionam a falta de prazos para a emissão dos Cbios pelos produtores de biocombustíveis e fala em especulação com os títulos.

"Essa diferença entre obrigação de compra e não obrigação de oferta à venda levou o preço médio dos Cbios a aumentar em 73% a partir do início do ano de 2022, o que caracteriza pressão de demanda em mercado pouco ofertado ou sujeito a movimentos especulativos", diz a Brasilcom.

A entidade pede intervenção "urgente" no mercado, com análise das operações do posicionamento dos ofertantes dos títulos.

MME e ANP não haviam se pronunciado até a publicação deste texto. Na semana passada, o ministério dissera que o preço do Cbio é formado por mecanismos de oferta e demanda. "O aumento de preço se justifica pela maior procura pelo produto neste início de ano."

No texto, dizia ainda que não há falta de Cbios no mercado. Segundo o MME, há uma oferta de 12,9 milhões de Cbios, o equivalente a 35,7% da meta anual, considerando o volume que já foi comercializado e o estoque hoje em mãos dos emissores.

**O QUE SÃO CBIOS**

Cbios são créditos de carbono do setor de combustíveis

- Programa prevê que distribuidoras comprem Cbios para compensar a emissão de poluentes no consumo dos produtos

- Cada Cbio equivale à emissão de uma tonelada de carbono. As metas de cada distribuidora são calculadas de acordo com o volume de combustíveis fósseis que cada uma põe no mercado

## PAINEL S.A.

Joana Cunha
painelsa@grupofolha.com.br

### Sob nova direção

O novo presidente da Fiesp, Josué Gomes da Silva, que desde a posse, em janeiro, vem sinalizando diferenças marcantes em relação ao antecessor Paulo Skaf, recebeu lideranças sindicais na sede da entidade na semana passada. Miguel Torres, presidente da Força Sindical, e Sergio Nobre, da CUT, saíram da reunião com elogios a Josué e um discurso de esperança no diálogo. Torres diz que há muito tempo as centrais não eram recebidas pessoalmente pela presidência da Fiesp.

**MÃO DE OBRA** "Antes do governo Bolsonaro, Skaf ainda conversava. Depois, fechou as portas. Agora tem uma reabertura para o diálogo nas pautas conjuntas. Josué falou de temas como formação e descarbonização. Para nós, capacitação e fortalecimento da indústria são pontos importantes para elevar a base salarial", diz Torres.

**PRODUTIVIDADE** Nobre qualificou o encontro como grandioso. "O fato de Josué assumir e, já no início da gestão, fazer uma conversa com as principais centrais sindicais é muito simbólico. Com o grau de problemas que estamos vivendo no Brasil, precisando reindustrializar o país e gerar emprego de qualidade, é importante apontar caminhos para voltar a crescer. A Fiesp é um interlocutor muito importante. Isso é esperança", afirma.

**BERREIRO** Atingida pela operação-padrão da Receita Federal, a indústria de brinquedos começa a falar em parada das linhas de produção que levam chips, como as bonecas que choram ou dizem frases. A Abrinq, que reúne as fabricantes, diz que conversa com o governo para pedir que a liberação seja facilitada.

**LÁGRIMAS** "Não estão conseguindo entrar com os chips no Brasil. As bonecas não vão nem falar nem chorar, por falta de componente eletrônico", afirma Synésio Batista, presidente da Abrinq.

**CARGA ELÉTRICA** Após uma enxurrada de queixas de consumidores, o governo de Nova York pediu à concessionária de energia local Con Edison que revise seus preços. Nova-iorquinos têm reclamado do reajuste da conta de janeiro, que, segundo relatos, chegou a dobrar e até triplicar de valor.

**ESCURIDÃO** A governadora Kathy Hochul disse que os nova-iorquinos já estão sofrendo financeiramente devido à pandemia e, a última coisa que precisam, é de um salto na conta de serviços públicos. O senador Michael Gianaris pediu uma investigação aos órgãos reguladores. A Con Edison culpa o aumento global dos custos e a alta demanda com as temperaturas baixas.

**TAMPA** A multinacional francesa de eletroportáteis e utensílios de cozinha Groupe SEB, dona de nomes como Arno e Rochedo, decidiu trazer a marca Tefal de volta ao Brasil. Conhecida pela panela antiaderente, a marca já operava no país, mas saiu em 2017.

**AVENTAL** Com o retorno da Tefal, a empresa diz que a ideia é ingressar na categoria de presentes, um mercado com produtos de posicionamento mais premium, não explorado pela Rochedo. Uma panela de pressão da marca pode custar cerca de R$ 900.

**FOGÃO** O potencial deste mercado avançou após a quarentena, que elevou o interesse do consumidor por experiências gastronômicas na cozinha de casa e impulsionou a receita global do Groupe SEB em mais de 16%, para um recorde acima de 8 bilhões de euros.

**CONSUMIDOR** O Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro condenou em segunda instância um mercado da rede Assaí, em Jacarepaguá, a pagar R$ 30 mil por danos morais por uma abordagem de um segurança a uma criança negra. O caso aconteceu em 2019.

**PELE** Segundo o processo, um segurança do Assaí abordou de forma violenta um menino negro de dez anos, que estava na companhia dos pais fazendo compras. A criança ficou com marcas no pescoço.

**COR** A empresa já havia sido condenada em primeira instância, mas recorreu. Na decisão da última semana, a desembargadora afirmou que a abordagem foi racista, excessiva e feriu a Constituição, que prevê a proteção à infância. Procurado pelo Painel S.A., o Assaí não respondeu se pretende recorrer novamente. A empresa afirma que "vem se atualizando e evoluindo por meio de ações de sensibilização e recrutamento inclusivo."

**SACOLA** O cartão virtual que a C&A lançou em dezembro, após anunciar a separação de sua parceria de serviços financeiros com o Bradesco, chegou a 500 mil clientes, segundo a varejista. O tíquete médio das compras realizadas pelo C&A Pay ficou em R$ 236.

com Andressa Motter e Ana Paula Branco

## INDICADORES

**JUROS**
Jan., em % ao mês ● Mínimo ● Máximo

| | Mínimo | Máximo |
|---|---|---|
| Cheque especial | [illegible] | 8,0[illegible] |
| Empréstimo pessoal | 4,05 | 5,12 |

Fonte: Procon-SP

**CONTRIBUIÇÃO À PREVIDÊNCIA**
Competência janeiro

**Autônomo e facultativo**

| | | | |
|---|---|---|---|
| Valor mín. | R$ 1.212,00 | 20% | R$ 242,40 |
| Valor máx. | R$ 7.087,22 | 20% | R$ 1.417,44 |

[illegible]

**MEI (Microempreendedor)**

| | | | |
|---|---|---|---|
| Valor mín. | R$ 1.212,00 | 5% | R$ 60,60 |

| Assalariado | Alíquota |
|---|---|
| Até R$ 1.212,00 | 7,5% |
| De R$ 1.212,01 até R$ 2.427,35 | 9% |
| De R$ 2.427,36 até R$ 3.641,03 | 12% |
| De R$ 3.641,04 até R$ 7.087,22 | 14% |

[illegible]

**IMPOSTO DE RENDA**

| Em R$ | Alíquota, em % | Dedução em R$ |
|---|---|---|
| Até 1.903,98 | isento | |
| De 1.903,99 até 2.826,65 | 7,5 | 142,80 |
| De 2.826,66 até 3.751,05 | 15 | 354,80 |
| De 3.751,06 até 4.664,68 | 22,5 | 636,13 |
| Acima de 4.664,68 | 27,5 | 869,36 |

**EMPREGADOS DOMÉSTICOS**
Considerando o piso na capital e Grande SP

| R$ 1.298,31 | Valor em R$ |
|---|---|
| Empregado | [illegible] |
| Empregador | [illegible] |

[illegible]

# Governo ignorou pareceres que viam desoneração ilegal

## Documentos apontavam inconstitucionalidade de prorrogar medida que beneficia 17 setores da economia

Douglas Gavras

SÃO PAULO O governo de Jair Bolsonaro (PL) ignorou pareceres técnicos da Secretaria Especial da Receita Federal, da Procuradoria-Geral da Fazenda e uma recomendação do Ministério da Economia ao prorrogar a desoneração da folha de pagamentos no fim do ano passado.

Os órgãos haviam apontado inconstitucionalidade e ilegalidade na medida, segundo informações que estão em documentos solicitados por um grupo de tributaristas, por meio da LAI (Lei de Acesso à Informação), e obtidos com exclusividade pela Folha.

Em 31 de dezembro, Bolsonaro sancionou a lei que prorroga por dois anos a desoneração da folha de pagamento de 17 setores.

A política seria encerrada em 1º de janeiro, mas o texto que garantiu a extensão do programa foi publicado em edição extra do DOU (Diário Oficial da União).

A medida foi criada para reduzir os custos de contratação: em vez de as empresas pagarem 20% sobre a folha de salários, elas podem pagar alíquotas de 1% a 4,5% sobre a sua receita bruta.

Segundo parecer de 23 de dezembro de 2021, da Receita Federal, a recomendação era que a prorrogação fosse vetada por desrespeitar tanto princípios da Constituição quanto obrigações previstas na Lei de Responsabilidade Fiscal e na Lei de Diretrizes Orçamentárias.

"Por todo o exposto, recomenda-se que a Secretaria Especial da Receita Federal do Brasil proponha veto (...) por inconstitucionalidade e contrariedade ao interesse público, ao desrespeitar a vedação de diferenciação ou substituição de base de cálculo (...) e as normas orçamentárias previstas nos artigos 14 e 126 da Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF) e da Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO) para o ano de 2021, respectivamente", diz o texto da Receita.

O tributarista Breno Vasconcelos, sócio do escritório Mannrich e Vasconcelos e pesquisador do Insper, lembra que, em dezembro de 2020, o Congresso votou pela prorrogação da desoneração até dezembro do ano seguinte. Bolsonaro vetou a medida, e o veto foi derrubado.

"Na sequência, ele ajuizou uma ADI [Ação Direta de Inconstitucionalidade], usando os mesmos argumentos que agora, a Receita e a Procuradoria-Geral da Fazenda usaram para sugerir o veto integral dessa nova prorrogação do benefício", diz o tributarista.

Na ocasião, o presidente chegou a argumentar que não foi prevista uma medida compensatória para a renúncia fiscal e que a possibilidade de substituir a base da folha havia sido excluída na reforma da Previdência de 2019, mesmos pontos mencionados no parecer da Receita agora.

"A proximidade da eleição parece ter modificado a percepção sobre a questão fiscal", diz Vasconcelos.

Já a PGFN impôs sigilo ao seu parecer. Mas despacho posterior, assinado pelo Procurador-Geral da Fazenda Nacional, Ricardo Soriano de Alencar, aponta os motivos que fizeram com que o órgão também recomendasse o veto à continuidade da desoneração.

Segundo o documento, o veto poderia ser revisto, caso houvesse uma estimativa do impacto orçamentário tanto no ano em que ela entrasse em vigor quanto nos dois anos seguintes, além de medidas de compensação anulando os efeitos da redução de receita com a desoneração.

Em 31 de dezembro, o secretário-executivo do Ministério da Economia e que atuava como ministro da Economia substituto, Marcelo Pacheco dos Guaranys, também enviou um ofício e um despacho ao ministro-chefe da Secretaria-Geral da Presidência sugerindo o veto integral ao projeto de lei, por inconstitucionalidade e contrariedade ao interesse público. Os dois documentos têm como base as análises da Procuradoria-Geral da Fazenda e da Secretaria Especial da Receita.

A desoneração era uma demanda de empresários dos setores beneficiados, e o Congresso havia decidido prorrogar a medida até o fim de 2023, prazo que foi confirmado pelo presidente.

Fazem parte dos setores beneficiados o de calçados, call centers, comunicação, confecção e vestuário, construção, couro, fabricação de veículos e carrocerias, tecnologia da informação e transporte, entre outros.

Em entrevista em janeiro, Bolsonaro chegou a mencionar que havia divergido da Economia na questão das desonerações, ao expor diferenças com a equipe de Paulo Guedes. "Vencemos a questão da sanção da desoneração da folha, que interessava para vocês. Vencemos. A economia recomendou o veto. [...] deixar bem claro. É o meu governo."

Procurada, a Secretaria-Geral da Presidência da República disse que cabia ao Ministério da Economia comentar o assunto. A pasta, por sua vez, encaminhou a demanda à Receita Federal, que respondeu que não iria se manifestar.

A prorrogação da desoneração da folha divide especialistas em contas públicas e representantes de setores econômicos. Quem é favorável argumenta que a medida é importante para evitar demissões e perda de empregos, em um momento econômico delicado. Já os críticos argumentam que a medida é cara e traz baixa efetividade.

Além disso, na avaliação de Eloísa Machado, professora de direito constitucional na FGV, a violação do artigo 126 da LDO pode se configurar como crime de responsabilidade por parte do presidente.

"A Constituição dá à LDO especial importância, por ser o instrumento que revela as prioridades de investimento do Estado, a partir da contribuição de todos os brasileiros. É a máxima representação de nossas prioridades e de nossas escolhas coletivas, por isso, é permeada de controles e procedimentos."

Ela ressalta que a violação do artigo 126 da LDO apontada no parecer da Receita não é tangencial ou supérflua. "Fora das condições legais, a renúncia ou redução de receita deixam de ser legítimas e podem significar privilégios. Caso se confirme que as condições do artigo 126 da LDO não tenham sido cumpridas, pode-se sustentar que há, no caso, hipótese de crime de responsabilidade."

Já Rafael Mafei, professor da Faculdade de Direito da USP e autor de "Como Remover um Presidente", pondera que a recomendação de veto não é o mesmo que uma lei orçamentária e que a decisão de vetar ou não é prerrogativa do presidente. "Não vejo como daí possa resultar crime de responsabilidade."

O advogado, no entanto, diz acreditar que os pareceres serão úteis para quem quiser judicializar a questão. "Acho que eles atestam o descompasso político entre os ministérios ligados ao Orçamento, que parecem ter alguma preocupação com a qualidade das contas públicas, e o Executivo, que obviamente está menos preocupado com isso."

### Governo ignora pareceres técnicos

21 Por todo o exposto, recomenda-se que a Secretaria Especial da Receita Federal do Brasil proponha veto:

a) ao art. 2º do Projeto de Lei nº 2.541, de 2021, que altera os caputs dos artigos 7º e 8º da Lei nº 12.546, de 2011, por inconstitucionalidade e contrariedade ao interesse público, ao desrespeitar i) a vedação de diferenciação ou substituição de base de cálculo decorrente do disposto no §9º do art. 195 da Constituição Federal de 1988, e ii) as normas orçamentárias previstas nos artigos 14 e 126 da Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF) e da Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO) para o ano de 2021, respectivamente; e

b) ao art. 3º do Projeto de Lei nº 2.541, de 2021, que altera o § 21 do art. 8º da Lei nº 10.865, de 2004, por contrariedade ao interesse público, em decorrência da necessidade de coerência proposicional, tendo em vista a proposta de veto ao art. 2º do Projeto de Lei e a interdependência entre os preceitos.

DESPACHO Nº .../2021/PGFN-ME

Em atenção à demanda ... apresentada pela Assessoria Especial para Assuntos Parlamentares do Gabinete do Sr. Ministro da Economia ... [illegible]

Brasília, 31 de dezembro de 2021.

SECRETARIA-EXECUTIVA

DESPACHO

INTERESSADO: Ministro-Chefe da Secretaria Geral da Presidência da República

ASSUNTO: PL 2.541/2021: "Altera a Lei nº 12.546, de 14 de dezembro de 2011, para prorrogar o ... [illegible]

**23 dez 21**
Receita Federal emite parecer recomendando veto do presidente à prorrogação da desoneração, apontando inconstitucionalidade e contrariedade ao interesse público no Projeto de Lei

**31 dez 21**
Procuradoria-Geral da Fazenda manda despacho apontando a falta de impacto financeiro por três anos da medida e da falta de medida que compense a queda de arrecadação

**31 dez 21**
Secretaria-executiva do Ministério da Economia, a partir dos pareceres da Receita e da PGFN, recomenda o veto em documento enviado à Secretaria-Geral da Presidência

# Mais de 37 milhões entram no site de dinheiro esquecido

## BC cria calendário de liberações para descobrir o valor e pedir transferência

Nathalia Garcia

**BRASÍLIA E SÃO PAULO** O Banco Central informou que 37,3 milhões de consultas sobre dinheiro esquecido foram realizadas até as 18h30 desta segunda (14), no primeiro dia da volta do SVR (Sistema Valores a Receber), que permite saber se pessoas e empresas têm recursos a serem resgatados de instituições financeiras.

Ao todo, foram 36,5 milhões de CPFs pesquisados, somando 6,9 milhões com saldo. Entre os CNPJs, foram cerca de 808 mil consultas e 71 mil com valor a receber. Até as 12h desta segunda, 20,5 milhões de consultas tinham sido realizadas.

O órgão criou um calendário de liberação das transferências bancárias, que varia de acordo com o ano de nascimento do cidadão ou da criação da empresa. Apenas a partir da data definida será possível saber o valor exato que poderá ser resgatado. Para fazer a consulta, basta informar o CPF e a data de nascimento ou CNPJ e a data de abertura da empresa.

Para nascidos antes de 1968, as transferências poderão ser solicitadas entre os dias 7 e 11 de março. Já para nascidos após 1983, a liberação ocorrerá entre 21 e 25 de março. Há ainda um período de repescagem para quem perder a data definida.

O início da consulta começou antes do previsto. Às 22h45 deste domingo (13), já era possível saber se há dinheiro para receber ou não.

Na retomada do sistema, porém, foi possível fazer a consulta com um CPF ou CNPJ válido e qualquer data de nascimento ou de abertura da empresa aleatória. Nesses casos, a consulta mostrava que não havia valores a receber.

Segundo o BC, o sistema indica que não há valores a receber caso a data de nascimento ou de abertura da empresa tenha sido preenchida incorretamente. Com isso, o agendamento das operações não foi afetado.

A autoridade monetária informou que não houve registro de instabilidade no novo site. Em janeiro, a ferramenta SVR precisou ser retirada do ar após travar a página do BC pela alta procura.

Quem tem dinheiro a receber deverá retornar ao site na data informada no primeiro acesso e logar em sua conta gov.br, que deverá ter nível de segurança prata ou ouro, para solicitar a transferência dos valores. Após o pedido de transferência, o dinheiro deverá ser depositado via Pix, TED ou DOC em até 12 dias úteis.

Os principais recursos para subir o nível de segurança da conta envolvem o uso da biometria facial cadastrada em serviços do governo (como Denatran ou TSE) ou o acesso ao gov.br por meio de conta bancária já existente e, portanto, cujas informações pessoais já foram verificadas pela instituição financeira.

Além de criar uma conta bronze e transformá-la em prata ou ouro, também é possível realizar o cadastro no portal gov.br já nestes níveis de segurança, ao fazer o acesso ao gov.br utilizando as credenciais de seu banco.

Nessa primeira fase de saques, o BC estima a devolução de R$ 3,9 bilhões a 27,0 milhões de CPFs e CNPJs.

Rafael Fiuza, relações-públicas, é um dos milhões de brasileiros que tiveram uma boa notícia ao consultar a plataforma SVR nesta segunda (14). "É igual achar dinheiro perdido no bolso da calça. Se você não espera por ele, é sempre bem-vindo", afirmou.

Sem ter ideia da origem do dinheiro "esquecido", ele está curioso com o valor que terá direito a receber, ainda que espere um montante simbólico. "Não me recordo de contas encerradas com saldo disponível nos últimos anos, nem operações de crédito cobradas indevidamente. Portanto, não acho que seja um valor alto."

Fiuza só torce para que seja o bastante para pagar a próxima rodada de cerveja com os amigos. Para ter certeza de que o dinheiro será suficiente, terá de esperar até o dia 23 de março, às 14h, quando conhecerá mais informações. *Nathalia Garcia, Suzana Petropouleas, Luciana Lazarini e Ana Luiza Tieghi*

**É igual achar dinheiro perdido no bolso da calça. Se você não espera por ele, é sempre bem-vindo**

**Rafael Fiuza**
relações-públicas

### Calendário de liberações das transferências

Nessas datas quem tem dinheiro a receber saberá quanto poderá sacar e fará o pedido de transferência

| Data de nascimento (pessoa física) ou de criação da empresa | Período de agendamento (consultas e resgate) | Data de repescagem (para quem perder a data agendada) |
|---|---|---|
| Antes de 1968 | 7 a 11 de março | 12 de março |
| Entre 1968 e 1983 | 14 a 18 de março | 19 de março |
| Após 1983 | 21 a 25 de março | 26 de março |

**1** Consulte se possui valores a receber

Acesse o site **valoresareceber.bcb.gov.br**
Informe o CPF e a data de nascimento ou o CNPJ e a data de abertura da empresa

**Para quem tem valores a receber**, o sistema informará uma data para que retorne ao site e peça a transferência do dinheiro

- Há agendamentos para o período de 4h às 14h ou de 14h à meia-noite
- Se esquecer a data, basta fazer a consulta novamente para confirmar a informação

Quem não acessar o sistema no dia marcado ainda terá a opção de pedir a transferência no dia da repescagem

Quem não possui quantias a receber nesta etapa poderá fazer nova consulta no dia 2 de maio, quando será liberada a consulta à segunda etapa de pagamentos

**2** Se tiver dinheiro esquecido nos bancos, verifique seu cadastro Gov.br

Será exigido um cadastro Gov.br nível prata ou ouro para consultar os valores e transferir o dinheiro

**Crie seu login Gov.br**

O cadastro gratuito é feito no site **acesso.gov.br** ou pelo app **Gov.br** (Google Play e App Store)

Informe seu CPF, selecione as opções de Termo de Uso, Não sou robô e clique em **Continuar**

Como aumentar o nível de segurança da conta
Após acessar a conta no gov.br, clique na opção **Privacidade** e em seguida, em **Gerenciar lista de selos de confiabilidade** e autorize o uso de dados pessoais
A página mostrará o nível de segurança da conta e a lista de opções para "adquirir novas confiabilidades do gov.br", ou seja, aumentar a segurança

**Opções para obter nível prata**
1. Para quem tem a biometria já cadastrada no Denatran, o sistema dá opção de validação com esses dados
2. Em **Selos de Confiabilidade**, clicar em **Cadastro via Internet Banking do [nome do banco]** e seguir os passos do banco para acessar sua conta e validar os dados por meio do acesso da conta bancária

**Para obter nível ouro**
Opção para quem tem biometria cadastrada nas bases do TSE (Tribunal Superior Eleitoral)

**3** Descubra quanto você tem para resgatar e peça a transferência do dinheiro na data agendada

No dia definido, volte ao site **valoresareceber.bcb.gov.br** e logue no SVR com sua conta **gov.br nível prata ou ouro**

Acesse o sistema, descubra o valor disponível e solicite a transferência, informando uma chave Pix
- Se não tiver Pix, o usuário deverá ser contatado pelo banco em que optou receber o dinheiro para informar os dados da transferência via TED ou DOC. Atenção: o banco não pedirá senhas
- O dinheiro deve ser depositado via Pix, TED ou DOC pelo banco em até 12 dias úteis

Fonte: Banco Central

## Nova etapa de consultas poderá ser feita em maio

Quem descobriu que não possui quantias a receber no sistema liberado pelo BC poderá fazer nova consulta em 2 de maio.

Na primeira fase de saques, serão devolvidos os valores de contas-correntes ou poupanças encerradas com saldo disponível ou recursos de consórcios esquecidos, além de tarifas indevidas.

A partir da segunda fase de pagamentos, serão devolvidos os valores de tarifas cobradas indevidamente não previstas em termos de compromisso assinados pelo banco com o BC, contas de pagamento pré-paga e pós-paga, contas de registro mantidas por sociedades corretoras de títulos e valores mobiliários e por sociedades distribuidoras de títulos e valores mobiliários para registro de operações de clientes encerradas com saldo disponível.

# Saiba quanto o INSS paga em atrasados da aposentadoria

## Quem espera seis meses recebe até R$ 40 mil, com correção e juros; fila era de 1,8 milhão de pedidos até novembro

**Luciana Lazarini**

SÃO PAULO O trabalhador que está na fila do INSS tem direito de receber os atrasados no primeiro pagamento do benefício, que são os valores devidos desde o pedido da aposentadoria.

O Ieprev (Instituto de Estudos Previdenciários) calculou quanto o trabalhador pode receber em atrasados se esperar pelo pagamento de dois a seis meses. Os valores variam conforme o valor da aposentadoria concedida, com correção monetária pela inflação (INPC), além de juros pela demora, quando a espera ultrapassa os prazos definidos.

A fila de espera por benefícios do INSS acumulava 1,8 milhão de pedidos em novembro. O INSS não informou quantos brasileiros estão atualmente na fila à espera da aposentadoria e demais benefícios até a publicação desta reportagem.

Para uma espera de seis meses (contados desde agosto de 2021), os atrasados podem chegar a R$ 40.148,94 no caso de um segurado que teve uma aposentadoria pelo teto do INSS válido em 2021, quando o benefício foi solicitado.

Um acordo fechado entre governo e Ministério Público Federal e homologado pelo Supremo, válido desde junho de 2021, estabeleceu que o INSS pode demorar 90 dias para analisar pedidos de aposentadorias. Há ainda mais dez dias para tramitação do pedido, totalizando cem dias. Após esse prazo, o INSS é obrigado a pagar os atrasados com juros, além da correção monetária.

Segundo o advogado Wagner Souza, do Ieprev, para aposentadorias por idade e por tempo de contribuição, os juros contam a partir de cem dias de espera. "Tem um prazo ordinário de 90 dias. Caso seja ultrapassado, o processo deve ser transferido para a Central Unificada de Cumprimento Emergencial de Prazos, que tem mais dez dias para conceder o benefício sem o pagamento de juros. Passados cem dias de atraso desde o requerimento, as parcelas vão ter atualização por juros, mesmo que o benefício seja devido de maneira proporcional em algum mês."

> Antes o segurado podia indicar sua conta bancária para que fosse feito o depósito diretamente nela. Hoje em dia não há mais essa possibilidade
>
> **Wagner Souza**, advogado

Se o INSS ultrapassar os prazos, há a opção de entrar na Justiça com um mandado de segurança, que é um instrumento utilizado para que o Judiciário mande o INSS analisar o mais rápido possível aquele pedido.

O pagamento da primeira aposentadoria e dos atrasados devidos é feito em uma conta bancária criada especificamente para esse fim. "Antes o segurado podia indicar sua conta bancária para que fosse feito o depósito diretamente nela. Hoje em dia não há mais essa possibilidade."

Segundo o especialista, se o segurado quiser receber a aposentadoria na conta que ele já está acostumado a movimentar, no primeiro pagamento deverá ir à agência especificada pelo INSS na concessão do benefício para pedir a alteração da conta de destino da aposentadoria.

**Atrasados do INSS**

Veja quanto será pago de acordo com o tempo de espera e o valor do benefício

Em R$

| Valor da aposentadoria | Após 6 meses | Após 4 meses | Após 2 meses |
|---|---|---|---|
| 1.212,00 | 6.922,69 | [illegible] | [illegible] |
| 2.000,00 | [illegible] | [illegible] | 4.029,20 |
| 2.500,00 | [illegible] | [illegible] | [illegible] |
| 3.000,00 | 18.721,51 | [illegible] | [illegible] |
| 3.500,00 | [illegible] | [illegible] | [illegible] |
| 4.000,00 | 24.962,15 | [illegible] | [illegible] |
| 4.500,00 | 28.082,42 | [illegible] | [illegible] |
| 5.000,00 | [illegible] | [illegible] | [illegible] |
| 5.500,00 | [illegible] | [illegible] | 11.080,30 |
| 6.000,00 | [illegible] | [illegible] | [illegible] |
| 6.433,57 | 40.148,94 | [illegible] | [illegible] |

Veja como funciona o cálculo mês a mês para uma espera de seis meses

1º.ago.21 · set · out · nov · dez · jan.22 · 1º fev

Data de entrada do requerimento da aposentadoria · Data-limite para a concessão (considerando o prazo de 100 dias) · Data da concessão da aposentadoria

Em R$

Aposentadoria de **R$ 6.433,57**

| Competência | Valor* | Juros | Atrasados** |
|---|---|---|---|
| jan.22 | 6.748,81 | 0 | 6.748,81 |
| dez.21 | [illegible] | 65,12 | [illegible] |
| nov.21 | 6.534,97 | 65,96 | 6.600,93 |
| out.21 | 6.610,78 | 66,96 | [illegible] |
| set.21 | 6.690,11 | 67,97 | [illegible] |
| ago.21 | 6.748,98 | 68,74 | 6.817,72 |
| Total pago | | | **R$ 40.148,94** |

*Valor corrigido. **Com correção e juros
Fonte: Ieprev (Instituto de Estudos Previdenciários)

# Estrela pode manter Banco Imobiliário, mas precisa destruir Super Massa

**Daniele Madureira**

SÃO PAULO Uma reviravolta na desavença histórica entre as fabricantes de brinquedos Hasbro e Estrela. Em decisão do TJ-SP (Tribunal de Justiça de São Paulo) no dia 8, à qual a Folha teve acesso, a Estrela foi autorizada a ficar com as marcas Banco Imobiliário, Comandos em Ação e Senhora Cabeça de Batata, que estavam sendo requisitadas pela rival americana Hasbro.

Por outro lado, a brasileira terá que destruir os potes de massinha Super Massa porque a Justiça entendeu que eles remetem à marca concorrente Play-Doh, da Hasbro. Super Massa e outras 16 marcas registradas pela Estrela no Inpi (Instituto Nacional da Propriedade Industrial) deverão ser transferidas à Hasbro. Além disso, a Estrela foi condenada a pagar R$ 10 milhões em royalties à americana.

A Folha apurou que tanto Estrela quanto Hasbro devem recorrer ao STJ (Superior Tribunal de Justiça).

Estrela e Hasbro eram parceiras comerciais desde os anos 1970, quando a Hasbro fechou um acordo com a Estrela para que a brasileira lançasse os seus produtos no Brasil, com adaptações ao mercado local. Sendo assim, The Game of Life, por exemplo, virou Jogo da Vida, e Simon se tornou Genius.

# VAIVÉM DAS COMMODITIES

Mauro Zafalon
mauro.zafalon@uol.com.br

## Invasão da Ucrânia pela Rússia afetaria em muito o agronegócio brasileiro

O Brasil tem muito a perder com um potencial agravamento das tensões geopolíticas no Leste Europeu. Dois participantes de peso nos mercados mundiais de commodities, Rússia e Ucrânia têm grande importância nas exportações de milho, de trigo e de fertilizantes.

Os russos lideram as exportações individuais de trigo, com 35 milhões de toneladas por ano. Ficam atrás apenas do bloco da União Europeia, que soma 37,5 milhões.

Já a Ucrânia, um país que vem desenvolvendo rapidamente a produção de grãos, é a terceira maior exportadora mundial de milho, atrás dos Estados Unidos e da Argentina.

A safra de milho dos ucranianos já atinge 42 milhões de toneladas, bem acima dos 10 milhões de há uma década.

Juntas, Rússia e Ucrânia são responsáveis por 28% da exportação mundial de trigo e de 20% da de milho.

Uma invasão da Ucrânia pela Rússia elevaria ainda mais os preços mundiais das commodities agrícolas, já pressionados por aumentos de custos de produção, seca e quebra de safra em várias regiões.

A alta do milho até poderia beneficiar os produtores, uma vez que, se a safrinha ocorrer normalmente, o Brasil terá potencial de exportação de 35 milhões de toneladas.

O aumento internacional do trigo, porém, sustentaria os preços internos em patamares elevados e traria novos custos aos consumidores, uma vez que o Brasil é um dos maiores importadores mundiais desse cereal.

Os mercados internacionais já vêm reagindo às tensões no Leste Europeu. Os principais importadores, para garantir abastecimento interno, elevaram as compras, e os preços subiram em todos os mercados exportadores.

No Canadá, um dos importantes participantes do mercado externo, a tonelada de trigo já atinge US$ 405, US$ 14 a mais do que em janeiro.

O mercado brasileiro não suportaria novas altas internas de preços. A tonelada de trigo está em R$ 1.707 no Paraná, com evolução acumulada de 78%, em relação a fevereiro de 2020. No mesmo período, a saca de milho subiu 87%, atingindo R$ 97 na região de Campinas (SP).

O grande problema para o agronegócio brasileiro, se realmente ocorrer a invasão russa em território ucraniano, será o aumento dos custos de produção, vindo principalmente dos fertilizantes.

Estes voltaram para os patamares altos de uma década atrás, devido a tensões na Belarus e à interrupção ou à redução de produção em alguns países.

O Brasil importou 41,6 milhões de toneladas de fertilizantes no ano passado, e 22,4% desse volume veio da Rússia. Em valores, as compras totais nacionais somaram US$ 15,2 bilhões, com gastos de US$ 3,53 bilhões no mercado russo.

O Brasil é bastante dependente também das importações de potássio da Belarus, outro país que está sob sanções das grandes potências.

A China, segunda maior fornecedora de fertilizantes para o Brasil, participou com 15,2% na oferta desses insumos no ano passado.

O fornecimento russo de fertilizantes poderia não ser interrompido, mas sanções impostas pelos Estados Unidos e pela União Europeia encareceriam e dificultariam o fornecimento internacional.

O comércio do Brasil com a Ucrânia tem pouca importância para o agronegócio brasileiro, ao contrário do da Rússia. As exportações brasileiras de soja para os russos somaram US$ 473 milhões o ano passado; e as de carnes, US$ 321 milhões. Café e açúcar também estão no topo da lista das importações russas no país.

O conflito entre Rússia e Ucrânia tem efeitos sobre as commodities energéticas, metálicas e agrícolas, o que aumentaria ainda mais a pressão inflacionária no mundo, atualmente nos maiores patamares em dez anos.

A insegurança comercial afetaria ainda mais a recuperação da economia mundial, patinando desde o início da pandemia.

A China seria uma das beneficiadas com esse aumento de tensão. Líder mundial nas exportações de alguns tipos de adubo e de trigo, os russos teriam o mercado chinês para desovar parte desses produtos, e com preços mais competitivos para os chineses.

Conforme o Usda (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos), a produção anual de trigo da Rússia é de 75,5 milhões, com exportações de 35 milhões. A Ucrânia produz 33 milhões e exporta 24 milhões.

Já no milho, a importância da Ucrânia no mercado internacional é bem maior do que a da Rússia. Os ucranianos produzem 42 milhões de toneladas e exportam 33,5 milhões

# Lucro do BB sobe 51% em 2021 e vai a R$ 21 bi

Resultado recorde é atribuído à redução das despesas com provisões e ao crescimento da carteira de crédito e da margem

Lucas Bombana

SÃO PAULO O BB (Banco do Brasil) registrou lucro líquido ajustado de R$ 5,9 bilhões no quarto trimestre de 2021, crescimento de 60,5% na comparação com o mesmo período do ano anterior, segundo balanço divulgado nesta segunda-feira (14). Em relação ao terceiro trimestre de 2021, o lucro avançou 15,4%.

Já no acumulado do ano passado, a instituição financeira teve lucro recorde de R$ 21 bilhões, crescimento de 51,4% ante 2020.

Para 2022, o Banco do Brasil projeta um lucro líquido ajustado entre R$ 23 bilhões e R$ 26 bilhões.

De acordo com o banco, o resultado é explicado por menores despesas com provisões (-40,2%), crescimento da carteira de crédito e incremento nas receitas de prestação de serviços e na margem financeira bruta.

"Construímos o resultado histórico do ano passado a partir da busca por maior rentabilidade, da gestão da qualidade da carteira de crédito e do controle permanente de despesas", disse Fausto Ribeiro, presidente do Banco do Brasil, em nota.

A carteira de crédito encerrou dezembro em R$ 874,9 bilhões, evolução de 17,8% em bases anuais e de 7,4% na comparação trimestral.

Em linha com os pares privados, o banco projeta para este ano uma desaceleração no ritmo de crescimento da carteira, entre 8% e 12%.

Entre as pessoas físicas, o avanço da carteira de crédito foi de 4,5% na comparação com setembro, para R$ 265,6 bilhões. O resultado foi influenciado pela performance positiva em frentes como empréstimo pessoal (6,4%) e cartão de crédito (20,4%).

No caso das pessoas jurídicas, a carteira do banco cresceu 7,7% em bases trimestrais, para R$ 317,8 bilhões.

No agronegócio, a carteira cresceu 9,9% na comparação com setembro de 2021, para R$ 248 bilhões, com destaque para o avanço de 14,3% na área de custeio agropecuário e de 22% na de investimentos ao setor.

"Nos últimos anos, o agronegócio tem sido o setor da economia com maior dinamismo e resiliência. Ser o líder desse mercado nos garante receitas consistentes", afirmou o presidente do Banco do Brasil.

Já o índice de inadimplência do banco acima de 90 dias terminou dezembro passado em 1,75%, queda de 0,15 ponto percentual ante igual período de 2020 e de 0,07 ponto em relação a setembro de 2021.

A PCLD (Provisão para Créditos de Liquidação Duvidosa) somou R$ 3,79 bilhões no quarto trimestre, queda de 16,5% na comparação anual e de 3,4% na trimestral.

Em 2021, a CPLD da instituição financeira totalizou R$ 13,1 bilhões, queda de 40,2%. Para 2022, o banco projeta uma provisão entre R$ 13 bilhões e R$ 16 bilhões.

O RSPL (Retorno sobre o Patrimônio Líquido) do BB, indicador que mede a rentabilidade da operação da instituição financeira, avançou para 15,8% em 2021, ante 12% no final do ano anterior.

O banco aprovou o pagamento de R$ 2,3 bilhões aos acionistas em dividendos e juros sobre o capital próprio, relativos ao quarto trimestre de 2021.

Os valores pagos terão como base a posição acionária do próximo dia 2 de março.

**Banco do Brasil**

**Fundação** 1808
**Lucro líquido em 2021** R$ 21 bilhões
**Agências** 3.979
**Funcionários** 84.597
**Principais concorrentes** Itaú Unibanco, Bradesco, Santander e Caixa Econômica Federal

# O compromisso com o atraso e a má alocação de talentos

Agenda de crescimento econômico é também uma agenda de inclusão e diversidade

**Cecília Machado**

Economista-chefe do Banco BOCOM BBM e professora da EPGE (Escola Brasileira de Economia e Finanças) da FGV

Os últimos 50 anos testemunharam enorme convergência nas escolhas ocupacionais de diferentes grupos demográficos, como entre homens e mulheres e entre brancos e negros. Em 1960, 94% de médicos e advogados nos EUA eram homens e brancos. Em 2010, esse percentual caiu para pouco mais que 60% em ambas as ocupações.

Essa convergência se observa em profissões de alta qualificação e de alta remuneração, como em posições de diretoria e gerência e no setor de ciência, tecnologia, engenharia e matemática (Stem).

Se considerarmos que as habilidades inatas dos diferentes grupos demográficos são invariantes no tempo, a mudança na proporção de mulheres e negros em ocupações de alta qualificação revela que muitas mulheres e muitos negros talentosos da década de 1960 não estavam escolhendo (ou não puderam escolher) as ocupações de acordo com suas habilidades.

E, se a distribuição de talentos é idêntica entre os diferentes grupos, pode-se adicionalmente argumentar que a má alocação de talentos persiste nos dias de hoje, mesmo que em menor grau que no passado.

Possíveis candidatos à má alocação de talentos na economia são barreiras que impedem que a escolha profissional dos trabalhadores se dê de acordo com suas vantagens comparativas, como fricções no mercado de trabalho, empecilhos aos investimentos educacionais ou mesmo preferências distintas — relacionadas às normas sociais — entre os grupos demográficos.

A discriminação no mercado de trabalho, por exemplo, faz com que indivíduos de igual qualificação se deparem com diferentes chances de empregos e oportunidades de progressão na carreira.

Alternativamente, há inúmeras barreiras que aumentam os custos de investimentos para a qualificação na ocupação. Tais custos, considerados de forma bastante ampla, se referem tanto aos vieses implícitos de pais e professores no ensino e formação dos alunos quanto às restrições históricas nos acessos à educação, diferenças na qualidade da educação que é oferecida para brancos e negros ou diferenças em renda e escolaridade dos pais, que alteram o custo de investimento na educação de seus filhos.

Por fim, há também o papel das normas sociais nas preferências profissionais de mulheres e negros, como, por exemplo, a percepções de que o trabalho doméstico e o cuidado com os filhos são responsabilidades das mulheres.

Ao longo do tempo, as convergências em escolhas de mulheres e negros foram acompanhadas pela redução expressiva de muitas dessas barreiras, cabendo a importante pergunta: quanto do crescimento que observamos entre 2010 e 1960 pode ser atribuído à melhor alocação de talentos na economia?

Nos Estados Unidos, 40% do crescimento do PIB per capita entre 1960 e 2010 está associado à redução de barreiras na alocação de talentos (Hsieh, Hurst, Jones e Klenow, 2019). A decomposição do ganho mostra que grande parte dele vem da redução nos custos de investimentos educacionais e que reduções de fricções no mercado de trabalho também contribuem para o crescimento, ainda que em menor grau. Já as mudanças em normas sociais e preferências têm pouco poder explicativo para o crescimento no período em questão.

A alocação eficiente de talentos acrescenta um novo ingrediente aos modelos de crescimento econômico. Ganhos de produtividade, inovação tecnológica, criação e destruição de ideias e firmas, investimento em educação e a alocação do capital e do trabalho nos setores mais produtivos seguem sendo fatores importantes para o crescimento, mas não mais que a composição demográfica da força de trabalho e que a alocação eficiente de talentos nas ocupações de alta qualificação.

No Brasil, assim como nos EUA, houve bastante convergência na alocação de talentos entre grupos marginalizados, mas há espaço para melhoras. No setor Stem, apenas 26% dos empregos são ocupados por mulheres, enquanto 30% são ocupados por negros. Dos cargos de diretoria e gerência, 73% seguem sendo ocupados por homens.

A redução de barreiras para o melhor uso da força de trabalho de mulheres e negros não é apenas o certo a fazer, mas a melhor alocação de recursos na nossa economia. A agenda de crescimento econômico e da redução das desigualdades é também uma agenda de inclusão e diversidade.

DOM. Samuel Pessôa | SEG. Marcia Dessen, Ronaldo Lemos | TER. Michael França, Cecília Machado | **QUA. Helio Beltrão** | QUI. Cida Bento, Solange Srour | SEX. Nelson Barbosa | SÁB. Marcos Mendes, Rodrigo Zaidan

# Criptocasal de NY é divisor de águas em crimes com bitcoin

Dupla é acusada de formar quadrilha para lavar bilhões em criptomoeda

**Ali Watkins e Benjamin Weiser**

NOVA YORK, THE NEW YORK TIMES Quando hackers anônimos se infiltraram na Bolsa de criptomoedas Bitfinex em 2016, causaram um abalo no mundo incipiente da moeda digital, provocando especulações sobre quem poderia ter roubado o que eram então US$ 71 milhões em bitcoins.

Diferentemente das transações financeiras tradicionais, porém, as negociações de bitcoins são publicamente visíveis; movimentar as moedas poderia revelar quem estava por trás do assalto. E, assim, durante seis anos, à medida que o valor do bitcoin disparava, o roubo se tornou visível online, conforme pequenas frações da quantia gigante ocasionalmente desapareciam em uma nevasca de transações complexas.

Era como se o carro de fuga de um assaltante estivesse permanentemente estacionado em frente ao banco, bem trancado, com o dinheiro ainda dentro.

Então, no início deste mês, o carro saiu em disparada.

No mundo estranho e às vezes obscuro da criptomoeda, foi como um terremoto. Nos anos após a invasão da Bitfinex, a criptomoeda explodiu na corrente dominante e o roubo se tornou notório: uma bolada de mais de US$ 4 bilhões (R$ 21 bilhões). Finalmente parecia que os hackers tinham saído do esconderijo.

Mas não foram os hackers que moveram o bitcoin roubado. Foi o governo, que o apreendeu como parte de uma investigação sobre dois empresários da cidade de Nova York: um desconhecido emigrante russo e investidor em tecnologia e sua mulher, uma empresária americana e aspirante a influenciadora de rede social com uma segunda personalidade como rapper satírica chamada Razzlekhan.

Acusado de formar quadrilha para lavar bilhões de dólares em bitcoins, o casal Ilya Lichtenstein, 34, e Heather Morgan, 31, foi indiciado por desviar partes da moeda roubada e tentar escondê-la numa complexa rede de carteiras digitais e personagens da internet. Se forem condenados por esta e uma segunda acusação de conspiração, poderão pegar até 25 anos de cadeia.

Heather Morgan, especializada em codificação, e Ilya Lichtenstein, que escrevia para a revista Forbes, presos sob suspeita de lavar mais de US$ 4 bi em criptomoedas Heather Morgan via Instagram

As detenções chocaram alguns conhecidos do casal, cujas vidas sem graça online pareciam conflitar com a descrição deles feita pelos promotores, de criminosos sofisticados com montes de moeda estrangeira, várias identidades falsas e dezenas de dispositivos criptografados escondidos em seu apartamento em Nova York.

Enquanto aguardavam uma audiência nesta segunda (14) em Washington sobre a possibilidade de liberdade sob fiança, Lichtenstein e Morgan permaneciam gerando uma pergunta intrigante: eles poderiam realmente estar no centro de um dos mais antigos mistérios da criptomoeda?

As acusações foram um divisor de águas na regulamentação em curso da moeda digital e, para alguns, um passo à frente na capacidade do governo de rastrear sua lavagem ilegal.

"O criptoespaço sempre foi visto como um refúgio seguro para criminosos", disse Christopher Tarbell, ex-agente especial do FBI que ajudou na investigação do Silk Road, um mercado online de drogas ilegais e outros bens ilícitos.

"Estamos vendo agora que a polícia tem o conhecimento, as ferramentas e a capacidade de oferecer certas explicações sobre o novo 'oeste selvagem' do crime cibernético."

As autoridades não disseram se acreditam que Lichtenstein e Morgan estiveram diretamente envolvidos na invasão da Bitfinex. Mas suas prisões revelaram as franjas obscuras da cultura criptológica, onde a linha divisória entre empreendimentos financeiros virtuais sofisticados e piadas infantis online é tênue e está em constante mudança.

Para muitos que acompanham a indústria, Lichtenstein e Morgan pareciam personagens familiares em um reino onde a fortuna favorecia os investidores mais ousados; as personalidades mais chamativas enriqueciam rapidamente; e um único tuíte mal-intencionado podia abalar mercados inteiros.

Quase imediatamente após as prisões, a comunidade hiperativa que discute criptomoedas nas redes sociais e em fóruns de mensagens começou a se debruçar sobre a bizarra trilha digital de Morgan. Seus vídeos — pouco assistidos antes de ela ser acusada — de repente estavam sendo amplamente compartilhados.

Num deles, aparentemente gravado durante um café da manhã, Morgan se espanta com o tamanho de seu prato de panquecas, zomba, mostra a língua e acena com os dedos antes de anunciar que está fazendo um comentário sobre o consumismo e a natureza superficial das redes sociais.

Morgan era uma colaboradora regular da revista Forbes escrevendo colunas que aconselhavam seus colegas empreendedores sobre como proteger sua moeda digital e recomendando o rap como uma forma de cuidados pessoais, como ela fazia através de seu alter ego, Razzlekhan (Genghis Khan, mas com mais pique, segundo o site).

Pessoas que conhecem Morgan disseram que seus improvisos nas redes faziam parte de um número elaborado para enfrentar as pressões sociais.

"Ela trabalha para se libertar de muitos dos roteiros que estão embutidos em nossa sociedade", afirmou Morgan Britni Sonnenfeld, que diz ser prima de Morgan. "Eu a admiro por isso; ela é muito forte."

As prisões também surpreenderam os amigos de Morgan, que a descreveram como uma colega incrivelmente honesta em uma indústria definida pela concorrência violenta.

"É muito chocante pensar que alguém tão aberto e vulnerável com as pessoas tivesse segredos", disse uma amiga, Nora Poggi. "Ela é uma pessoa muito importante para mim."

Nos registros do tribunal, o Departamento de Justiça descreve a trilha que teria levado os investigadores a Lichtenstein e Morgan.

Em janeiro de 2017, cinco meses depois que os hackers atingiram a Bitfinex, parte do que eles roubaram foi transferida em transações pequenas e complexas para contas controladas pelo casal, segundo uma queixa criminal apresentada em um tribunal federal em Washington.

"Esse embaralhamento, que criou um número volumoso de transações, parecia ter sido projetado para ocultar o caminho do roubo" de bitcoins, diz a queixa.

Lichtenstein e Morgan eram empreendedores de tecnologia na época. Lichtenstein se especializou em criptomoedas e codificação, de acordo com seu perfil no LinkedIn, e Morgan tinha voltado do Oriente Médio, onde se concentrou nos mercados de câmbio.

Anirudh Bansal, advogado do casal, recusou um pedido de entrevista. Mas em documentos judiciais ele deixou claro que acredita que o caso do governo é fraco e se baseia em "saltos conclusivos e sem suporte".

Além da personalidade altamente pública de Morgan, pouco se sabe sobre o casal. Eles estão juntos há sete anos e casados há três, disse Bansal a um juiz em Nova York.

Ao dizer que seus clientes não apresentavam risco de fuga, Bansal forneceu alguns dados pessoais sobre eles.

Lichtenstein, afirmou o advogado, foi da Rússia para os EUA quando tinha seis anos. Seu pai trabalha para a agência habitacional do condado de Cook, em Illinois, e sua mãe é bioquímica na Universidade Northwestern.

Morgan, que nasceu em Oregon, administra uma empresa de consultoria que emprega até 30 redatores freelance, disse Bansal. Seu pai serviu nas Forças Armadas dos EUA e é um biólogo aposentado. Sua mãe é uma bibliotecária do ensino médio.

A família de Lichtenstein migrou para os EUA para fugir da perseguição religiosa, e não havia "a menor chance" de ele retornar à Rússia, disse Bansal.

Em uma carta posterior, outro advogado do casal escreveu que Morgan havia congelado vários de seus embriões em um hospital em Nova York, na expectativa de formar uma família.

"O casal nunca fugiria do país sob o risco de perder o acesso à sua capacidade de ter filhos", escreveu o advogado.

O governo diz no processo judicial que, quando os agentes executaram um mandado de busca no apartamento do casal em Nova York, em janeiro, recuperaram mais de 50 dispositivos eletrônicos, incluindo uma bolsa com a etiqueta "telefone descartável" e mais de US$ 40 mil em dinheiro. Muitos dos dispositivos estavam parcial ou totalmente criptografados ou protegidos por senha, diz o processo judicial.

E ainda havia o gato do casal.

Quando os agentes estavam prestes a começar a busca, Morgan e Lichtenstein disseram que sairiam do apartamento, mas queriam levar seu gato, diz o processo. Os agentes permitiram que Morgan apanhasse o gato, que estava escondido embaixo da cama.

Mas, quando Morgan se agachou ao lado da cama e chamou o gato, ela se posicionou ao lado de uma mesa de cabeceira onde estava um de seus celulares, diz o documento. Então ela estendeu a mão, pegou o telefone e apertou repetidamente o botão de bloqueio, no que, segundo os promotores, foi uma tentativa de impedir que os investigadores pesquisassem o conteúdo do telefone.

Os agentes tiveram que arrancar o aparelho das mãos de Morgan. Os registros do tribunal não deram mais informações sobre o gato.

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves

Mulheres ribeirinhas assistem à palestra organizada pelo grupo 'Mulheres Livres' de Curralinho no vilarejo de Três Bocas Fotos Karime Xavier/Folhapress

# Falta de dinheiro e de acesso agrava pobreza menstrual na Ilha de Marajó

## Sem absorventes, mulheres da região usam pedaços de pano de rede para estancar sangue

**Victoria Damasceno e Karime Xavier**

CURRALINHO (PA) Simone de Souza Menezes, 44, vive com a filha e o marido à beira do rio Mutuacá, na Ilha de Marajó (PA), na casa para onde se mudou com o companheiro há cerca de 30 anos, quando se casaram. Eles vivem com cerca de R$ 150 por mês, inteiramente dedicados à compra de alimentos.

Por isso, a família não consegue comprar itens de higiene menstrual, como absorventes. Quando a menstruação chega, as mulheres da casa recorrem a pedaços de pano.

"Nós não temos o dinheiro para comprar, então a gente já tá acostumada a usar o pano", conta Menezes.

Os paninhos são lavados para serem reutilizados, ou descartados e substituídos. Sem banheiro e água encanada, os moradores da região tomam banho, lavam as roupas e a louça nas águas do rio.

Com renda insuficiente para todas as despesas da casa, complementam a alimentação por meio da pesca e da caça de animais.

A falta de dinheiro, acesso a comércios e saneamento básico adequado para os cuidados necessários durante o período menstrual colocam Simone e sua filha, Jessica, 23, dentro do espectro da pobreza menstrual.

O fenômeno, intensificado em regiões de extrema pobreza, é entendido como a falta de acesso de mulheres e de homens transexuais, por exemplo, a produtos de higiene menstrual, saneamento básico adequado e conhecimento suficiente para lidar com a menstruação.

Para chegar a uma área onde Menezes e outros ribeirinhos encontrariam farmácias e outros comércios, como a região central do município de Curralinho, também na Ilha de Marajó, são cerca de duas horas de barco.

Nos afluentes do rio Pará, onde parte da população vive, qualquer estabelecimento é raro. Para comprar itens de higiene menstrual, quando possível, os moradores vão até vendinhas em comunidades próximas, no meio do caminho para o centro da cidade.

Dependendo da embarcação, são cerca de seis horas de barco de Belém, capital do Pará, até Curralinho. A cidade de cerca de 35 mil habitantes tem o visual marcado por casas de palafitas que se confundem com a vegetação e as águas dos rios.

A região Norte do país é uma das mais afetadas pela pobreza menstrual. Segundo dados da pesquisa "Impacto da Pobreza Menstrual no Brasil", feita pela marca Always em parceria com a plataforma de pesquisas Toluna, 36% das mulheres na região já passaram por períodos em que não puderam comprar produtos de higiene menstrual. Em segundo lugar está a região Nordeste, com 33%.

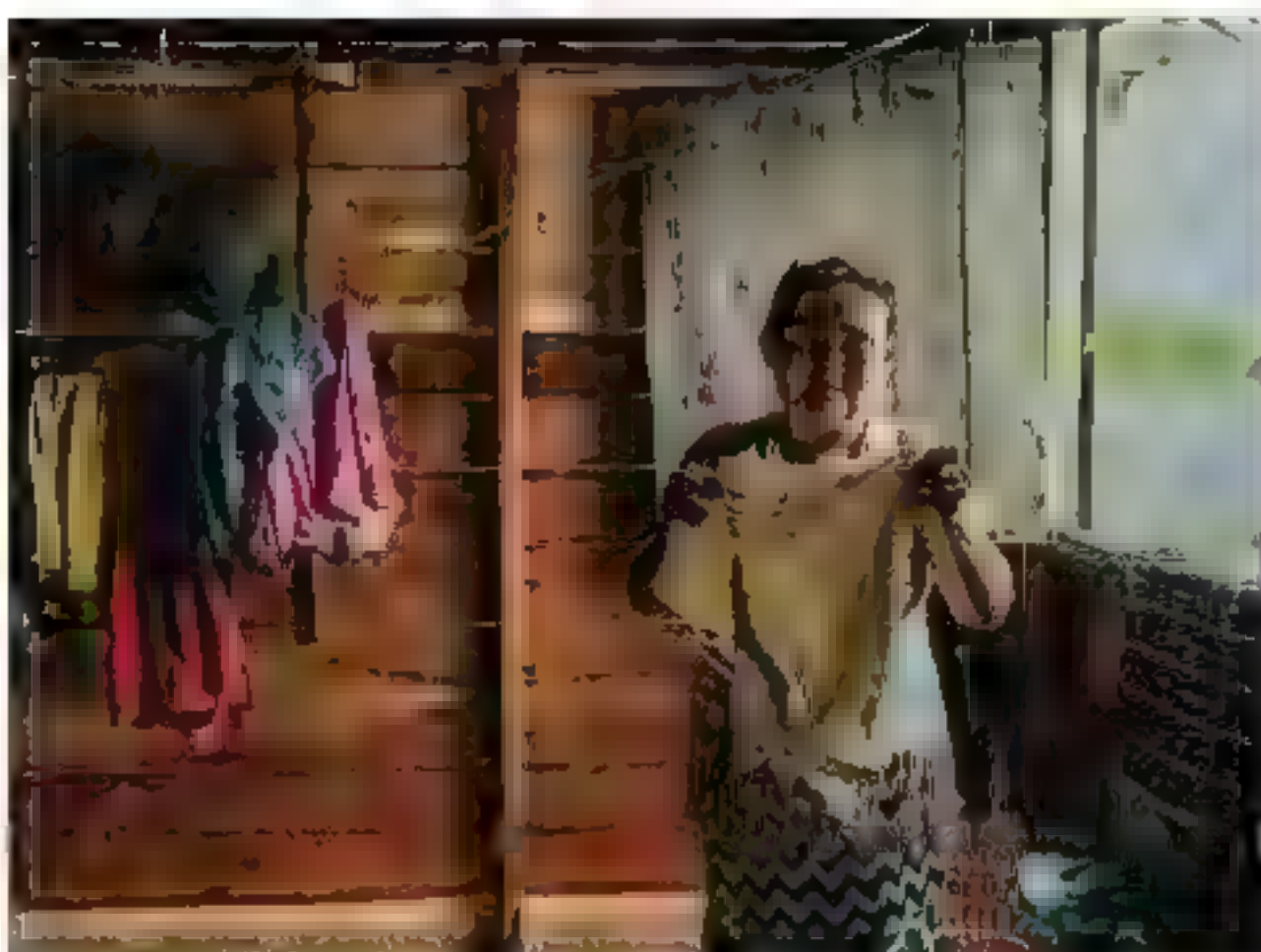
Para esse levantamento foram entrevistadas, por meio de uma plataforma online, com 1.124 mulheres de 16 a 29 anos, em todas as regiões do Brasil, entre 20 de fevereiro e 9 de março de 2020.

O Norte também é a região onde as mulheres mais faltaram às aulas por não terem dinheiro para comprar absorventes, representando 36% do total, segundo o levantamento. O Centro-Oeste tem a segunda maior marca nesse problema, com 31%.

A pesquisa mostra ainda que, na ausência de absorventes, 80% das brasileiras usam principalmente o papel higiênico. Os tecidos aparecem como substitutos para 24% no país. Já no Norte, onde o cenário é mais crítico, o percentual de uso de panos salta para 53%.

Outro estudo sobre o tema, realizado pela marca Sempre Livre, mostra que a região Norte, além de a mais afetada pela pobreza menstrual, é a que possui o saneamento básico em condições mais precárias. Tem o maior número de lares (36%) onde a água é proveniente de poço ou nascente, assim como o maior número de residências com fossa (55%).

Fazia cerca de cinco anos que Maria Gonçalves Pastana, 47, não menstruava quando teve uma hemorragia. Sem absorventes disponíveis, a solução para conter o sangramento foi encontrada em pedaços de pano retirados de redes de dormir. Ao final do ciclo, ela costuma queimar os retalhos no fundo de sua casa.

Pastana vive à beira do rio Tamanduá, a cerca de uma hora de barco do centro de Curralinho, com quatro filhos e o marido. Vivem com cerca de R$ 400 por mês. Priorizam a compra de alimentos, mas também tentam comprar absorventes para Camila, uma das filhas do casal.

Maria Gonçalves Pastana, 47, usa paninhos porque não tem dinheiro para comprar absorventes

Mesmo quando menstruava regularmente, a mãe já abdicava do produto para que a menina pudesse usar. Da última vez, não foi diferente.

"Não tinha nem condições, porque tinham outras coisas para gente comprar. Aí o jeito era eu usar pano mesmo. Eu usava mais pano de rede porque é mais macio do que outros panos de malha", conta.

Para amenizar a falta de acesso aos itens de higiene menstrual, o grupo Mulheres Livres, composto por 29 mulheres de Curralinho, faz entregas periódicas de absorventes e outros itens em kits de higiene. O grupo foi fundado em novembro de 2020 como resposta ao feminicídio de Leila Arruda, candidata à prefeitura do município pelo PT, que foi assassinada a facadas pelo ex-marido.

Cada kit possui absorvente, desodorante, barbeador, sabonete, escova de dente e creme dental. O grupo aproveita os encontros em que os produtos são distribuídos às moradoras para falar sobre assuntos que afligem mulheres da região, como a violência doméstica.

"Logo após o feminicídio dela [Leila Arruda], nós fizemos um ato de protesto, pedindo por Justiça. Depois desse ato, a gente viu que não dava só para protestar quando uma mulher morresse. A gente tinha que ter ações voltadas para salvar mulheres de relacionamentos abusivos e tentar evitar o feminicídio", conta Cibelle Natalia Santos, fundadora do grupo.

> Nós não temos o dinheiro para comprar, então a gente já tá acostumada a usar o pano
>
> **Simone de Souza Menezes**
> ribeirinha da Ilha de Marajó

Em uma visita à comunidade de Três Bocas, no rio Mutuacá, a cerca de duas horas da região central do município, o grupo reuniu, por exemplo, em torno de 80 mulheres e adolescentes.

Após duas horas de discussão, as lideranças saíram de barco em direção às casas de ribeirinhas que não puderam comparecer ou não sabiam do encontro, dando informações sobre seu trabalho, distribuindo o kit e mostrando como identificar e denunciar casos de violência doméstica.

Celia dos Santos foi uma das que receberam o kit de higiene do grupo. Ela, os nove irmãos e os pais moram em uma casa no alto do rio Mutuacá. Vivem com a renda que o pai faz colhendo açaí e vendendo madeira. Fora da época de colheita dos frutos, complementam a alimentação com a caça de animais como macaco e bicho-preguiça.

Assim como as outras quatro irmãs, Celia utiliza pedaços de pano como absorvente. Uma vez usado, costuma jogá-lo fora — prefere pegar outro a lavar e reutilizar. Sem banheiro em casa, faz a higiene pessoal às margens do rio.

Para Ana Paula Gonçalves, mestre em saúde pública e professora da Faculdade de Enfermagem da UFPA (Universidade Federal do Pará), ainda que haja diversas causas para a pobreza menstrual — como falta de acesso a itens de higiene, saneamento básico e informação — a pobreza é o principal motor desse problema.

A professora afirma que políticas públicas nacionais seriam bons recursos para mitigar os efeitos da pobreza menstrual mesmo em áreas mais afastadas, como as comunidades ribeirinhas da região Norte do país.

Esse seria o caso do projeto de lei vetado pelo presidente Jair Bolsonaro (PL) em outubro de 2021. Ele previa a distribuição gratuita de absorventes para estudantes de baixa renda matriculadas em escolas públicas, mulheres em situação de rua, em extrema vulnerabilidade, presidiárias, apreendidas e cumprindo medidas socioeducativas.

Ao vetar a distribuição, o governo federal alegou que os artigos do projeto não indicavam a fonte de custeio ou medida compensatória, o que violaria a Lei de Responsabilidade Fiscal. O veto ainda será analisado pelo Congresso.

Para Gonçalves, além da entrega gratuita de absorventes, as medidas para mitigar a pobreza menstrual devem mirar na isenção de impostos em itens de higiene relacionados à menstruação.

"A gente também torce para que todos esses projetos de lei que estão sendo estruturados realmente consigam fazer a instauração de políticas de conscientização acerca da menstruação e da universalização do acesso ao absorvente, seja no SUS, nas escolas ou em unidades mais longínquas, como distritos e prefeituras", afirma Gonçalves.

Colaborou Isabella Menon, de São Paulo

Barracas usadas por pessoas em situação de rua na praça da Sé, em São Paulo Mathilde Missioneiro - 5.jan.22/Folhapress

# Prefeitura de São Paulo recicla ações em plano para sem-teto

Projeto prevê contratação de moradores de rua para serviços de zeladoria

**Mariana Zylberkan**

SÃO PAULO O novo programa da Prefeitura de São Paulo voltado aos moradores de rua irá repetir uma série de ações extintas em mandatos de prefeitos anteriores.

A gestão do prefeito Ricardo Nunes (MDB) irá contratar mil sem-teto para serviços de zeladoria urbana, como varrição e manutenção de hortas e jardins, assim como ocorreu no extinto programa De Braços Abertos, lançado na gestão do ex-prefeito Fernando Haddad (PT).

O novo programa também prevê a capacitação socioemocional para o trabalho, mesma proposta do Trabalho Novo, encerrado na gestão do ex-prefeito Bruno Covas (PSDB).

As contratações irão fazer parte do programa Reencontro, anunciado pela prefeitura no fim de janeiro, logo após a divulgação do censo da população de rua referente, que apontou aumento de 31% de sem-teto na capital paulista entre 2019 e 2021.

Além da prestação de serviços de zeladoria, os beneficiários terão acesso a moradias transitórias. Eles poderão morar por até um ano em construções pré-fabricadas de 18 m², a serem erguidas na região central de São Paulo, e também em imóveis destinados à locação social.

As vagas de trabalho também terão duração de 12 meses e a administração não informou o valor que será pago por mês aos beneficiários.

As contratações beneficiários do programa Reencontro serão feitas em parceria com outra iniciativa municipal, o POT (Programa Operação Trabalho), que concede bolsa auxílio a pessoas em situação de vulnerabilidade em troca de serviços prestados à administração desde 2004.

As bolsas auxílio do POT, por exemplo, variam de R$ 848,35 a R$ 1.271,60 para turnos diários de quatro ou de seis horas, respectivamente.

Criado em 2014, o programa De Braços Abertos atendeu, no primeiro ano, 453 pessoas que recebiam R$ 15 por dia para varrer as ruas do centro, além de terem acesso a três refeições diárias e vagas de pernoite em hotéis no entorno da cracolândia. Para participar era preciso que os atendidos aceitassem tratamento na rede municipal de saúde.

Duramente criticado por João Doria (PSDB) durante a campanha para a Prefeitura de São Paulo, em 2016, o De Braços Abertos foi extinto na gestão tucana e deu lugar ao Redenção, que tinha como principal viés a internação em clínicas psiquiátricas.

Atrelado ao Redenção, a gestão Doria lançou em 2017 o programa Trabalho Novo, que oferecia oficinas direcionadas a aspectos emocionais dos sem-teto antes de encaminhá-los para as vagas de trabalho na iniciativa privada.

Diante da alta rotatividade das internações, o programa Redenção foi esvaziado pela administração, que fechou os equipamentos de atendimento na região da cracolândia.

O Trabalho Novo foi suspenso em 2019 sem cumprir a meta de empregar 20 mil pessoas no primeiro ano, aproximadamente o total de moradores de rua em 2017. Foram 2.626 contratações realizadas em dois anos, segundo a prefeitura.

A mesma preparação "profissional e socioemocional" aos sem-teto oferecida no Trabalho Novo é prevista no programa Reencontro, segundo minuta de edital para contratar a empresa responsável que irá receber R$ 5,5 milhões para ministrar as oficinas.

Os beneficiários terão que passar por oficinas para "elevar a empregabilidade" segundo critérios a serem definidos pela secretaria de Desenvolvimento Econômico, Trabalho e Turismo. "A elevação da empregabilidade pressupõe a elevação de competências técnicas e competências socioemocionais, e aumento na rede de relacionamentos e coesão de carreira" diz o edital.

De acordo com o censo recém-divulgado, o perfil de sem-teto que mais cresceu durante a pandemia foram as famílias a que a prefeitura atribuiu ao "binômio pandemia de Covid-19 e agravamento da crise econômica".

Dos 31.884 moradores de rua, 28% afirmaram viver com ao menos um familiar, somando 8.927 pessoas. Em 2019, esse percentual era de 20%, alcançando 4.868. Ainda de acordo com o censo, houve aumento de 330% do número de barracas de camping e de barracos de madeira instalados em vias públicas como moradias improvisadas. Em 2019, o censo encontrou 2.051 pontos desse tipo. Em 2021, foram localizados 6.778.

Segundo especialistas, moradias improvisadas são normalmente ocupadas por famílias ou pessoas que foram para as ruas recentemente.

Em nota, a gestão Nunes refutou as comparações e afirmou que o Reencontro "é voltado ao atendimento da população em situação de rua que está relacionada a diversas situações de risco e de vulnerabilidade social que extrapolam o uso abusivo de álcool e outras drogas".

Além de oferecer vagas de trabalho na zeladoria urbana, o Reencontro prevê a capacitação dos moradores de rua para conscientizar a população sobre o "manuseio correto de resíduos", segundo a minuta de edital.

No documento, a prefeitura pontua que o aumento da população de rua criou a necessidade de um novo olhar sobre a zeladoria, a destinação e o correto manuseio do lixo "produzido seja pela doação de alimentos para este público, seja pela falta de conscientização dos comerciantes e munícipes".

# Ciência para uma educação básica de qualidade

ARTIGO

**Rossieli Soares e Marco Antonio Zago**

Rossieli é secretário de Educação do estado de São Paulo e ministro da Educação (2018, governo Temer). Zago é presidente da Fapesp e ex-reitor da USP (2014-18)

A Secretaria de Estado da Educação de São Paulo e a Fapesp lançaram o Proeduca (Programa de Pesquisa em Educação Básica), que disponibilizará R$ 30 milhões para o financiamento de projetos de pesquisa que subsidiem a melhoria das políticas educacionais públicas de educação básica.

Em 2020, 14% dos estudantes da 1ª série do ensino médio das redes públicas do Estado de São Paulo tinham 2 anos ou mais de atraso escolar, de acordo com o Inep. O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) no Estado de São Paulo em 2019 para o ensino médio era de 4,3 para a rede estadual, e 6,1 para a rede privada. Na prova do Saresp (Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo) de 2019, a porcentagem de estudantes da 3ª série do ensino médio abaixo do nível básico em língua portuguesa era de 27,9% para brancos, 35,7% para pardos e 38,8% para pretos, em mais uma expressão da ineficiência do sistema e da exclusão na educação. A pandemia da Covid-19 escancarou e acirrou ainda mais o "apartheid" educacional brasileiro.

Esse estado de coisas precisa mudar. A modelagem de políticas para lidar com problemas sociais, complexos e multidimensionais exige abordagens sistêmicas, inovadoras e baseadas em evidências, para as quais o aporte científico é imprescindível. A abordagem científica para a aplicação prática na política pública do conhecimento gerado pela pesquisa tem muito espaço para crescer no Brasil.

É preciso fortalecer a integração entre a pesquisa científica e a área educacional em campos como a avaliação de impacto de políticas educacionais, elaboração de currículos, processos de aprendizagem discente e docente, entre outros. Um dos obstáculos a essa cooperação tem sido a postura pouco transparente de gestores públicos, temerosos dos impactos políticos do escrutínio sobre os resultados de políticas sob sua responsabilidade.

O Proeduca surge da convicção de que a educação básica de qualidade é alavanca fundamental para a cidadania plena e para o crescimento econômico, daí ser obrigatório priorizar investimentos em pesquisa na educação básica pública. Além de uma cooperação mais ágil com grupos e institutos de pesquisa, outro resultado relevante dessa parceria será a formação dos quadros das redes públicas de ensino, pela possibilidade de docentes integrarem equipes de pesquisa.

No século 21, com a aceleração permanente dos processos sociais, o grande desafio é transformar a escola pública para que ela efetivamente forme crianças, jovens e adultos para uma inserção digna e produtiva na sociedade e no mercado de trabalho. Com o Proeduca, a Secretaria de Educação de São Paulo e a Fapesp esperam contribuir para essa "virada de chave" de que a educação básica brasileira tanto precisa. Esperamos construir uma política pública de Estado capaz de fomentar a produção de conhecimento científico que subsidie estratégias inovadoras e eficazes para enfrentar a agenda da aprendizagem escolar de qualidade para todas as pessoas.

A população paulista aprendeu, durante a pandemia, que a ciência oferece soluções seguras para os problemas da sociedade. Nós queremos estender cada vez mais essa experiência positiva para outras áreas de nossa vida neste momento de retomada, a começar pela educação.

## MORTES

colunaobituario@grupofolha.com.br

### Pai dos 'rios voadores', desvendou chuvas na Amazônia

ENEAS SALATI (1933-2022)

**Patrícia Pasquini**

SÃO PAULO Apaixonado por água, o engenheiro agrônomo Eneas Salati tem o nome gravado em importantes estudos sobre hidrologia e climatologia. No Cena (Centro de Energia Nuclear na Agricultura), ligado à Esalq-USP (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, da Universidade de São Paulo), Eneas trouxe do exterior o primeiro espectrômetro de massa da América Latina.

O pesquisador foi cofundador do centro em meados de 1968 e lá construiu o Laboratório de Espectrometria de Massa para Elementos Leves.

"Eneas foi o homem que desvendou os mistérios das chuvas na Amazônia. Seus primeiros trabalhos foram desenvolvidos no final da década de 1970 com uma tecnologia naquele momento nova. Ele usou os conceitos de reciclagem de umidade, como a vegetação evapora, transpira e contribui com a chuva local e desenvolveu a metodologia para identificar a assinatura dessa chuva", afirma o climatologista José Marengo, coordenador-geral de Pesquisa e Desenvolvimento do Cemaden (Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais).

José foi inspirado a estudar o clima na Amazônia após ler um artigo de Eneas. Na época, era estudante. Quando veio ao Brasil, nos anos 2000, foi trabalhar com o pesquisador em suas linhas de pesquisa.

Depois Eneas começou o trabalho com os rios voadores. "A atmosfera também tem vapor de água. Se você convertê-lo em líquido, esse líquido é transportado pelos ventos fortes da Amazônia, os que vêm do Atlântico, se encontram nos Andes e depois viram para o Sudeste. É como se fossem rios pela velocidade de ventos muito alta. Esse volume é muito similar ao do rio Amazonas. Aí veio a ideia de rios, pela velocidade e pelo volume de água; voadores porque está no ar", explica.

Nascido em Mombuca (157 km de SP) e registrado em Capivari (137 km de SP), Eneas era o caçula entre dez filhos.

"Ele cresceu na área rural e depois veio para Piracicaba. Aprendeu a ler muito cedo e ensinou as sobrinhas que tinham idade aproximada à sua. A família era grande. A infância dele foi feliz", conta a engenheira ambiental Eneida Salati, 61, sua filha.

Engenheiro agrônomo pela USP, onde também fez doutorado e obteve livre-docência, dirigiu o Cena, o Instituto de Física e Química da USP, em São Carlos e o Inpa em dois momentos: de 1979 a 1981 e de 1990 a 1991.

Eneas Salati havia sido diagnosticado com doença de Alzheimer leve há alguns anos. A saúde começou a debilitar após um tombo. Morreu dormindo, no dia 5 de fevereiro, aos 88 anos. Deixa a esposa, quatro filhos, netos, bisnetos e um trineto.

7º DIA

PAULO FRANCO NEVES Nesta quarta (16/2) ao meio-dia, Igreja São Pedro e São Paulo, Morumbi, São Paulo (SP)

# Mães paralelas, pais invisíveis

Filme de Almodóvar insiste em querer saber do que é feito o desejo de uma mãe

**Vera Iaconelli**

Diretora do Instituto Gerar de Psicanálise, autora de "O Mal-estar na Maternidade" e "Criar Filhos no Século XXI". É doutora em psicologia pela USP

*É digna de análise a insistência em querer saber do que é feito o desejo de uma mãe. Dos filmes como "A filha perdida" e "Mães Paralelas" mobilizaram tanto. Quanto ao pai, curiosamente, a pergunta não é sequer formulada.*

*A psicanálise se interessa pelo que insiste, pelo que repete e busca extrair daí alguma verdade sobre o sujeito. Ainda que endereçada a personagens da ficção ou do noticiário, a pergunta que subjaz a essa especulação continua sendo: por que raios minha mãe me colocou no mundo?*

*"Não pedi para nascer" vem com a insinuação de que alguém pediu para que nascêssemos. Supõe-se que teria sido a mãe, pois a motivação do pai seria transar e empurrar o DNA para frente? Curiosas suposições.*

*Ainda que se trate de uma maternidade que atenda ao "pedido" de uma mãe, sabemos como os deuses, quando querem nos castigar, atendem nossos anseios. "Cidadão Kane" criou um império, pisoteou tanta gente, foi infeliz e solitário para, ao final, suspirar por sua Rosebud da infância. Queremos desesperadamente algo, mas desejar mesmo nos escapa.*

*Há como saber do desejo de forma categórica antes de realizá-lo? Não, mas existem os sonhos, sintomas, lapsos, atos falhos, atos que denunciam que para além da vontade manifesta, os desejos se anunciam outros e mutáveis. Quanto ao desejo do pai, não parece haver empenho em conhecê-lo.*

*Em "Mães paralelas" de Almodóvar (2021), encontramos diferentes tipos de maternidade, cada uma com suas explicações a dar. A mulher que se dedica à carreira, deixando a filha em segundo plano, é retratada como burguesa, fútil e sem instinto materno —ideia piffia que insiste. Em comparação com as outras duas que vivem o relentar de seus bebês —prescindindo dos pais por diferentes razões—, ela encarna a famosa mãe desnaturada. A jovem adolescente que não queria a gestação, descobre-se uma mãe dedicada e zelosa, revelando para si mesma um desejo insuspeito. A mãe solo interpretada por Penélope Cruz encarna a aspiração atual de conciliar o impossível: beleza, carreira, bebê e liberdade. Nesse festival de clichês, talvez as mulheres mais interessantes sejam aquelas que contam sobre os pais e avós fuzilados no vilarejo durante o franquismo, embora as cenas sejam preguiçosamente burocráticas. Ainda assim, teve o tempo, a final acerta na cara de quem nasceu no Brasil e em outros países desmemoriados.*

*A célebre pergunta de Freud "o que quer uma mulher?" —devidamente criticada pelas feministas— torna-se "o que quer uma mãe?". Mas nascer com útero não diz de antemão quem somos e o que desejamos, ter filhos menos ainda. Existem tantas mães diferentes quanto mulheres, mas as que se arrependeram de colocar filhos no mundo são imediatamente supostas como as que seriam loucas, doentes ou más. O arrependimento ao pai permanece fora da reflexão, é tido como um fato corriqueiro. Triste fato.*

*Se a maternidade pode ter um sentido compartilhado, que seja o de ser a guardiã da nossa história, transmissora da nossa origem e reveladora dos não ditos, por pior que sejam. Para escapar dos engodos da origem e dos segredos mal guardados, teremos que abrir essa cova, como sugere Almodóvar, a cova que revela nossa história, dá o devido lugar a nossos mortos e permite ao luto seu trabalho de nos fazer seguir vivendo apesar das perdas.*

*Assumir a responsabilidade por ter tido um filho —mesmo quando desejava sabe-se lá o quê— é a única forma de estar à altura da maternidade. Ainda que seja para entregá-lo a outra mulher.*

DOM. Antonio Prata SEG. Márcia Castro, Maria Homem TER. Vera Iaconelli QUA. Ilona Szabó de Carvalho, **Jairo Marques** | QUI. Sérgio Rodrigues SEX. Tati Bernardi SÁB. Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho

# Família morta no PA morava em área disputada

Terreno era reivindicado por irmão do prefeito de São Félix do Xingu (PA); político nega relação dele e de parentes no caso

**Fabiano Maisonnave e Bruno Santos**

SÃO FÉLIX DO XINGU (PA) Assassinado com a mulher e a enteada em janeiro, o ambientalista José Gomes, o Zé do Lago, morava dentro de área reivindicada pelo irmão do prefeito de São Félix do Xingu (PA), o pecuarista João Cleber de Souza Torres (MDB).

A família habitava uma casa de madeira e piso de chão batido na região conhecida como Cachoeira do Mucura, às margens do Xingu, a 86 km de barco da sede do município. Ao lado, está a fazenda Barra do Baú, de Francisco Torres de Paula Filho, o Torrim, irmão do prefeito. Na margem oposta, fica a fazenda Bom Jardim, do próprio João Cleber.

Os corpos de Zé do Lago, 61, de sua mulher, Márcia Nunes Lisboa, 39, e de sua enteada, Joane Nunes Lisboa, 17, foram encontrados em 9 de janeiro, já em decomposição. Todos foram mortos a tiros —havia 18 cápsulas no local. Mais de um mês após o crime, ninguém foi preso.

Durante seis dias, a reportagem da Folha viajou em lancha [illegible] do Xingu. O trajeto de cerca de 550 km alterna áreas preservadas de unidades de conservação, como a Resex (Reserva Extrativista) do Rio Xingu, e terras indígenas com fazendas de gado, estas mais próximas de onde morava a família assassinada.

Casa onde o ativista ambiental Zé do Lago foi assassinado com sua família Bruno Santos/Folhapress

Nas conversas, moradores descreveram Zé do Lago como um "ambientalista de coração", que vivia de forma despojada e percorria o rio por conta própria para ensinar ribeirinhos e indígenas a fazer o manejo de quelônios. O repovoamento de tracajás e tartarugas nas águas do Xingu era a sua grande obsessão desde que chegou à região, vindo de Conceição do Araguaia (TO), há duas décadas.

Pessoas próximas contam que Zé do Lago subia os ninhos de anu em árvores que estavam prestes a ser inundadas na época de cheia do Xingu. Anos atrás, o ribeirinho apareceu nos índios parakanãs para ensiná-los a retirar os ovos de tracajá das praias, acondicioná-los em caixas de areia e depois soltar os filhotes no rio. A técnica protege os répteis de predadores naturais e humanos e aumenta a taxa de sobrevivência.

A reportagem esteve também no sítio de Zé do Lago. Na área para atracar lanchas, havia uma placa com os dizeres "Proibido caça e pesca" — a única com essa mensagem em centenas de quilômetros de rio.

Perto da margem, havia uma barraca que protegia roupas penduradas, muito puídas e provavelmente lavadas no rio. Ao lado, ouriços de castanha-do-Pará quebrados.

A casa fica a algumas dezenas de metros da margem, em um lugar mais alto. Pelo caminho, mudas de açaí e várias árvores frutíferas: cupuaçu, jenipapo, mangueiras e jambo. No fundo, bananeiras. Em volta, um jardim com pimenta e flores.

Cercada de floresta, a família tinha poucos bens materiais, apesar de ter vivido no local por 20 anos. Havia um rádio velho pendurado perto da cozinha, dominada por um fogão de lenha. Pouca mobília e quase nada de utensílios de cozinha. Do lado de fora, um peixe cortado em postas, a cabeça e rabo no lugar.

Dentro da casa, apenas a varanda e o corredor tinham piso cimentado. Os quatro quartos são de chão batido. Um deles acumulava caixas de isopor usadas para fazer o transporte dos ovos de tracajá. Pelo chão, cartuchos de munição de caça, vidros de esmalte e muitos DVDs.

Os relatos da região falam da atuação violenta de fazendeiros, que expulsavam ou matavam ribeirinhos e posseiros para consolidar a grilagem de terras. Nessas histórias, os irmãos Torres são invariavelmente mencionados.

Formalmente, no entanto, nunca houve condenação por esses crimes. Em 40 anos, foram registrados 62 assassinatos no campo em São Félix, mas ninguém foi condenado, segundo a CPT (Comissão Pastoral da Terra). É o caso do massacre na fazenda Primavera, em setembro de 2003, quando oito trabalhadores rurais foram mortos em emboscada.

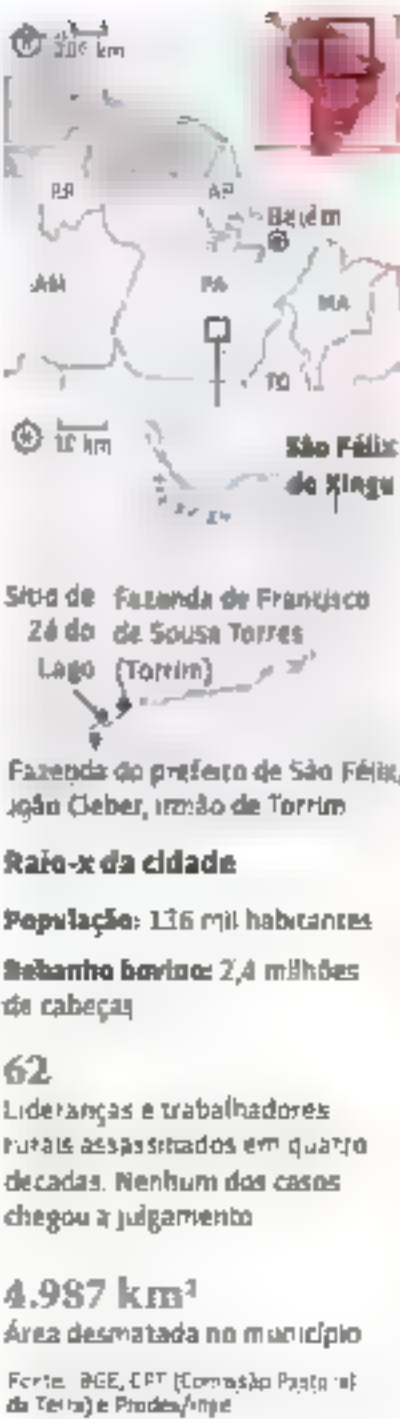
Reportagem da Folha na época traz o seguinte trecho de relatório do Ministério Público Federal (MPF): "João Cleber de Sousa Torres e Francisco de Sousa Torres (Torrim) são os comandantes do crime organizado na região de São Félix do Xingu. À frente da cúpula, agem e promovem a invasão, ocupação e grilagem de terras públicas; são donos da madeireira Impanguçu Madeira e Maginga. Pelo perigo que representam, são muito temidos na região".

No caso de Zé do Lago, o ambientalista estaria sendo pressionado por Torrim a vender a sua posse, onde morava havia cerca de 20 anos. Por telefone, o fazendeiro disse à Folha que o ambientalista morava dentro de sua área, mas que concordava com sua presença e nunca tentou expulsá-lo.

Informações levantadas pela ONG Greenpeace para um relatório sobre a situação fundiária de São Félix do Xingu mostram que Torrim fez um CAR (Cadastro Ambiental Rural) de 4.997 hectares em seu nome sobre a fazenda Barra do Baú e o terreno da família do Zé do Lago, mas o processo foi rejeitado pela Semas (Secretaria de Meio Ambiente do Pará) por estar sobreposto 99,9% a outro imóvel rural, não especificado. Trata-se de um indício de grilagem.

Após esse cancelamento, um novo cadastro no CAR foi feito para mesma área, agora sob o nome da Agropecuária Barra do Baú Limitada, da qual Torrim aparece como sócio. Esse processo consta como "pendente".

Esse mesmo cruzamento de dados do Greenpeace revelou em dezembro que a fazenda Bom Jardim, do prefeito João Cleber, tem desmatamento ilegal e indícios de grilagem.

Os irmãos Torres têm um longo histórico de problemas nos tribunais. Em 2014, uma fiscalização encontrou três trabalhadores em situação análoga à escravidão na fazenda Bom Jardim, do prefeito. Em 2018, ele foi preso por suposto desvio de recursos públicos durante a sua primeira gestão na administração.

Em 2016, os dois irmãos foram alvo de condução coercitiva pela Polícia Federal durante a operação Reis do Gado, que investigou um esquema de lavagem de dinheiro do então governador do Tocantins, Marcelo Miranda (MDB), por meio da compra de gado e de fazendas. Todos esses casos citados tramitam na Justiça.

Em 2018, quando foi candidato a suplente de deputado, João Cleber declarou R$ 6.955.000 em bens. Dois anos depois, em 2020, seu patrimônio chegou a R$ 15.333.128, um crescimento de 119% em dois anos. A lista de bens inclui quatro fazendas, entre elas, Bom Jardim.

Torrim disse que comprou a fazenda Barra do Baú em 2007, ano em que alega ter se encontrado pela primeira e única vez com Zé do Lago, que já morava na Cachoeira do Mucura. "Eu fui lá, vi ele lá e disse: 'Pode ficar à vontade, não tem problema nenhum, você tem a minha permissão para ficar aqui'. Nunca tive um problema mínimo com ele".

[illegible] lá, não fazia mal a ninguém, à minha pessoa. Eu nunca tive problema com ele", assegurou.

Sobre a situação fundiária da fazenda, Torrim afirma que fez o CAR em cima dos títulos de propriedade da área, registrados em cartório. Ele disse que comprou a terra "de um pessoal de São Paulo". Com relação à sobreposição identificada pela Semas, alegou que precisa consultar seu engenheiro. Sobre os relatos de envolvimento em crimes ligados a disputas fundiárias, o fazendeiro afirmou que se trata de boatos e que nunca foi condenado na Justiça.

Em entrevista por telefone, o prefeito João Cleber disse que não conhecia Zé do Lago pessoalmente e que prestou assistência à família após o assassinato. "Eu te garanto que nem eu, nem meu irmão nem ninguém da minha família não tem nada a ver com isso aí", afirmou o prefeito.

Quanto ao caso dos trabalhadores em situação análoga à escravidão encontrados em sua fazenda, o político disse que pagou indenização a todos eles.

Questionado sobre a evolução patrimonial, se irritou. "Tu é da Receita?", afirmou. Em seguida, disse que incorporou propriedades e a herança do pai. Com relação à operação Reis do Gado, disse que não teve nenhum envolvimento com o esquema.

**Raio-x da cidade**

**População:** 136 mil habitantes

**Rebanho bovino:** 2,4 milhões de cabeças

**62**
Lideranças e trabalhadores rurais assassinados em quatro décadas. Nenhum dos casos chegou a julgamento

**4.987 km²**
Área desmatada no município

Fonte: IBGE, CPT (Comissão Pastoral da Terra) e Prodes/Inpe

# saúde

464 entre domingo e segunda | 58.100 infecções em 24 horas

# Lewandowski veta Damares de abrir Disque 100 a antivacina

Ministério havia posto canal à disposição para denúncia contra obrigatoriedade

**José Marques**

BRASÍLIA O ministro Ricardo Lewandowski, do STF (Supremo Tribunal Federal), determinou nesta segunda-feira (14) que os ministérios da Saúde e da Mulher, Família e Direitos Humanos modifiquem notas técnicas que se opõem ao passaporte vacinal e à obrigatoriedade da vacinação de crianças contra a Covid-19.

Lewandowski ainda determina que o Disque 100, canal do governo para denúncias de violações dos direitos humanos, deixe de ser usado para queixas contrárias à exigência de comprovante de vacinação.

Nessas notas técnicas terá que constar a interpretação validada pelo Supremo, de que "a vacinação compulsória não significa vacinação forçada, por exigir sempre o consentimento do usuário".

Porém, a obrigatoriedade pode "ser implementada por meio de medidas indiretas, as quais compreendem, dentre outras, a restrição ao exercício de certas atividades ou à frequência de determinados lugares, desde que previstas em lei, ou dela decorrentes".

As notas também deverão informar que o passaporte vacinal pode ser implementado, de acordo com suas competências, tanto pela União como pelos estados, Distrito Federal e municípios.

Segundo o ministro, "ao disseminarem informações matizadas pela dubiedade e ambivalência, no concernente à compulsoriedade da imunização, [os ministérios] prestam um desserviço ao esforço de imunização empreendido pelas autoridades sanitárias".

Ele afirma ainda que as pastas, comandadas pelos ministros Marcelo Queiroga (Saúde) e Damares Alves (Mulher, Família e Direitos Humanos) contribuem "para a manutenção do ainda baixo índice de comparecimento de crianças e adolescentes aos locais de vacinação, cujo reflexo é o incremento do número de internações de menores em unidades de terapia intensiva — UTIs em 61% em São Paulo".

Damares Alves, ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, no Palácio do Planalto Pedro Ladeira - 8.nov.21/Folhapress

Como a Folha revelou, a nota técnica distribuída pela pasta de Damares concluía que "medidas imperativas de vacinação como condição para acesso a direitos humanos e fundamentais podem ferir dispositivos constitucionais e diretrizes internacionais".

Além disso, na visão de integrantes da pasta, essas medidas podem contrariar princípios bioéticos, ferir a dignidade humana e "acabar por produzir discriminação e segregação social, inclusive em âmbito familiar".

O ministério havia posto o Disque 100 à disposição de pessoas antivacinas que passem por "discriminação". O canal tem a finalidade de denúncias sobre violações de direitos humanos de crianças, mulheres, idosos, pessoas com deficiência e população LGBTQIA+.

Lewandowski determinou que a pasta de Damares se abstenha de utilizar o Disque 100 fora de suas finalidades institucionais e deixe de estimular, por meio de atos oficiais, "o envio de queixas relacionadas às restrições de direitos consideradas legítimas por esta Suprema Corte".

> Ao disseminarem informações matizadas pela dubiedade e ambivalência, no concernente à compulsoriedade da imunização [os ministérios] prestam um desserviço ao esforço de imunização empreendido pelas autoridades sanitárias
>
> **Ricardo Lewandowski**
> ministro do STF

Já a nota técnica da Saúde recomendava, a respeito de vacinação de crianças de 5 a 11 anos, a inclusão "de forma não obrigatória" nesta faixa etária "naqueles que não possuam contraindicações, no Plano Nacional de Operacionalização da Vacinação contra a Covid-19 (PNO)".

Para o ministro do Supremo, não é admissível que o Estado aja em contradição com a Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária), que deu aval à imunização de crianças.

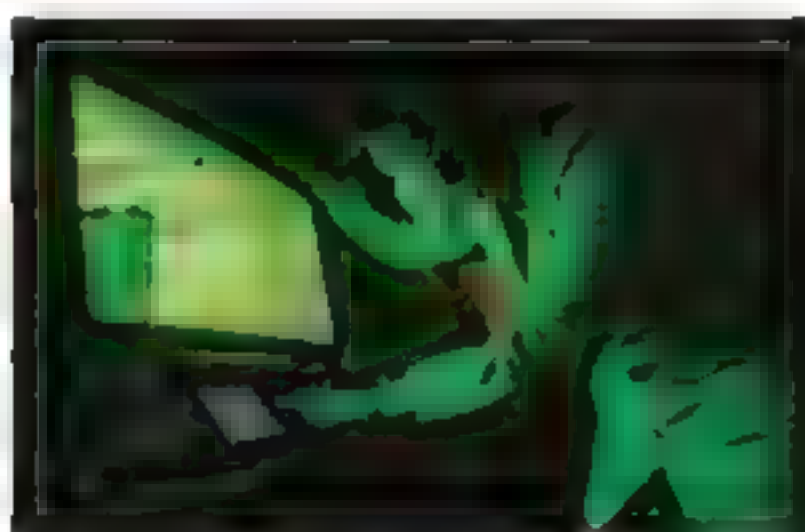
Isso, segundo ele, "além de contrariar a legislação de regência e o entendimento consolidado do Supremo Tribunal Federal", adota "postura que desprestigia o esforço de vacinação contra a Covid-19".

Lewandowski determina a intimação pessoal tanto de Damares quanto de Queiroga sobre a decisão. A decisão será levada, segundo ele, ao plenário do STF.

À época da publicação da reportagem da Folha, o ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos afirmou que o Disque 100 é aberto a todos que se sentem violados em seus direitos fundamentais.

"O serviço não faz juízo de valor sobre as denúncias. Apenas recebe, faz a triagem e encaminha relatos de insatisfação aos órgãos competentes."

A nota técnica foi elaborada pelo ministério porque a Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos recebeu manifestações sobre violações de direitos, segundo a pasta.

A pasta informou que a determinação de Lewandowski será cumprida. O Ministério da Saúde informou que, assim que for oficialmente notificado, irá prestar os esclarecimentos e cumprir com as determinações dentro do prazo estabelecido.

Mapeamento no laboratório no Centro Internacional de Pesquisa do Hospital A. C. Camargo Eduardo Knapp/Folhapress

## Mapeamento genético de câncer infantil ajuda a avaliar risco de tumores

**Ana Bottallo**

SÃO PAULO O câncer infantojuvenil tem como principal causa mutações genéticas nas células que podem levar ao aparecimento de tumores em diferentes tipos de tecidos e órgãos. As mutações podem ocorrer durante o desenvolvimento do embrião, de forma aleatória.

São poucos os tipos de câncer infantis que são hereditários — cerca de 10%. Nesses, uma mutação presente em um dos pais pode levar a um risco aumentado de desenvolver câncer nos filhos.

Em ambos os casos, identificar os principais genes associados aos diferentes tipos de câncer infantil pode ajudar a diagnosticar precocemente o desenvolvimento de tumores sólidos e a desenvolver tratamentos personalizados para cada paciente.

O Hospital Infantil St. Jude's, nos EUA, criou em 2010 um programa para mapear o genoma dos principais tipos de câncer infantil no mundo. O banco de dados, disponível gratuitamente na nuvem, contém informações de mais de 10 mil pacientes.

No Brasil, o Hospital do Câncer de Barretos, no interior de São Paulo, é um dos parceiros do St. Jude's no programa. Segundo o oncopediatra e diretor da unidade infantojuvenil, Luiz Fernando Lopes, cem crianças atendidas na instituição brasileira terão o seu genoma completo sequenciado no hospital americano, para inclusão nesse banco de dados.

A importância de ter um banco de dados como esse, diz, é coletar dados epidemiológicos, clínicos e moleculares de todos os tumores das crianças que são atendidas no hospital e em seus 12 parceiros no Brasil. O teste genético nas crianças é ofertado gratuitamente no hospital.

O centro conta com dois painéis de mapeamento dos principais tipos de leucemia, linfoide e mieloide, que são muito comuns em crianças. "Todas as crianças atendidas a partir de 1º de janeiro deste ano vão ter seus dados epidemiológicos inseridos no banco único e, no futuro, também genéticos", explica.

O hospital A.C.Camargo Cancer Center, em São Paulo, possui um painel com 126 genes que podem estar associados a maior risco de câncer nas células germinativas — como mamas, ovários, região colorretal, entre outros.

Dentre esses genes, os cientistas do Centro Internacional de Pesquisa da entidade identificaram mutações ligadas ao tumor de Wilms (ou nefroblastoma, tumor nos rins), cuja incidência é de uma a cada 10 mil crianças, a maioria na faixa etária de 2 a 5 anos, explica a pesquisadora Dirce Maria Carraro, que coordenou o estudo.

De acordo com dados do Inca (Instituto Nacional do Câncer), no triênio de 2020-2022, serão diagnosticados 8.460 novos casos de câncer infantojuvenis a cada ano. Em geral, os casos de câncer infantis correspondem a 2% do total na população.

# ambiente

# Governo beneficia Souza Cruz em exploração de patrimônio genético

Ministérios permitiram acesso a micro-organismos em área de segurança; empresa nega benefícios diretos

Vinicius Sassine

**BRASÍLIA** O governo Jair Bolsonaro (PL) permitiu que a Souza Cruz, fabricante de cigarros, acesse o patrimônio genético de pelo menos cinco espécies de micro-organismos em uma área de fronteira, considerada indispensável à segurança nacional. O material se destina ao processo de fermentação do tabaco.

Em 2019, dois anos antes de permitir essa busca por fungos e outros micro-organismos, parte deles da biodiversidade brasileira, o governo regularizou acessos a patrimônio genético feitos pela Souza Cruz e considerados irregulares, em desacordo com a legislação até então vigente.

Um termo de compromisso suspendeu eventuais sanções administrativas e exigências de multas.

A empresa e os dois ministérios envolvidos — GSI (Gabinete de Segurança Institucional) da Presidência e MMA (Ministério do Meio Ambiente) — escondem informações sobre o tipo de material genético que passou a ser acessado: que pesquisas são conduzidas, e a que se destinam. A alegação para essa decisão é de sigilo comercial e industrial.

"A empresa não havia recebido nenhuma multa ou qualquer outra penalidade, por isso não teve um benefício direto relacionado ao seu perdão em razão da assinatura [do termo de compromisso]", disse a Souza Cruz, em nota.

"Os benefícios decorrentes do termo estão previstos em lei e não são passíveis de negociação." Todas as atividades da empresa observam a lei na íntegra e promovem a conservação e o uso sustentável da biodiversidade, afirmou.

"O termo de compromisso está previsto na lei conhecida como novo marco legal da biodiversidade, que estabeleceu um prazo de regularização. Há termos de empresas de cosméticos, farmacêuticas, agronegócio, químico e muitos outros."

A Souza Cruz passou a se chamar BAT Brasil. Com um capital social de R$ 1,63 bilhão, é uma das maiores fabricantes de cigarros no país. A controladora é a BAT, multinacional com sede em Londres.

> A empresa não havia recebido nenhuma multa ou qualquer outra penalidade, por isso não teve um benefício direto relacionado ao seu perdão em razão da assinatura [do termo de compromisso]
>
> **Souza Cruz**
> em nota

A permissão para exploração de material genético relacionado ao processo de fermentação do tabaco contradiz uma ofensiva jurídica da AGU (Advocacia-Geral da União) contra a Souza Cruz e a Philip Morris Brasil, detentoras de 90% do mercado nacional de fabricação e comércio de cigarros, segundo a AGU.

Em maio de 2019, já no primeiro ano do governo Bolsonaro, a AGU ingressou com uma ação civil pública na Justiça Federal no Rio Grande do Sul contra as empresas, pedindo que a União seja ressarcida em razão dos gastos do SUS com fumantes.

As matrizes na Inglaterra e nos Estados Unidos também são rés na ação.

Os custos diretos no sistema de saúde são de R$ 50,2 bilhões anuais. Por dia, 443 brasileiros morrem em decorrência do tabagismo. Fumantes têm risco de desenvolvimento de mais de 50 doenças, conforme as informações levadas em conta pela AGU.

Menos de dois meses depois da ação, o MMA decidiu regularizar eventuais infrações da Souza Cruz no acesso a patrimônio genético, com base em uma lei de 2015.

Um termo de compromisso, obtido pela **Folha**, foi assinado entre ministério e Souza Cruz em 2 de julho de 2019, na gestão de Ricardo Salles.

O acordo regularizou atividades de remessa e bioprospecção feitas em desacordo com as leis anteriores a 2015, o que inclui acessos a patrimônio genético feitos a partir de junho de 2000.

Pelo termo, ficou suspensa a tramitação de eventuais processos administrativos e a aplicação de sanções. A Souza Cruz ficou responsável por atualizar "informações sobre os produtos oriundos do acesso ao patrimônio genético ou ao conhecimento tradicional associado".

As autorizações relacionadas fazem parte do Sisgen (Sistema Nacional de Gestão do Patrimônio Genético e do Conhecimento Tradicional Associado), vinculado ao MMA.

No termo de compromisso, a Souza Cruz pediu a ocultação dos nomes das espécies indicadas em cinco itens de um anexo, "incluindo aquelas que não são da biodiversidade brasileira, mas que têm relação com a pesquisa (tabaco)."

O MMA diz que será "rígido" na punição a empresas que não cumprirem integralmente as obrigações. "Até o momento, não foi constatada nenhuma irregularidade por parte da Souza Cruz."

O termo de compromisso foi assinado pelo brigadeiro da Aeronáutica Eduardo Camerini, que exercia o cargo de secretário de Biodiversidade do MMA. Ele deixou o ministério em setembro de 2020.

Segundo o MMA, o prazo final para assinatura de termos de compromisso era 6 de novembro de 2018. De 1.400 propostas apresentadas por empresas e instituições de pesquisa, 115 termos foram assinados ainda em 2018 e 756 no governo Bolsonaro.

"O cadastro de acesso da Souza Cruz refere-se a pesquisa científica", disse o MMA. "Não cabe ao ministério interceder pelo usuário."

Em maio de 2021, a empresa cadastrou no Sisgen seis projetos de obtenção de amostras de patrimônio genético. Os biomas citados são mata atlântica e caatinga, e os estados são Paraná, Rio Grande do Sul, Paraíba e Pernambuco.

Parte dos acessos a esse material genético passa por áreas consideradas indispensáveis à segurança nacional, o que obriga um aval do Conselho de Defesa Nacional. O general Augusto Heleno, ministro do GSI, é secretário-executivo do órgão. Cabe a ele permitir ou não o acesso a patrimônio genético em áreas sensíveis.

No caso do patrimônio genético desejado pela Souza Cruz, o ministro permitiu o acesso a "micro-organismos envolvidos no processo de fermentação tradicional de tabaco", conforme extrato do ato de anuência prévia de 23 de setembro de 2021, publicado no Diário Oficial da União.

Os municípios citados são Marechal Cândido Rondon (PR) e Mercedes (PR), na fronteira com o Paraguai, e Santa Cruz do Sul (RS).

O banco de dados de anuências prévias, mantido pelo Conselho de Defesa Nacional, não mostra outras autorizações do tipo à Souza Cruz nos últimos dez anos.

"O requerimento da Souza Cruz foi formalizado em atendimento ao disposto na lei nº 13.123, de 2015, que trata de acesso e remessa de amostras de patrimônio genético. O requerente protocolou a atividade perante o MMA, órgão controlador por intermédio do Sisgen", afirmou o GSI.

"Por se tratar de atividade de acesso em municípios localizados na faixa de fronteira, o cadastro foi submetido à consulta do Conselho de Defesa Nacional, que deu anuência prévia para o MMA concluir o processo."

O MMA afirmou que cabe ao conselho aprovar o acesso, sem que exista "qualquer interferência" por parte da pasta.

# Mais de 90% do desmate em fazendas de soja é ilegal em MT

Máquinas atuam em propriedade rural com soja em Mato Grosso Anton/Aposoja

Phillippe Watanabe

**SÃO PAULO** A maior parte do desmatamento em fazendas de soja em Mato Grosso foi ilegal, considerando o período de agosto de 2008 a julho de 2019, aponta análise do ICV (Instituto Centro de Vida).

Segundo o estudo, cerca de 92% do desmate nos imóveis destinados ao cultivo de soja não tinham autorização para a supressão vegetal. Valor semelhante foi encontrado para todo o desmatamento observado no estado no mesmo período. Para um desmate ser legal, ele deve ser comunicado e autorizado pelas autoridades ambientais.

Os pesquisadores apontam, porém, que a maior parte (mais de 50%) do desmate identificado se concentrou em somente 176 propriedades com soja que, em sua maioria, eram grandes fazendas com mais de 1.500 hectares.

Os pesquisadores usaram dados de desmatamento do Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), e dados públicos sobre imóveis rurais derivados do sistema mato-grossense de Cadastro Ambiental Rural, do Incra e do CAR (Cadastro Ambiental Rural) nacional.

Os dados sobre autorizações para desmate foram obtidos na Secretaria de Meio Ambiente de Mato Grosso. Informações do Ibama e novamente da secretaria foram usadas para observar áreas embargadas. Por fim, as áreas de plantio de soja foram obtidas pelo projeto Mapbiomas.

Ana Paula Valdiones, coordenadora do programa de transparência ambiental do ICV, afirma que isso mostra a importância de se ter mecanismos para separar os proprietários que seguem a lei dos que afetam a cadeia de produção com desmatamento.

O desmate nas fazendas com soja está concentrado em propriedades localizadas no bioma cerrado. Apesar disso, a maior parte de áreas embargadas identificadas pelo ICV estava em propriedades na Amazônia. Foram aplicados embargos (pelo Ibama ou pela secretaria estadual de meio ambiente) em 30% dos imóveis que produzem soja e tiveram desmates ilegais.

O Mato Grosso é o maior produtor de soja do país, com área ocupada, em 2020, de 10 milhões de hectares, segundo o ICV. Em 2021, a maioria absoluta da soja produzida no estado foi exportada — principalmente para a China, seguida pela União Europeia.

No cerrado, como mostram os dados de Mato Grosso, a soja ganha destaque. De agosto de 2020 a julho de 2021, o cerrado perdeu 8.531 km² de vegetação. Em comparação, na Amazônia o desmatamento foi de 13,2 mil km². O problema é que o cerrado tem cerca de metade do tamanho da maior floresta tropical do mundo, mas níveis de desmate tão elevados quanto.

Pode-se dizer que a Amazônia tem mais esferas de proteção. O código florestal de 2012, por exemplo, prevê uma área a ser preservada maior (80%) dentro de propriedades localizadas na floresta tropical. Já para o cerrado, as áreas que não podem ser derrubadas variam de 20% a 35% (caso seja dentro da Amazônia Legal).

A maior proteção à Amazônia se completa com a chamada Moratória da Soja (de 2006), a partir da qual ficou proibida a comercialização do produto que tivesse origem em áreas desmatadas.

Mas mesmo a moratória tem seus pontos fracos. Ela funciona no bloqueio somente de desmates ilegais que ocorreram na área em que a soja é plantada. Ou seja, se a fazenda que produz soja em área legal tiver desmatamento ilegal em alguma porção de terra, essa ilicitude não é considerada pela moratória.

> O cerrado está descoberto por um acordo da cadeia de grãos que proteja e vise combater o desmatamento nesse bioma
>
> **Ana Paula Valdiones**
> coordenadora do ICV

Levando em conta somente 2019 e a Amazônia mato-grossense, 75 mil hectares foram destruídos ilegalmente em áreas usadas para plantio de soja. Outros 118 mil hectares foram derrubados ilegalmente dentro dos imóveis que produzem soja, mas fora da área de cultivo da planta.

Segundo pesquisadores do ICV, é preciso atualizar o mecanismo e passar a considerar todo o imóvel que produz soja.

O instituto aponta a falta de mecanismos de controle de desmate associado à soja no cerrado e aponta o Protocolo Verde dos Grãos, do Pará, como um possível exemplo que poderia servir de inspiração para ampliar a análise de irregularidades.

"O cerrado está descoberto por um acordo da cadeia de grãos que proteja e vise combater o desmatamento nesse bioma", diz Valdiones.

Organizações do agronegócio e seus representantes costumam se colocar contrários à ideia de expandir práticas semelhantes à moratória para o cerrado.

Em 2020, a Abiove (Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais) afirmava, em nota, ter recebido "com indignação" o comunicado de mais de uma centena de empresas europeias que exigiam zero desmatamento nas compras relacionadas ao cerrado.

Em 2019 e 2020, a Cargill, multinacional de produção e processamento de alimentos, também havia se posicionado de forma contrária a práticas de moratória no cerrado.

A reportagem procurou a Sema (Secretaria de Estado de Meio Ambiente) de Mato Grosso e questionou se os esforços para combate ao desmate no cerrado é inferior em relação ao destinado para a Amazônia.

"Todos os biomas são monitorados por satélite de alta resolução", disse. "Os critérios para a fiscalização são as regiões que concentram maior parte do desmatamento ilegal, que tem sido historicamente a região do extremo norte de Mato Grosso [área do bioma amazônico]."

A Sema ainda afirmou que os dados apontados no estudo do ICV são "anteriores à atual gestão, e não refletem os avanços na fiscalização, monitoramento e autuação alcançados a partir de 2019".

"Mato Grosso implantou em 2019 o sistema de monitoramento por satélites Planet, de alta resolução. Com a nova tecnologia e o investimento na repressão, prevenção e responsabilização, o estado aumentou em 55% o número de autuações a crimes ambientais em 2021 em comparação ao ano de 2019", diz a secretaria, em nota.

O órgão ambiental também diz que o elevado número de autuações atinge desmates passados. A secretaria finaliza a nota afirmando que o avanço nas análises do CAR também ajuda no processo de responsabilização.

Apesar disso, segundo dados do Prodes, programa do Inpe, o desmatamento em Mato Grosso não parou de aumentar. Em 2019, foram 1.702 km², em 2020 foram 1.779 km² e no ano passado, 2.263 km².

A reportagem procurou o Ministério do Meio Ambiente, mas não obteve resposta até a conclusão desta edição.

Rogério Ceni, após o primeiro gol, em 97, quando tentava se firmar no gol São Paulo FC/Arquivo Histórico

Rogério Ceni em treino do São Paulo, em que tenta se firmar como técnico Rubens Chiri/saopaulofc.net

# Ceni festeja 25 anos de 1º gol e volta a se provar

Em 15 de fevereiro de 1997, goleiro marcou de falta na vitória do São Paulo sobre o União São João pelo Paulista

**SÃO PAULO** Há 25 anos, um Rogério Ceni menos calvo e trajado de calça fazia o primeiro de seus 131 gols na carreira, todos com a camisa do São Paulo.

Na vitória por 2 a 0 sobre o União São João, pelo Campeonato Paulista de 1997, o arqueiro se dirigiu para a cobrança de falta e, com um chute à meia altura no canto de seu colega Adinam, abriu o placar em Araras, aos 45 minutos do primeiro tempo. O lateral esquerdo Serginho, aos 8 da etapa final, fechou o triunfo convertendo um pênalti.

O gol em 15 de fevereiro daquele ano foi um ponto de inflexão na vida de Ceni, que se tornaria o maior goleiro artilheiro da história do futebol mundial. Seu último gol foi em agosto de 2015, em penalidade, nos 3 a 0 sobre o Ceará, pela Copa do Brasil.

Até anotar seu primeiro tento, porém, era preciso provar que, primeiro, ele poderia ser o titular da meta tricolor após o sucesso de Zetti na era Telê Santana; e, segundo, que um atleta de sua posição cobrar faltas e pênaltis não era só uma excentricidade dele e de Muricy Ramalho, o técnico responsável por dar essa chance.

"Paulo César bateu para o gol... Tá lá o Rogério, que é um bom goleiro, hein", narrou Luciano do Valle na Band no duelo com o União São João. Ceni era só Rogério, e o comentário do narrador indicava o status do atleta: desconhecido, mas visto com potencial.

Muricy, que fez do jovem paranaense o titular no gol são-paulino, definiu desde dezembro de 96 com a titularidade que seria seu camisa 1 o encarregado das cobranças de falta e pênaltis. No início de 97, Rogério Ceni teve quatro chances em faltas perto da grande área, sem sucesso. Foi na quinta cobrança que ele desencantou.

O convencimento junto ao torcedor e à opinião pública não se deu após o gol em Araras. Seriam necessários bons anos para que Ceni se consolidasse como o goleiro da equipe. Depois, campeão da Libertadores, do mundo e tricampeão brasileiro, construiu sua imagem como ídolo, para muitos o maior da história tricolor.

No aniversário de 25 anos daquele 15 de fevereiro de 1997, o ex-goleiro se vê de novo precisando provar suas capacidades, agora como técnico.

Aposentado dos gramados desde 2015, iniciou em 2017 como treinador no Morumbi. A primeira experiência, contudo, não foi exitosa. Ceni não resistiu após seis rodadas sem vitórias no Brasileiro e foi demitido, com o clube na zona de rebaixamento do Nacional. Em 37 jogos, somou 14 vitórias, 13 empates e dez derrotas — 49,5% de aproveitamento.

Depois, ele foi para o Fortaleza em 2018 e conquistou a Série B do Brasileiro. Na temporada seguinte, levou a equipe aos títulos do Cearense e da Copa do Nordeste, antes de aceitar proposta do Cruzeiro, de onde foi demitido em menos de dois meses. Aí retornou ao Fortaleza, onde foi bicampeão estadual, para assumir pouco tempo depois o Flamengo no Brasileiro de 2020, levando os rubro-negros ao título.

Depois, mesmo após sementar as taças do Estadual e da Supercopa do Brasil, Rogério Ceni teve sua demissão anunciada pelo clube carioca em julho do ano passado.

De volta ao São Paulo depois da saída de Hernán Crespo na reta final do Brasileiro e, mesmo com campanha irregular, Ceni manteve o time na primeira divisão na penúltima rodada — o São Paulo terminou em 13º, cinco pontos acima da zona de rebaixamento.

2022 poderá servir para que Ceni convença a torcida. "Rogério Ceni segue sendo o mais promissor técnico do Brasil", escreveu PVC na Folha, após as primeiras duas rodadas do Paulista. Em cinco jogos do Paulista, o São Paulo tem duas vitórias, um empate e duas derrotas. É o segundo no Grupo B, com 7 pontos, quatro a menos que o São Bernardo, que tem um jogo a mais.

O desempenho tricolor é irregular. O triunfo sobre a Ponte Preta, no domingo (13), só foi construído a partir dos 42 minutos da etapa final, quando Gabriel Sara empatou em Campinas. Calleri, aos 48, virou. "Não defendo o emprego, defendo a maneira de jogar. Sofremos na parte física, mas não deixamos de lutar", afirmou Ceni.

Será preciso mais do que isto para que o são-paulino se convença, como há 25 anos, de que seu técnico é capaz de alcançar o topo.

# Agarrado ao boxe, Newton Campos morre aos 96

**Alex Sabino**

**SÃO PAULO** No corredor do seu apartamento na alameda Barão de Limeira, no centro de São Paulo, Newton Campos tinha pendurado vários quadros. Só um não tinha referência ao boxe: rosto de Carlos Gardel escapando em trecho do tango "Adiós Muchachos".

O canto nascido na França e disputado por argentinos e uruguaios era uma das paixões de Campos. Não a maior. Pessoa dedicada para o esporte ao qual se dedicou até o final da vida. Jornalista, comentarista de TV e presidente da Federação Paulista de Boxe há 32 anos, Campos morreu nesta segunda, aos 96 anos. Ele sofreu enfarto em casa.

Até as últimas semanas, Campos atualizava as redes sociais da Federação e cuidava da organização da Forja dos Campeões, o mais tradicional torneio de boxe amador do país. Ele tomava a frente de tudo. Do sorteio das lutas, marcação de pontos, divulgação da tabela e premiação. Nas noites em que o evento acontecia, era o primeiro a chegar e o último a ir embora.

Continuava a entrar em contato com treinadores e lutadores para saber de novidades. Telefonava para jornalistas amigos para pegar informações e cobrava quando eles não iam ao embarque ou desembarque de atletas que fariam lutas internacionais e por disputas de título. Ele contava em detalhes exibição que viu Eder Jofre, aos sete anos, fazer no Ginásio do Pacaembu.

Ele foi o único jornalista do país na histórica luta entre Muhammad Ali e George Foreman na África, em 30 de outubro de 1974. E considerava Joe Louis o maior boxeador de todos os tempos.

Viúvo, Newton deixa dois filhos, Marcel e Carlos, e quatro netos. Seu corpo será enterrado em São Carlos (SP).

'Sem entusiasmo, você não chega a lugar algum', disse Newton à Folha em sua casa, no centro, em 2020 Bruno Santos/Folhapress

## Fifa confirma novo Brasil x Argentina e pune CBF e AFA

**SÃO PAULO** A Fifa anunciou nesta segunda (14) a conclusão da investigação sobre o duelo entre Brasil e Argentina, disputado em setembro de 2021, pelas Eliminatórias para a Copa, que foi interrompido pela invasão de agentes da Anvisa no gramado da Neo Química Arena. A partida deverá ser jogada novamente em horário e local a serem decididos pela Fifa.

A CBF terá de pagar multa de 500 mil francos suíços (R$ 2,8 milhões). Já a AFA foi multada em 200 mil francos suíços (R$ 1,1 milhão).

# Novos Tempos

Ao acompanhar de perto o jogo delas, em 2015, ele era conduzido e gerido por homens

**Renata Mendonça**

Jornalista, comenta no Globo e é cofundadora do Dibradoras, canal sobre mulheres no esporte

*A final da Supercopa do Brasil feminina representou mais um passo da revolução que estamos vendo acontecer nos últimos anos no futebol feminino. Jogo ao vivo na TV aberta e fechada, quase 22 mil pagantes na Neo Química Arena, uma narradora comandando a transmissão da maior emissora do país e, no campo, dentro e fora das quatro linhas, mulheres que finalmente começam a conquistar um protagonismo no jogo que, historicamente, sempre foi comandado por homens.*

*Cheguei cedo em Itaquera e avistei a árbitra Edina Alves Batista ao lado de suas companheiras de ofício tirando uma foto oficial. Um ano atrás, Edina estava fazendo história como a primeira mulher a apitar um jogo de Mundial de Clubes da Fifa. Por aqui, ela representa muito, ocupando espaço de autoridade no campo que sempre nos foi negado — apesar de o Brasil ter tido a pioneira Silvia Regina como a primeira mulher apitando jogos de Série A, em 2003, depois disso foi necessário esperar mais de 15 anos para alguém repetir o feito (com Edina, em 2019).*

*Em seguida, cumprimentei Aline Pellegrino, a atual coordenadora de seleções e de competições femininas na CBF junto com Ana Lorena Marche, que recém-assumiu a função de supervisora de seleções femininas. Conversei também com Thaís Picarte, outra ex-jogadora que se especializou para atuar na gestão e estava ali também como nova coordenadora do futebol feminino da FPF. As mais novas executivas do futebol.*

*Foram encontros breves que, no dia seguinte, me fizeram pensar. Acho importante sempre a gente ter em mente de onde a gente veio e para onde estamos indo — é isso que nos ajuda a identificar se estamos trilhando o caminho certo. Em 2015, quando comecei a cobrir e acompanhar de perto o futebol feminino, uma coisa me chamava a atenção. Ele era conduzido, comandado, gerido por homens. As protagonistas do campo, claro, eram mulheres, jogadoras. Mas do lado de fora, seja no comando técnico ou no comando da gestão, eram sempre homens.*

*A CBF não tinha nenhuma mulher em cargos relacionados ao futebol feminino — só a assessora de imprensa da seleção feminina que era, na época, a "estrelinha no ramo". A FPF não tinha ninguém para cuidar da modalidade. Na arbitragem, também era raro vermos mulheres como árbitras principais — era mais comum vermos assistentes femininas. E na maioria dos clubes (assim como ainda acontece hoje), também eram homens que cuidavam do futebol delas.*

*A primeira grande exceção talvez tenha sido o Corinthians, que no momento em que fez parceria com o Audax para retomar o investimento no futebol feminino em 2016, tinha uma mulher no comando do projeto. Cris Gambaré, que até hoje é a responsável pelo departamento no clube. Esse diferencial ajuda a explicar o sucesso do Corinthians.*

*Não, não "precisa ser mulher" para comandar um projeto de futebol feminino no clube ou numa confederação. Preciso ser alguém que, primeiro, tenha vontade de fazer algo pelas mulheres. E segundo, seja competente para fazê-lo. Não era o caso de muitos dos homens que víamos no comando do futebol das mulheres até pouco tempo atrás. Inclusive não é o caso de muitos dos que vemos hoje comandando departamentos de grandes clubes de camisa, como Palmeiras, São Paulo, Grêmio — equipes que têm como responsáveis pelo futebol feminino dirigentes ou ex-jogadores que não têm conhecimento ou experiência na modalidade.*

*Não é "coincidência" que os novos tempos que estamos acompanhando no futebol feminino, com mais transmissões, mais competições e mais investimento, tenham vindo quando mulheres competentes finalmente conquistaram o protagonismo do jogo que sempre foi delas. E tem muito mais ainda por vir.*

SEBASTIÃO SALGADO NA AMAZÔNIA

Sebastião Salgado - 8.out.2017

Imagens do jornalista Leão Serva mostram os bastidores da expedição do fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado à Amazônia. Serva registrou momentos exatos em que Salgado fez as fotos, como na imagem dos líderes Visa e Takvan do vale do Javari (AM). As imagens de Salgado serão exibidas em exposição que abre hoje (15) no Sesc Pompeia e se encerra 10 de julho. As imagens dos bastidores fazem parte da exposição 'Amazônia: o processo de criação de Sebastião Salgado', com imagens e curadoria de Lélia Wanick Salgado, esposa do fotógrafo, que vai de dia 8 de março até 8 de maio no Itaú Cultural.

Leão Serva - 8.out.2017 - Divulgação

É COISA FINA | Tati Bernardi

folha.com/ecoisafina

## Ou a morte ou o livro — O testamento literário de Marguerite Duras

**Escrever**
★★★★
Marguerite Duras
Relicário
R$ 55,90 (144 págs.)

Em junho de 2021, tomei conhecimento, por este jornal, na coluna Painel das Letras, que a editora mineira Relicário lançaria dez obras da autora francesa Marguerite Duras. Fiquei animadíssima, uma vez que não é fácil encontrar traduzido o vasto material da romancista, mais de 50 livros, roteiros premiados de cinema (por exemplo: "Hiroshima, Meu Amor"), peças de teatro e ensaios.

Somente agora li "Escrever", coletânea com cinco textos originalmente lançada em 1993, cerca de dois anos antes da morte da escritora, e considerada, sobretudo por seu texto de abertura, [illegible] uma espécie de testamento literário de Duras.

Os curtos ensaios "A morte do jovem aviador inglês", "Roma", "O Número Puro" e "A Exposição da Pintura" são carregados de [illegible] e beleza, mas passaram longe de me emocionar tanto quanto "Escrever", leitura obrigatória sobretudo para quem, em qualquer momento da vida, decide redigir algum parágrafo com coragem. É bem bonita e até divertida a passagem em que Duras sugere que os piores livros [illegible] e que os [illegible] são os melhores.

Marguerite está em sua casa em Neauphle-le-Château e decide debater o ofício da escrita com o cineasta e amigo Benoît Jacquot. Para ela, escrever é como "encontrar-se diante de um buraco, no fundo de um buraco, numa solidão quase total, e descobrir que só a escrita vai te salvar". E, no caso de Duras, salvou mesmo: a autora garante que sem a rotina compulsiva dedicada à literatura, teria se tornado dependente de álcool.

O que lemos é o registro de um magnífico, honesto e visceral texto falado, o que me lembrou um pouco a leitura dos seminários do médico e psicanalista Jacques Lacan. Não à toa, Lacan é citado bem no comecinho da fala de Marguerite: "Ela não deve saber que escreve aquilo que escreve. Porque iria se perder. E isso seria uma catástrofe".

Ao longo das 40 páginas de seu testemunho, Marguerite declara que a literatura é a única que jamais a abandonou e faz uma ode poética e em tom de despedida à solidão: "A solidão da escrita é uma solidão sem a qual a escrita não acontece, ou então se esfarela, exangue, de tanto buscar o que mais escrever. Perde o sangue, não é mais reconhecida pelo autor". É também a solidão, nas palavras da romancista, que vem avisar "ou a morte, ou o livro".

Para terminar, só mais duas frases desse livro que já se tornou uma espécie de religião para mim (volto às frases que grifei o tempo todo): "é preciso ser mais forte que si mesmo para abordar a escrita, é preciso ser mais forte que aquilo que se escreve" e "[illegible] ser escritor é um preço a se pagar por ter ousado sair e gritar".

[...]

**Marguerite fala que a literatura é a única que jamais a abandonou e faz uma ode poética e em tom de despedida acerca da solidão: "A solidão da escrita é uma solidão sem a qual a escrita não acontece, ou então se esfarela, exangue, de tanto buscar o que mais escrever. Perde o sangue, não é mais reconhecida pelo autor".**

[illegible]

**Durante dois anos, o médico italiano Pasquale Bacco,** cuja licença está suspensa por seis meses, foi opositor ferrenho das vacinas contra a Covid-19. Isso até um jovem de 29 anos, que tinha salvos no celular vídeos do profissional em manifestações antivacina, morrer pelo coronavírus. "Sinto que essa morte foi culpa minha", disse Bacco, hoje imunizado, ao jornal italiano Corriere della Sera. "Quando vi a realidade com meus próprios olhos, me dei conta de que estava equivocado." Uma pesquisa do instituto Ipsos publicada no fim de janeiro mostra que, entre os entrevistados que não receberam nenhuma injeção (8,5%), 48% diziam ter certeza que não serão vacinados e 38% se declaram convencidos de ter que se opor a todo custo.

ACERVO FOLHA | Há 100 anos 15.fev.1922

## Conde Siciliano ganha homenagem da Liga Agrícola pela defesa do café

A Liga Agrícola Brasileira prestou nesta terça-feira (14) uma homenagem ao conde Alexandre Siciliano, industrial e economista que dirige a campanha para a valorização do café.

A entidade enviou um telegrama ao homenageado dizendo que, em uma assembleia geral extraordinária, analisou a situação do café e verificou com satisfação o triunfo das medidas determinadas pelo governo federal e executadas por Siciliano em defesa da produção nacional.

Entre unânimes aplausos das pessoas na assembleia, a diretoria da Liga Agrícola foi autorizada a manifestar o seu profundo reconhecimento pelo trabalho feito

Folha da Noite

LEIA MAIS EM acervo.folha.com.br

O cantor de rap FBC

# Segue o baile

**FBC fez de 'Se Tá Solteira' um hit no TikTok revivendo o estilo Miami bass e o funk das antigas**

Jairo Malta

SÃO PAULO Quando o beatmaker Vhoor sugeriu que o rapper FBC fizesse uma música usando batidas do Miami bass, sua primeira reação foi de desconfiança. "O Vhoor ficou insistindo tanto para usarmos os beats de Miami, que eu aceitei. Em dez minutos, escrevi a música 'De Kenner' e gravamos. Quando ouvi, falei 'pô, sou rapper, não dá para aparecer com essas músicas engraçadinhas, não, guarda isso aí'."

"De Kenner" é uma das faixas de "Baile", disco com bases resgatadas dos funks cariocas dos anos 1990 e que acabou virando presença obrigatória nos sets dos principais DJs do Brasil. Seja num churrasco na periferia ou numa balada chique no centro da cidade, é difícil não ter ouvido alguma faixa do álbum nos últimos meses.

A fórmula do sucesso de "Baile" inclui ainda o Miami bass, que Vhoor pôs em todas as faixas do álbum. Surgido nos bairros negros de Miami, nos Estados Unidos, nos anos 1980, o ritmo misturava sons eletrônicos e de buzinas a vozes robotizadas dos cantores de rap. A ideia dos produtores e compositores da época era fazer um contraponto aos discursos politizados das letras de hip-hop usando batidas aceleradas e versos sobre baladas e curtição.

"O Miami venceu", diz Fabrício Soares, o FBC. "Foram risco grande fazer esse trabalho todo em Miami bass. Quando lançamos a primeira música do disco, 'Se Tá Solteira', ficamos bem preocupados, porque ela não teve o retorno que a gente esperava mesmo depois de algumas semanas. Até que bombou."

Esse sucesso teve como combustível coreografias viralizadas no TikTok e no Instagram pela cantora Anitta e outros artistas badalados. Mas vale notar que não é só "Se Tá Solteira" —que acumula mais de 11 milhões de audições no Spotify e outros 5 milhões de views no YouTube— que é cantada em uníssono pelos fãs nos shows do rapper. Todas as canções do disco costumam enlouquecer o público durante as apresentações.

"Baile" surgiu depois da insistência de Vhoor, nome artístico de Victor Hugo, quando eles colaboravam no EP "Outro Rolê", primeira parceria da dupla, também do ano passado. Então, o duo explorava sobretudo as batidas de trap e drill, mas a temática do baile funk já aparecia em músicas como "Baile de Ladrão".

O artista, que tem outros três álbuns de rap na carreira —"S.C.A", de 2018, "Padrim", de 2019, e "Best Duo", de 2020, este feito em parceria com a cantora Iza Sabino—, conta que foi só depois de mostrar o disco a um amigo num lava-rápido que mudou de ideia sobre o seu flerte com o Miami bass. "Quando pus 'De Kenner', vi o semblante dele mudar. Aí eu pensei 'é isso!'."

A preocupação de FBC não era para menos. O estilo dançante do Miami bass, além de antigo, é [illegible] na cultura da música eletrônica como obsoleto. Nenhum hit de sucesso dos últimos anos é filiado ao gênero, que chegou ao Brasil no início dos anos 1990 e foi logo incorporado ao funk nos bailes cariocas. A mistura dos gêneros pode ser vista em sucessos como o "Rap das Armas", da dupla Cidinho e Doca, ou o "Rap do Solitário", de Mc Marcinho.

O DJ Marlboro, um dos propulsores do funk no país, conta que o êxito do ritmo, que ajudou a disseminar, aliás, só aconteceu porque ele sofreu essa metamorfose. "A mistura da música eletrônica do Afrika Bambaataa, um dos criadores do Miami bass, com o samba, o forró e o rap que estava aparecendo em São Paulo e no Rio foi a receita do sucesso do funk carioca nos bailes", afirma.

Continua na pág. C3

# MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

## SER OU NÃO SER

Uma das peças-chave para a formação de uma federação do PT com o PSB, o prefeito do Recife, João Campos (PSB-PE), ainda não tem posição formada sobre o assunto. Sem o apoio dele, a ideia terá maior dificuldade de prosperar. A demora tem gerado tensão em lideranças dos partidos que pretendem selar a aliança.

**PAPEL E LÁPIS** Na semana passada, Campos se reuniu com o governador de Pernambuco, Paulo Câmara (PSB), que defende a federação, e com o presidente do PSB, Carlos Siqueira.

**PAPEL 2** Ele foi informado de que dois pontos que o atingem diretamente já tinham sido aceitos pelo PT e também pelo PV e o PC do B, que discutem o acordo: a candidatura nata (ou seja, quem já exerce um cargo, como Campos, tem o direito de disputar a reeleição) e a composição das chapas de deputados que vão disputar a eleição.

**PAPEL 3** Ela levará em conta o número de parlamentares eleitos em 2018. Com isso, o PSB de Pernambuco indicará quase que a totalidade de candidatos para disputarem uma vaga na Câmara. Em 2018, o partido elegeu cinco deputados, contra dois do PT.

**NO CAMINHO** "As discussões sobre a federação estão caminhando bem, estão avançando", disse Campos à coluna. "Mas ainda estou aguardando a finalização da discussão", afirma ele.

**FOCO** Um outro foco de problema para que a aliança seja sacramentada é São Paulo. Tanto o PT, com Fernando Haddad, quanto o PSB, com Márcio França, dizem não abrir mão de lançar uma candidatura própria ao governo do estado. A federação, no entanto, só poderá ter um nome na disputa.

**À MESA** O ouvidor das Polícias de SP Elizeu Soares Lopes participará de reunião com a cúpula do Corinthians na próxima quarta (16) para discutir um episódio de violência envolvendo torcedores e a Polícia Militar. A expectativa é que sejam propostas mudanças para o protocolo da PM em dias de jogos.

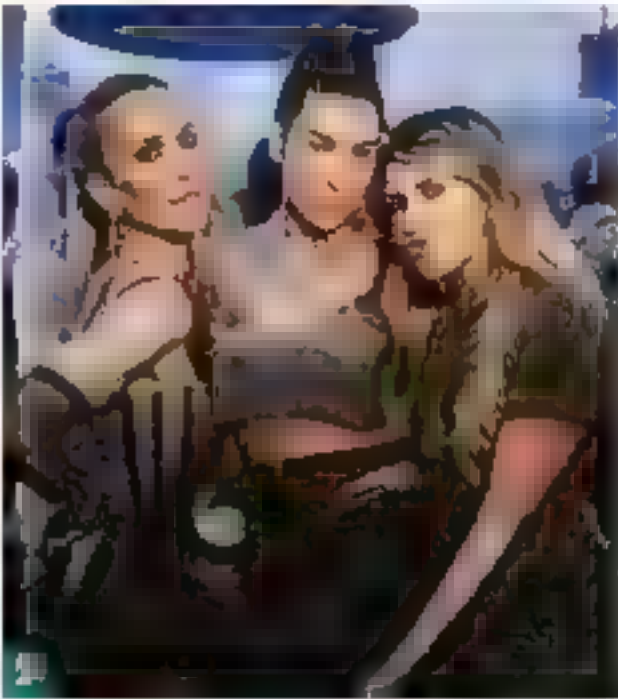
**GRAVANDO** O caso ocorreu na última quinta-feira (10), em Itaquera, antes de partida do Corinthians contra o Mirassol. O tumulto teria sido iniciado após um policial quebrar o ingresso de um torcedor durante a revista.

**GRAVANDO 2** A abordagem foi filmada, e nas imagens é possível ver um homem desmaiando após ser imobilizado por um agente da corporação. Inconsciente, o torcedor ainda foi arrastado e teve seu braço torcido pelo PM.

**PARA ELAS** Cem mulheres foram selecionadas para participar do projeto Lidera+, de formação política. Nesta edição, o programa capacitará aquelas que pretendem concorrer ao cargo de deputada estadual ou federal nas eleições. A iniciativa é do Solidariedade em parceria com a Fundação 1º de Maio, ligada à legenda. As aulas, gratuitas, começam no dia 18 deste mês.

## SHOW DA PODEROSA

Henrique Cabral/Divulgação

Iude Richele/Divulgação

Iude Richele/Divulgação

A cantora Anitta recebe o abraço do cabeleireiro Thiago Fortes [illegible] de subir ao palco da Arena Carnaval SP, no sábado (12). A advogada Gabriela Prioli, a atriz Fernanda Paes Leme e a humorista Dani Calabresa [2] foram conferir a [illegible]tação no Memorial da América Latina. O cantor João Figueiredo e a esposa, a modelo Sasha Meneghel [3], também estavam na área para convidados do show

**BOLSO** Uma pesquisa feita pelo Instituto Locomotiva a pedido da empresa Fiserv aponta que o Pix será o meio de pagamento mais comum (91%) entre os brasileiros nos próximos dez anos. Atrás ficam as carteiras digitais (82%) e a leitura de QR Code (81%).

**PASSADO** E um a cada cinco brasileiros acha que o dinheiro em espécie desaparecerá, assim como o cheque (60% dos entrevistados). A pesquisa ouviu 1.500 pessoas entre 20 de outubro e 3 de novembro.

**PALCO** A atriz Denise Stoklos estreia "Abjeto — Sujeito. Clarice Lispector por Denise Stoklos" em 10 de março, no Sesc 24 de Maio, em SP. A peça com direção de Elias Andreato usa textos de Clarice Lispector e canções de Elis Regina.

**FELIZÕES** O festival internacional World Happiness Fest, que celebra a felicidade como um direito humano, será realizado pela terceira vez no Brasil. O evento online, que contará com 50 profissionais participando de debates, ocorre entre 17 e 21 de março.

**PROCURA-SE** O musical "Sidney Magal: Muito Mais que um Amante Latino" fará um processo seletivo com atores que desejem interpretar o artista. As inscrições, abertas a pessoas de todo o país, serão recebidas entre os dias 25 deste mês e 25 de maio. O candidato precisa ter extensão vocal e timbre de voz similares ao do cantor.

com Lígia Mesquita, Bianka Vieira e Manoella Smith

Eddie Vedder em detalhe da capa do seu álbum mais recente, 'Earthling' Reprodução

# Eddie Vedder lança o belo 'Earthling', criando pérolas sem o Pearl Jam

## Com participações de Ringo Starr e Elton John, melhor cantor de rock de sua geração segue cheio de ousadia

MÚSICA
**Earthling**
★★★★★
Artista: Eddie Vedder. Gravadora: Republic Records. Disponível nas plataformas digitais

**Thales de Menezes**

O novo álbum solo de Eddie Vedder é muito melhor do que qualquer coisa que o Pearl Jam fez desde... Sei lá, faz um tempão. Enquanto a banda parece estar meio encalhada num rock básico e setentão, colada no som de ídolos como Neil Young e John Fogerty, o vocalista revela mais inquietação, ao longe dos colegas.

"Earthling" é um menu degustação do que Vedder fez de melhor com o Pearl Jam. Tem rock rápido, às vezes quase punk, tem aquele pé no country e no folk, tem as baladas de levada épica, perfeitas para o vozeirão do cantor.

Diferente do apenas simpático álbum que gravou tocando ukulele, "Ukulele Songs", de 2011, e da monótona trilha sonora para o filme "Na Natureza Selvagem", de 2007, dessa vez Vedder parece disposto a se divertir com sua enorme e variada sacola de influências roqueiras. Ele tem, afinal, uma exuberante coleção de singles de vinil, coisa de um verdadeiro garimpeiro de música.

"Power of Right" e "Try" são os pontos altos de um disco que chega perto do impecável. A primeira traz poderosos riffs de guitarra, que devem incendiar plateias na turnê do álbum. Por todo o disco, dois guitarristas exímios proporcionam essa festa de rock: Andrew Watt, também produtor do disco, e Josh Klinghoffer, ex-Red Hot Chili Peppers.

"Try" é outra pérola de rock nervoso, apresentando na abertura da faixa um delicioso solo de gaita de Stevie Wonder, um luxo reservado a poucos amigos do mestre. Num pandemônio pesado, a participação de Olivia Vedder, filha do cantor, Harper, mais uma de sua prole, colabora na baladona "Long Way".

Ajuda na harmonia dentro do estúdio ter Klinghoffer na guitarra e Chad Smith na bateria, resgatando tempos no Red Hot Chili Peppers. Em termos de baterista, "Earthling" talvez seja o álbum mais interessante dos últimos anos. Além de Smith, com o batuque criativo que exibe no Peppers, o disco tem duas participações especiais nas baquetas.

"Mr. Mills", empolgante pop rock, não tem jeitão de canção dos Beatles à toa. Um tal de Ringo Starr estava no estúdio atrás dos pratos e dos tambores. Em "Picture", na qual Vedder fica entre o country e o folk, quem senta à bateria é Abe Laboriel Jr., poderosa usina sonora na banda fixa de Paul McCartney. E essa mesma faixa conta ainda com o vocal de Elton John, ampliando a lista de estrelas.

Nas letras, Vedder continua flertando com versos delirantes. São mais propostas de estranheza que narrativas correntes. Algumas letras parecem saídas de livros beatnik ou de visões intrigantes, típicas da poesia de Jim Morrison.

Inseridas na categoria de baladas com muito peso, a já citada "Long Way" e a envolvente "The Haves" fornecem a Vedder o espaço para performances vocais que comprovam que ele é o melhor cantor de rock de sua geração. Como brinca Robert Plant, lenda viva do Led Zeppelin, Vedder canta covers de clássicos para humilhar os velhinhos com fama de grandes vocalistas.

O americano Vedder sempre deixou clara sua paixão por estilos característicos de seu país, como o country rock, o som das bandas sulistas, a força de bandas de garagem californianas e a inovação de grupos de Nova York nos anos 1970.

Menos conhecida dos fãs é a adoração do cantor pelo punk rock inglês "de raiz". Ele tem um acervo imenso de gravações de Sex Pistols, Sham 69, Tom Robinson Band, Stranglers e Buzzcocks. Em turnês, o Pearl Jam já apresentou versões matadoras do Public Image, grupo do vocalista dos Sex Pistols, John Lydon.

E Vedder canaliza essa influência na melhor faixa do álbum. "Good and Evil" é uma paulada sonora, cantada com fúria. Não deve repercutir muito, por ser menos palatável que o resto do repertório do álbum, mas já está na galeria dos melhores rocks acelerados recentes.

Esse excelente "Earthling" não pode ser classificado como um modo de Vedder resgatar o que já fez de mais impactante com o Pearl Jam. Essa pode ser a impressão inicial, mas será fácil perceber que é uma amostra de avanços musicais, de ousadia. Se isso não cabe mais na banda, Eddie Vedder vai desbravar novas terras sozinho.

“Minha ideia foi contar uma história de uma comunidade criada pela união dos moradores. Quem presta atenção consegue identificar a continuidade das músicas já nos nomes delas

**FBC**
cantor de rap

O cantor de rap FBC e o produtor musical Vhoor, parceiros do disco 'Baile' Mandarley Vieira/Divulgação

“Essa cultura da música eletrônica nos bailes não ficou só no Rio, em Minas Gerais e no Maranhão. Até 2010, o funk consciente de BH usava Miami bass como base

**Vhoor**
produtor musical

## Segue o baile

Continuação da pág. C

Usar um gênero que desapareceu das rádios e do streaming ao mesmo tempo em que o atualiza é uma tarefa para poucos. Uma tentativa parecida foi feita pelos MCs Marcinho e Delacruz e o beatmaker Gu$t no início do ano passado em "Romântico 90". A música buscava modernizar o tamborzão, batida muito presente nos funks dos anos 1990, mas acabou não sendo tão bem-sucedida quanto aquelas de "Baile".

Por outro lado, o fato de Vhoor ter empregado a mesma fórmula que outros produtores usaram nos primórdios da música eletrônica no país é um dos pilares do sucesso de "Baile". "Essa cultura da música eletrônica nos bailes não ficou só no Rio, em Minas Gerais e no Maranhão, por exemplo, ela vive até hoje", afirma Vhoor. "Até 2010, o funk consciente de Belo Horizonte usava Miami bass como base das músicas."

Esse histórico ajudou "Baile" a ter uma sonoridade familiar e até nostálgica para os que frequentavam os bailes nos anos 2000. "As festas de rap de BH há uns 20 anos eram conhecidas por serem lugares hostis. Você não via mulheres, gays ou lésbicas nesses rolês. Já os bailes funk eram lugares abertos a todos", diz FBC.

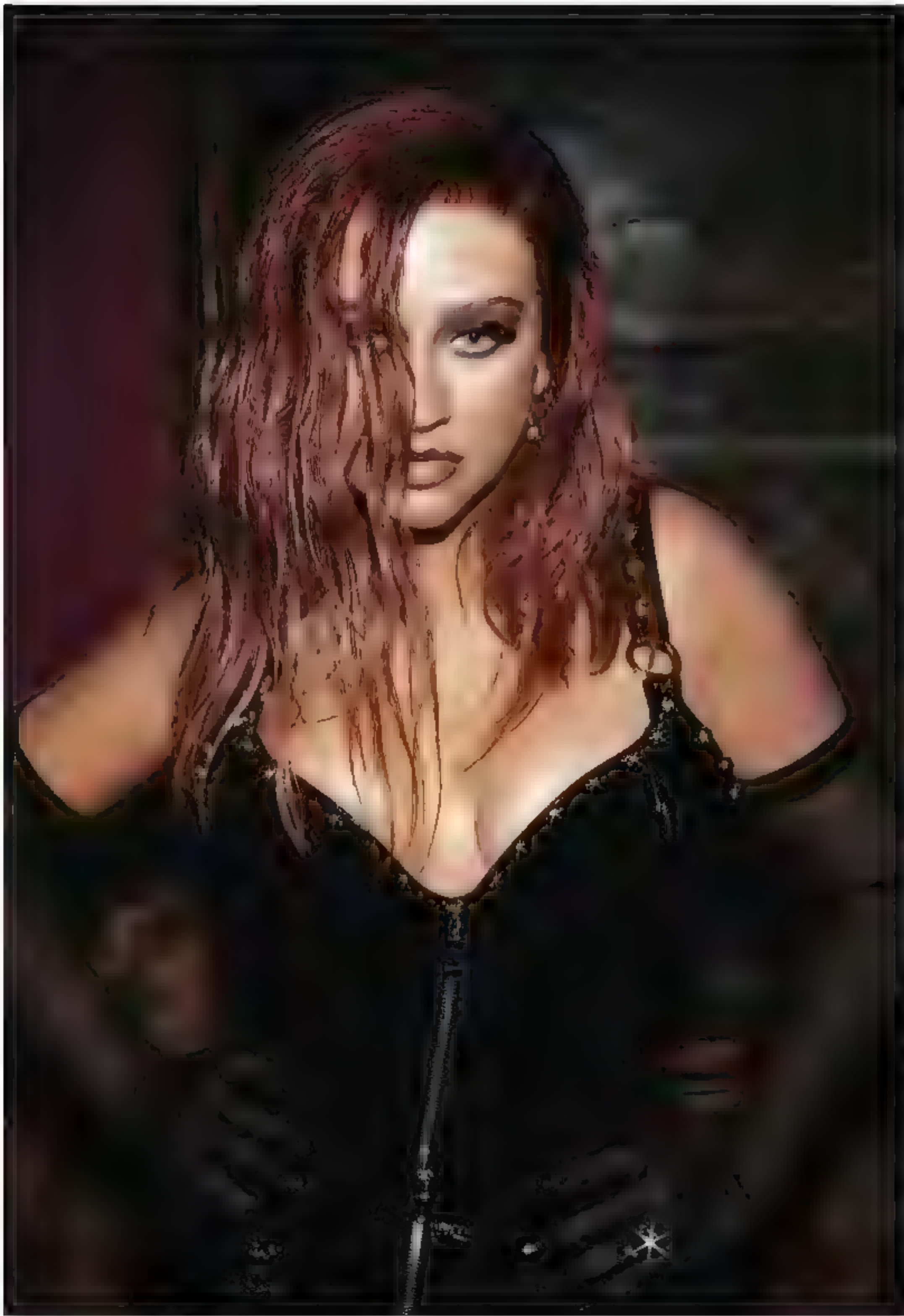
Vale dizer que no álbum é possível ouvir um pouco da história desse ritmo nas festas em bairros periféricos, numa espécie de plano-sequência sonoro. Nos primeiros versos da faixa "Vem pro Baile", que inicia o disco, FBC percorre as comunidades de Belo Horizonte como se estivesse convidando todos para a festa "Sala VIP", na Cabana do Pai Tomás, na zona oeste da capital mineira.

Ainda na música, é lembrada uma coreografia que acabou viralizando nas redes sociais. "Todo mundo junto, um pra lá e dois pra cá/ no ritmo dançante cê gira pro meio e desliza/ só não esquece a gutarrinha."

Conhecido como "passinho de BH", segundo FBC, a dança surgiu no fim dos anos 1990 durante as festas de funk nas periferias da cidade. "A cultura do passinho, muito influenciada pelos estilos de dança da música eletrônica americana e pelo charme, ganhou espaço nos bailes de gueto em Minas."

Nas dez faixas do álbum, o rapper equilibra letras mais empolgantes e outras com um discurso mais comum de se ouvir nos discos de rap — mas sempre com o mesmo estilo que anima as pistas de dança.

"A obra toda fala da mesma coisa, por isso segue o mesmo ritmo. Minha ideia foi contar uma história de uma comunidade criada pela união dos moradores. Nem todo mundo entende essas histórias que estão por trás do álbum, mas quem presta atenção consegue identificar a continuidade das músicas já nos nomes delas", diz ele.

Depois de ficar por semanas em novembro do ano passado na lista "Top Músicas — Brasil", no Spotify, a faixa "Se Tá Solteira" continua como principal som de coreografias nas redes sociais e permanece uma das favoritas para embalar o Carnaval de 2022 — caso ele venha mesmo a acontecer. "Eu quero mais é que 'Baile' viralize no TikTok, no Instagram ou onde for e que isso resulte em dinheiro para a gente focar em outros projetos mais tranquilos."

A cantora Christina Aguilera Divulgação

# Christina Aguilera supera os abusos do pai e volta ao espanhol 20 anos depois

## Cantora inicia trilogia em que volta à língua de 'Mi Reflejo', álbum que fez sucesso nos anos 2000

**Lucas Brêda**

**SÃO PAULO** Nos últimos dias, um nome conhecido voltou a frequentar a parada de sucesso de música latina da Billboard. É a cantora Christina Aguilera, que está de volta com o EP "La Fuerza", que marca o retorno da artista à língua espanhola mais de duas décadas depois de "Mi Reflejo", seu primeiro —e, até então, único— álbum não cantado em inglês.

"É algo que quero fazer há 20 anos, desde que lancei meu primeiro álbum em espanhol. Mas estou feliz que estou fazendo isso agora, porque tenho uma percepção mais profunda —tendo sido mãe, tendo a carreira que tive, tendo meio que feito as pazes com meu passado. Há muito mais camadas em relação ao que quero fazer e falar", diz Aguilera, que tinha por volta de 20 anos quando gravou "Mi Reflejo".

Com seis faixas, "La Fuerza" é o primeiro de uma sequência de três EPs, a serem lançados nos próximos meses, em que a cantora americana volta a olhar suas raízes equatorianas. "Mi Reflejo", segundo disco de Aguilera, saiu em 2000 com músicas inéditas e regravações em espanhol de hits em inglês do álbum anterior, como "Genie in a Bottle" —que virou "Genio Atrapado", por exemplo. "Mi Reflejo" fez tanto sucesso que até hoje figura entre os discos com mais semanas no primeiro lugar da parada latina da Billboard.

Desde então, Aguilera construiu uma carreira no mercado americano e, por isso, precisou passar por uma espécie de imersão na música latina, em Miami, há cerca de um ano, antes de gravar "La Fuerza". "Entrei completamente num mundo em que me permiti ser vulnerável, explorar, aprender, ser rodeada pelos mais talentosos e incríveis artistas, cantores e compositores. Não há nada como a música latina no mundo. Nada que incorpore tanta força e energia vital", ela diz.

Filha de pai equatoriano, que atuava no Exército dos Estados Unidos, e mãe americana de ascendência europeia, tradutora de espanhol e violinista, ela conta que precisou enfrentar medos para gravar as novas músicas. "Não é minha primeira língua, então pode ser meio assustador. Mas não fiquei travada por esse medo, porque é algo que quero explorar também para meus filhos, mostrar que apesar de não ser 100% confortável para mim —como seria em inglês—, mas é uma parte de mim, da minha história, da minha ascendência."

"Cresci ouvindo espanhol em minha casa, minha mãe fala espanhol fluente. Então, é algo que é parte da minha infância. Também queria fazer isso de uma maneira autêntica, incorporando a música em espanhol que ouvi ao longo dos últimos 20 anos, que passei a conhecer e explorar melhor, de Chavela Vargas a ser inspirada por Frida Kahlo. São coisas que não me influenciariam se eu tivesse lido esse álbum antes, porque pude explorar mais profundamente a música e a cultura latina para poder chegar a esse ponto."

"La Fuerza" é calcado nas sonoridades contemporâneas do reggaeton, mas também traz uma balada ao piano, "Somos Nada", e uma espécie de ranchera, "La Reina". "Não queríamos só fazer o que está fazendo sucesso no momento. Queria me aprofundar e fazer isso da maneira correta, usando influências que são importantes para mim. Usei essas referências e os músicos certos para chegar à raiz do que eu estava buscando. Realmente voltei a me apaixonar pela música", diz a cantora.

"Pa Mis Muchachas", single de maior audiência de "La Fuerza", traz Aguilera convidando outras cantoras latinas, entre elas a estrela em ascensão argentina Nathy Peluso, a conterrânea Nicki Nicole e a americana com ascendência mexicana Becky G. A música e o clipe tratam exatamente dessa união feminina.

"Uma coisa que aprendi sobre mulheres latinas é que somos superfortes e queria abordar isso em 'Pa Mis Muchachas', fazer homenagem às minhas raízes, à herança, à mulher latina como arquétipo de força e representar que somos a espinha dorsal de nossas famílias, as que nutrem, que cuidam. Mas também temos que ser os pilares da força, e queria mostrar que está tudo bem ser vulnerável, ter os momentos em que precisamos nos reabastecer e ajudar umas às outras. No vídeo, a mensagem é que sou uma mulher forte hoje porque uma mulher forte antes de mim me ensinou a ser forte e outra antes dela também a ensinou."

Uma das questões que surgiram para Aguilera durante a feitura do disco foi sua relação com o pai, Fausto, de quem herdou o sobrenome e o manteve mesmo após a pressão da indústria para que ela trocasse o nome artístico por outro mais comum para o mercado americano.

Em entrevistas e músicas como "Oh Mother", de 2006, ela já disse que, além de ausente, o pai abusava psicológica e fisicamente dela e da mãe durante sua infância.

Agora, segundo Aguilera, ela fez as pazes com o passado. "É uma história verdadeira e algo contra o que sempre batalhei. Sempre tive meus problemas de relacionamento com meu pai, tenho muitas memórias que são complicadas e já falei sobre o que aconteceu na minha infância. Não tenho medo de falar porque acredito que tenho essa voz por alguma razão. Então, se tem alguém que esteja passando por essas coisas na vida, posso ajudar jogando luz nesses assuntos que não são confortáveis", diz. "Sendo mãe, fiz as pazes com meu passado. Abandonei muitas coisas."

Aos 41 anos, ela também se lembra de quando despontou como estrela pop na virada do século, recém-saída da adolescência, e gravou "Mi Reflejo".

"Era a bebê Christina", ela ri. "Também estava em Miami, gravei tudo lá. De novo, quando estou cercada pela língua espanhola, o que não acontece na minha vida atualmente, ativa algo que está embutido em mim para o resto da vida. As turnês que fiz com 'Mi Reflejo' em territórios latinos foram muito incríveis para mim. Não há nada como a energia das plateias latinas."

"E por causa da minha infância, [essa experiência] me leva diretamente a momentos importantes da minha vida, memórias de que gosto. É por isso que foi muito importante ter feito esse disco agora. Consigo vivenciar isso tudo com outro olhar em relação ao que eu tinha quando eu tinha, sei lá, acho que não tinha nem 20 anos de idade. Era uma loucura."

**La Fuerza**

Artista: Christina Aguilera. Gravadora: Sony. Nas plataformas digitais

Cena do filme 'Três Tigres Tristes', de Gustavo Vinagre, exibido no Festival de Berlim Foto Divulgação

# Trio vaga por uma São Paulo pandêmica em filme

## Diretor Gustavo Vinagre leva à Alemanha o longa 'Três Tigres Tristes', jornada de descoberta ora fofa, ora sexualizada

FESTIVAL DE BERLIM

Bruno Ghetti

BERLIM Nos últimos quatro anos, o diretor Gustavo Vinagre teve três longas exibidos no Festival de Berlim. A marca se soma a outra, que o torna um cineasta peculiar no cenário brasileiro —só nos últimos sete meses, enquanto o audiovisual penava com as restrições da pandemia e da política cultural do governo Bolsonaro, Vinagre conseguiu lançar três longas, todos exibidos em eventos importantes do calendário cinematográfico.

"Isso tem muito desse meu método de trabalho, de ir filmando e desenvolver ideias paralelamente, prevendo que fazer filmes depende de um tempo único", diz Vinagre. "Trabalho com ideias tanto para filmes que dependem de dinheiro quanto para outros que dependem de ideias mais imediatas, que eu quero fazer logo. Gosto de provar coisas."

No caso da Berlinale, o carioca criado em São José dos Campos, no interior paulista, participa da mostra Forum, reservada a filmes de caráter experimental. "Três Tigres Tristes" se passa em algum período indeterminado da pandemia, em que três amigos fazem uma jornada de autodescoberta pelas ruas de São Paulo.

"A gênese veio dessas personagens, um artista que estava sofrendo pela morte do namorado, outro que era uma drag queen soropositiva e outro que era uma menina trans obcecada por passar no vestibular", conta Gustavo Vinagre.

Mas o roteiro, que nasceu em 2016, passou por diversas alterações —a inclusão do contexto pandêmico, por exemplo, surgiu por necessidade logística. "Não fazia sentido fazer um filme 'de época' ou futurista, em que a Covid não existisse", diz. "O filme foi todo feito nas ruas de São Paulo, e eu sabia que não ia poder fingir que as pessoas não usavam máscaras. Então decidi abraçar a pandemia e transformar em uma outra coisa."

É curioso que o contexto da Covid tenha surgido só no fim, porque o longa parece estreitamente conectado aos efeitos de um mundo pandêmico.

Na trama, vemos Pedro, que desde o suicídio do namorado ganha a vida com lives e programas sexuais com homens mais velhos, e sua colega de apartamento Isabella, desiludida pelo adiamento do Enem. A visita do interiorano Jonata, que vai a São Paulo para testar sua carga viral de HIV, resulta em caminhadas do trio pelas ruas.

O filme tem um tom lúdico, até pueril, como se fosse uma fábula iniciática. Quando os protagonistas perambulam pelas ruas, a capital paulista de repente fica tomada por uma atmosfera de magia, e as imagens são invadidas por sons saídos de video games. Apesar de serem pessoas que sofrem questões sociais muito sérias, os protagonistas parecem preservados em um mundo ainda dominado pela candura —o longa, aliás, é de uma fofura pouco habitual na carreira de Vinagre.

"Eu sempre quis que o filme tivesse uma aura de inocência, um pouco infantil, embora tenha coisas muito pesadas também", afirma o diretor.

Objetos inanimados ganham voz —as xícaras gemem de alegria quando alguém despeja chá quente dentro delas, e pãezinhos japoneses choram quando são repartidos, antes de serem devorados.

A certa altura, a narrativa é suspensa, e uma sequência musical bem extensa —um pouco até demais— de natureza onírica, talvez lisérgica, faz desejos dos protagonistas ganharem materialidade.

O filme, ali, entra em uma realidade paralela, mais sexualizada, com vários personagens de repente num universo cujas regras são distintas.

Vinagre nunca se preocupou em criar uma obra que o tornasse conhecido como um autor, ou seja, um artista que repete sempre temas ou uma mesma estética a cada novo trabalho. Prefere a variedade.

"Essa coisa de fazer muitos filmes me liberta de me apegar a um formato específico, ou de ter uma marca de 'autor' que seja reconhecível. Então eu gosto de provar outros tipos de narrativa", ele diz.

Seu curta mais famoso, "Nova Dubai", de 2014, não poupa em cenas de sexo explícito —protagonizadas inclusive por ele próprio. Entre 2018 e 2020, lançou uma espécie de trilogia com curiosos documentários sobre personalidades que falam de si para a câmera, em um jogo em que nunca se sabe até que ponto o que está sendo mostrado é real ou uma performance de um roteiro previamente escrito —"Lembro Mais dos Corvos", "A Rosa Azul de Novalis" e "Vil, Má", estes dois últimos também exibidos em Berlim.

Seus dois longas de 2021 são também muito diferentes entre si —o ultraexperimental "Desaprender a Dormir", codirigido por Caetano Gotardo, e o documentário "Deus Tem Aids", com codireção de Fabio Leal, sobre pessoas com HIV que tentam relatar a normalidade de suas vidas, apesar do preconceito.

Em sua filmografia, "Três Tigres Tristes" talvez seja seu filme mais comercial, apesar da consistente experimentação formal. Há, ali, apesar da pureza, uma reflexão sobre o Brasil pandêmico e bolsonarista.

O título é acima de tudo uma maneira poética de se referir a três personagens que precisam lutar com garra de felinos para sobreviver, ainda que estejam tomados por uma melancolia que os deixa com pouca —ou nenhuma— certeza sobre o futuro.

Na disputa pelo Urso de Ouro, Berlim teve ainda um de seus filmes mais polêmicos, "Un Été Comme Ça", do canadense Denis Côté. Fala de três ninfomaníacas que participam de um experimento. Há uma inegável forma exploratória no modo como o diretor apresenta a condição sexual das personagens, mas o filme também convida o espectador a refletir sobre o quanto a hiper-sexualidade é de fato degradante ou se o nosso olhar sobre a mulher que se entrega ao gozo é que é carregado de preconceitos.

Mesmo colhendo reações bem negativas, é até o momento um dos longas mais corajosos desta Berlinale.

# Morre Ivan Reitman, criador de 'Os Caça-Fantasmas', aos 75 anos

SÃO PAULO Morreu no sábado, aos 75 anos, o cineasta Ivan Reitman, diretor e produtor do filme "Os Caça-Fantasmas" e de algumas das comédias mais clássicas dos anos 1980 e 1990. Segundo a agência de notícias Associated Press, Reitman morreu enquanto dormia em sua casa, em Montecito, no estado americano da Califórnia.

"Nossa família está de luto pela perda inesperada de um marido, pai e avô que nos ensinou a sempre buscar a magia na vida", disseram em comunicado distribuído à imprensa os seus três filhos, Jason, Catherine e Caroline.

Reitman dirigiu comédias que marcaram os anos 1980 e 1990, como "Recrutas da Pesada", "Irmãos Gêmeos" e "Um Tira no Jardim de Infância" e "Júnior". Também teve uma carreira bem-sucedida como produtor —esteve envolvido em projetos como os de "O Clube dos Cafajestes", de 1978, e, mais recentemente, "Space Jam: Um Novo Legado", com LeBron James, lançado no ano passado.

Seu maior sucesso, no entanto, foi "Os Caça-Fantasmas", de 1984. O longa, sobre uma trupe de parapsicólogos

Imagem promocional do filme 'Ghostbusters: Mais Além', produzido por Ivan Reitman

excêntricos que começam um negócio para capturar figuras do além em Nova York, ganhou várias sequências, além de animações, programas de televisão e jogos, se tornando uma das marcas mais conhecidas dos anos 1980.

Apesar de uma recepção mediana da crítica, o longa original foi indicado a dois prêmios no Oscar, de melhor canção original e efeitos visuais.

O último título da franquia, "Ghostbusters - Mais Além", foi lançado no ano passado. Ainda com produção de Ivan Reitman, a direção coube ao seu filho Jason Reitman, por trás de longas independentes do calibre de "Juno" e "Amor Sem Escalas", e trouxe o jovem Finn Wolfhard, de "Stranger Things", no elenco.

Nascido em 1946 na cidade de Komarno, na antiga Tchecoslováquia, Ivan Reitman era judeu e teve de fugir de seu país aos cinco anos de idade por causa de perseguição antissemita. Sua mãe foi sobrevivente do campo de concentração de Auschwitz e seu pai da Resistência na Segunda Guerra Mundial.

Em entrevista a este jornal em 1998, ele disse que gostaria de contar a história dos pais em um filme. "Quero filmar a história de como meus pais e eu fugimos. Fomos presos embaixo de tábuas no fundo de um barco de madeira e fomos até Viena. De lá, fomos para a França e finalmente para o Canadá, que foi onde eu cresci."

Seus últimos trabalhos na direção foram o drama sobre um treinador da NFL em "A Grande Escolha", de 2014 —protagonizada por Kevin Costner— e a comédia romântica "Sexo Sem Compromisso", de 2011, com Natalie Portman e Ashton Kutcher vivendo o casal principal.

# Fogo de palha

O cancelado pode perder seguidores, mas jamais perderá sua arrogância

**Manuela Cantuaria**
Roteirista e escritora, faz parte da equipe do canal Porta dos Fundos

*Precisamos falar do drama do homem branco, hétero, cis, de classe média alta e cancelado. Que viu mensagens de ódio brotando mais do que chuchu na serra em sua inbox. Que perdeu contratos e ficou um pouco menos rico. Que precisou dar um tempo das redes sociais e encarar o abismo de existir no mundo real.*

*Um homem disposto a lutar por seus privilégios, e que não está sozinho nessa batalha. Conta com um time jurídico de peso, um intenso media training, um escritório inteiro de assessoria mobilizado para gerir sua crise de imagem. O resultado dessa força-tarefa é o canto do cisne do cancelado: o vídeo de retratação.*

*Apesar de todo o investimento em um pedido de desculpas, o roteiro pouco varia. O resultado, também. É como assistir a alguém tentando apagar um incêndio com galões de gasolina.*

*"Vocês entenderam errado." O cancelado pode perder seguidores, mas jamais perderá sua arrogância. Espera que as pessoas o perdoem insinuando que elas são burras.*

*"Peço desculpas a quem tenha se sentido ofendido." Como se o ato não fosse ofensivo em si e dependesse da recepção para se tornar condenável.*

*"Eu estava bêbado." A lista de malefícios causados pelo excesso de bebidas alcoólicas acaba de ganhar um novo item: o risco de cancelamento. Sendo um transplante de fígado muito menos complexo do que a restauração da própria imagem.*

*E, por fim, o crítico à cultura do cancelamento, tecido por um relato emocionado de quem se tornou alvo de uma caça às bruxas. Entre tantos absurdos, essa comparação merece um lugar de destaque. A caça às bruxas foi um genocídio que massacrou centenas de milhares de mulheres, submetendo-as às torturas mais cruéis. E pelos motivos mais esdrúxulos, como se recusar a se casar ou ter filhos, manipular ervas medicinais, ou sofrer de algum transtorno psicológico.*

*O homem cancelado, que teve seus dados expostos na internet e seu CPF usado para se cadastrar como mesário voluntário nas eleições, tenta nos convencer de que está sendo punido como as bruxas do século 17. Cobra a empatia que nunca foi capaz de sentir. Sua narrativa que não comove, nem acrescenta, nos leva sempre à mesma conclusão: era melhor ter ficado calado.*

Sírio

DOM. Ricardo Araújo Pereira | SEG. Silvia Braune | TER. Manuela Cantuária | **QUA. Gregorio Duvivier** | QUI. Flávia Boggio | SEX. Renato Terra | SÁB. José Simão

# É HOJE EM CASA

**Tony Goes**
tonygoes@uol.com.br

## Profissão Repórter volta com episódio sobre famílias em lugares inseguros

**Profissão Repórter**
Globo, 23h55, 12 anos
O programa comandado por Caco Barcellos, que celebra 50 anos de carreira, lança nova temporada com uma reportagem sobre a moradia precária de milhares de pessoas, que não conseguem pagar por um lugar mais seguro. A equipe de jovens jornalistas acompanhou o resgate das vítimas de um deslizamento de terra em Franco da Rocha, na Grande São Paulo.

**Dupla Explosiva 2 – E a Primeira Dama do Crime**
Amazon Prime Video, 16 anos
Um guarda-costas aposentado volta ao batente para proteger um casal de vigaristas internacionais e, ainda, combater um perigoso vilão. Comédia de ação com Ryan Reynolds, Samuel L. Jackson, Salma Hayek e Antonio Banderas.

**Champions**
DirecTV Go, livre
Nesta minissérie documental, três gerações de jogadoras de futebol feminino europeu contam suas trajetórias de obstáculos e triunfos. Estão desde lendas como Carolina Morace e Kelly Smith até novatas como Sonia Ouchene.

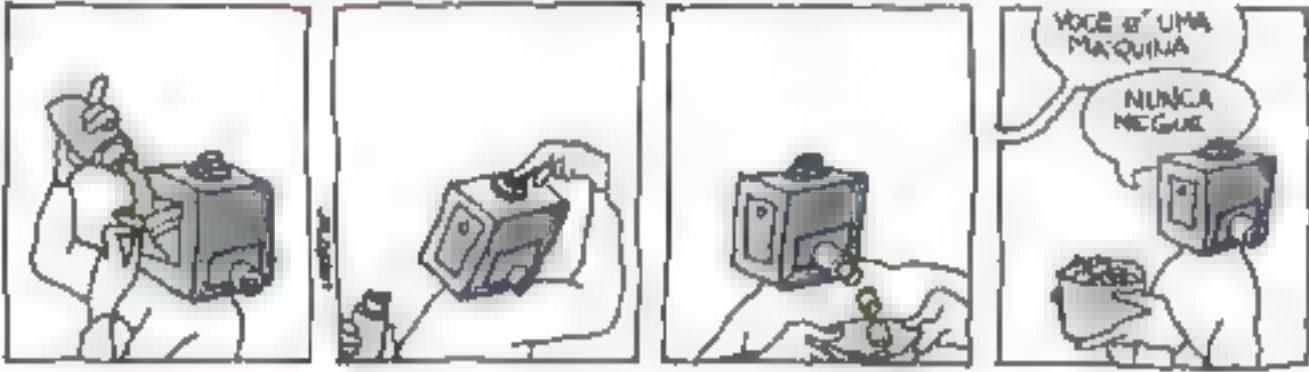
**American Dad**
Star+, 14 anos
A 17ª temporada da série animada criada por Seth MacFarlane já está disponível. A trama gira em torno da família de um militar americano e do alienígena que mora com eles.

**Outras Vanguardas**
Sesc Cultural, 20h30, livre
Cada um dos 11 episódios semanais traz um nome da música contemporânea, como Tulipa Ruiz e Metá Metá, que tem relação direta com a Semana de Arte Moderna de 1922.

**#Provoca**
Cultura, 22h, 10 anos
Marcelo Tas recebe o produtor musical Liminha. Nome importante dos bastidores da nossa música, ele trabalhou com Rita Lee, Gilberto Gil, Marina Lima, Paralamas do Sucesso, Lobão, Kid Abelha, Frenéticas e muitos outros.

**A Conversação**
Telecine Cult, 22h, 14 anos
Um dos melhores filmes de Francis Ford Coppola, com Gene Hackman como um detetive particular que grava as conversas de um casal. Atenção para Harrison Ford num de seus primeiros papéis.

## QUADRINHOS

**Piratas do Tietê** *Laerte*

**Daiquiri** *Caco Galhardo*

**Níquel Náusea** *Fernando Gonsales*

**A Vida Como Ela Yeah** *Adão Iturrusgarai*

**Não Há Nada Acontecendo** *André Dahmer*

**Viver Dói** *Fabiane Langona*

**Péssimas Influências** *Estela May*

## SUDOKU

vaxia.art.br/fsp

**MÉDIO**

| | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | |
| 7 | | 4 | 9 | 5 | | | 2 | |
| 2 | 5 | | 1 | | | | | |
| | | | [illegible] | | | 4 | | |
| 5 | | 7 | 4 | | 9 | 2 | | 1 |
| | | 3 | | | 7 | | | |
| | | | | | 3 | | 8 | 2 |
| | 3 | | | 7 | 8 | 5 | | 6 |
| | | | | | | | | |

O Sudoku é um tipo de desafio lógico cuja origem remonta a ... aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadriculado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid.

SOLUÇÃO

## CRUZADAS

**HORIZONTAIS**
**1.** Esporte pouco praticado no Brasil, porém é uma modalidade olímpica **2.** O personagem bíblico que foi morto por seu irmão Caim / Um alimento como o brigadeiro **3.** Precede Leñas, na estação argentina de esqui / Líquido amarelado numa infecção **4.** Produto / Marca muitos o artilheiro **5.** Que se origina, procede **6.** Recompensa, remuneração **7.** Terreno que ladeia um rio **8.** (Fut.) As linhas mais longas que limitam o campo de jogo **9.** Que corresponde perfeitamente à real situação / Àqueles **10.** O tempo de existência / Sódio **11.** Emigração de um povo em massa / Carlos Heitor Cony, escritor **12.** O nome da 3ª consoante do nosso alfabeto / Aperfeiçoar, aprimorar **13.** Situação difícil ou delicada, principalmente financeira

**VERTICAIS**
**1.** Ilha vulcânica da Indonésia, importante centro turístico / Um ingrediente da cerveja **2.** Desconto ou redução de preço / Dança nascida no Rio de Janeiro, de par unido **3.** Que se tirou do 0x0 ou do 1x1 **4.** Monteiro Lobato, escritor / Golpe dado com instrumento contundente **5.** Preto / (Gír.) Bebedeira, pândega **6.** (Quím.) O neodímio / Nascida com irmã ou irmão no mesmo parto / Automóvel compacto fabricado pela Volkswagen **7.** O conjunto dos nomes próprios de um lugar geográfico / Diz-se de alimento não cozido, não assado etc. **8.** Escondido / Ter pesadelos **9.** Contração de preposição e pronome demonstrativo / O osso que constitui a última parte da coluna vertebral

**HORIZONTAIS: 1.** Badminton **2.** Abel, Doce **3.** Las, Pus **4.** Item, Gols **5.** Emanante **6.** Prêmio **7.** Margem **8.** Laterais **9.** Exato, Aos **10.** Vida, Na **11.** Êxodo, CHC **12.** Dê, Apurar **13.** Apuro
**VERTICAIS: 1.** Bali, Levedo **2.** Abate, Maxixe **3.** Desempatado **4.** ML, Marretada **5.** Negro, Opa **6.** Nd, Gêmea, Up **7.** Toponímia, Cru **8.** Oculto, Sonhar **9.** Nesse, Sacro

Arte Alê

# Impulsos generosos

## As novas censuras são tão patéticas quanto as velhas —e não funcionam

**João Pereira Coutinho**
Escritor, doutor em ciência política pela Universidade Católica Portuguesa

*De vez em quando, me confronto com algo de que não gosto. Um texto, uma imagem, uma piada sem piada. E a parte reptiliana do meu cérebro, que tento controlar com doses maciças de civilização e farmacologia, resolve emitir seus grunhidos cavernícolas. "Cancela, censura, destrói, Little Couto."*

*Por segundos, ou milésimos de segundo, estou de volta à selva, usando uma tanguinha de pele de urso, com um gigantesco pedregulho na mão. Só então acordo e me forço a repetir o mantra —"são só palavras ou imagens, não são trovões ou animais ferozes, Little Couto"— e volto a vestir minhas calças e meu paletó.*

*Não é fácil. A biologia conspira contra nós. E a cultura também: no início, era o verbo. A palavra cria mundos —e, pela mesma ordem de ideias, os destrói.*

*O mesmo Deus que deu conta do recado em seis dias foi o mesmo que punia os blasfemos em questão de minutos. As palavras, as palavras, cuidado com as palavras! Mas cuidado por quê?*

*Essa é a pergunta que Eric Berkowitz faz no seu importante "Dangerous Ideas: A Brief History of Censorship in the West, from the Ancients to Fake News" ou ideias perigosas: uma breve história da censura no Ocidente, das antigas às fake news.*

*O cavalheiro em questão não é maluco. Ele sabe que existem liberdades e liberdades. Exortações ao genocídio ou à chacina não são a sua praia (nem a minha). A lei deve existir para esses casos.*

*Mas o primeiro mérito do livro está em mostrar, para ficarmos ainda em simbologia bíblica, que não existe nada de novo debaixo do Sol. Você quer censurar textos, imagens, piadas de que não gosta?*

*Seus antepassados fizeram o mesmo. É quase irresistível —e até as vítimas da perseguição, quando alçadas a posições de poder, rapidamente imitaram os algozes.*

*Os cristãos foram perseguidos pelos romanos. Os judeus foram perseguidos pelos cristãos. Os protestantes foram perseguidos pelos católicos (e vice-versa).*

*E os revolucionários franceses, depois de proclamarem a liberdade de expressão como um dos direitos inalienáveis do homem, começaram a erguer suas guilhotinas para liquidar inimigos —e fogueiras imensas para destruir a arte pré-revolucionária. Jacques-Louis David, seguramente um dos maiores pintores do século 18 francês, foi um zelota entusiasta.*

*Vivemos sempre em eterno retorno. Não apenas nesses comportamentos selvagens, mas até nas explicações para esses comportamentos. Você quer apagar certas palavras ou expressões para não ofender "grupos" ou "minorias", certo?*

*Também não há novidade aqui, meu amor. Sua atitude paternalista é a mesma. A grande diferença é que no século 18, quando se proibiam certos romances de cordel, a ideia era proteger as donzelas e suas pobres cabeças vulneráveis.*

*A histeria com a pornografia, por exemplo, é um dos melhores momentos do livro. Se você fosse um cavalheiro vitoriano, com conta bancária confortável, tudo bem.*

*Mas à medida que você descia na escala social, tudo mal: as massas eram demasiado primitivas para entender certas coisas; nenhuma sacanagem para elas.*

*Isso gerava fenômenos comerciais interessantes, até com grandes autores: "A Sonata Kreutzer", de Lev Tolstói, estava proibida na Rússia em edições populares. Mas, quando a edição era de luxo, não havia proibição alguma. O preço nobilitava o comprador.*

*Aliás, por falar em Rússia, não era apenas o dinheiro que dividia as águas; o intelecto também. Quando surgiu no país uma edição de "O Capital", de Karl Marx, os censores oficiais do czar encolheram os ombros e aprovaram a circulação do livro. Ninguém iria entender nada daquilo, não é verdade?*

*As novas censuras são tão patéticas quanto as velhas. E, além disso, não funcionam. Essa, talvez, é a lição principal do livro de Berkowitz: as ideias sempre encontram uma forma de escapar ao chicote dos censores.*

*Escapar, vírgula: tornaram-se ainda mais poderosas e insidiosas precisamente porque censuradas. Karl Popper, usualmente um sábio, estava redondamente enganado: não há nenhum "paradoxo da tolerância". A República de Weimar foi tremendamente intolerante com as ideias nazistas —e várias dos seus praticantes foram presos. O demencial Adolfo foi um deles. Não podemos dizer que essa "cultura de cancelamento" tenha dado bons frutos.*

*Da próxima vez que você sentir um desejo inconfessável de censurar o que não aprova, respire fundo, despa sua tanguinha e lembre Talleyrand: nunca siga o teu primeiro impulso porque ele será sempre generoso.*



# Liberdade sexual e ancestralidade guiam romance 'Em Carne Viva'

## Jacqueline Woodson conta a história do século 20 por meio das trajetórias dos membros de uma família negra

**Walter Porto**

**SÃO PAULO** Enquanto lia clássicos da literatura americana no meio da noite, ao dar o peito à filha recém-nascida, os pensamentos de Iris vagavam. A menina havia se imposto com tanta dor ao seu mundo que parecia ter mudado as suas características mais fundamentais. "Mas não tinha", rebate a mulher contra si mesma logo em seguida.

"Quando os olhos ardiam na luz fraca de leitura do abajur, ela sabia que era a mãe dela, e a mãe da mãe dela e assim por diante que a conduziam, numa cadeia que não podia ser rompida. A história da vida dela já havia sido escrita. Com bebê ou sem bebê."

Esse equilíbrio entre a cadeia da ancestralidade familiar e a busca pelo livre-arbítrio está em todas as páginas de "Em Carne Viva", a elogiada nova incursão de Jacqueline Woodson pelos romances adultos após o popular "Um Outro Brooklyn".

"Vejo Iris como alguém em constante mudança, que está crescendo em direção à pessoa que será e escapando às mãos dos que querem definir o que ela deveria estar fazendo", afirma a autora sobre sua protagonista. "Eu a queria mostrar como alguém que está se tornando algo, daí o título, que me remete a algo que ainda não está bem acabado."

Definir Iris como "protagonista" é um recurso de mera didática. Ainda que o livro gire em torno de sua história —de como ficou grávida aos 15 anos e decidiu deixar a filha com o pai enquanto explorava as possibilidades sexuais e intelectuais do ambiente universitário—, "Em Carne Viva" se constrói a partir de um coral de personagens da mesma família, todos bem lapidados.

Começa com a voz da tal filha, Melody, chegando à sua festa de 15 anos na virada para o século 21; cede o bastão ao pai, o esforçado Aubrey, passa para o avô, Po'Boy, e à avó, Sabe, que conta a certa altura como sua mãe fora vítima do massacre contra negros em Tulsa, em 1921. Tudo circula de volta a Melody.

Woodson diz que a estrutura, fragmentária mas cuidadosamente bem disposta, vem da tentativa de contar a história econômica dos negros por meio da árvore genealógica.

"Tulsa é um dos muitos momentos dos Estados Unidos em que as fortunas negras foram destruídas. Aquela foi uma época com vários episódios de brancos destruindo cidades e comunidades inteiras de negros. E, ainda assim, os negros encontraram coisas em que se fiar, como a riqueza de seu humor, de seus amores, de seu orgulho." Ao contar a história de cada um de seus personagens, Woodson consegue não só deslocar o foco narrativo, mas se ambientar em diferentes gerações, explorar a evolução dos costumes e, para citar uma das paixões mais latentes da autora, dançar novos estilos musicais.

Essa multiplicidade —e essa ginga— já davam o tom de "Um Outro Brooklyn", que revelou a autora aos leitores brasileiros há dois anos com uma história baseada em sua própria juventude na Nova York dos anos 1970, uma trama agridoce sobre os destinos de quatro amigas que tira o melhor sumo das memórias e canções daquela época.

Se Woodson já tinha uma carreira premiada como escritora infantojuvenil, foi esse o livro que provocou um salto no seu reconhecimento crítico, agora ampliado neste "Em Carne Viva", mais extenso em escopo e firme em estrutura.

"Como Melody afirma bem no início, ela sabe que é parte de uma longa narrativa que não começou com ela", comenta a autora no áudio que envia ao repórter. "É por isso que eu começo o livro com a palavra 'mas'. Quero que o leitor saiba que está entrando no meio de uma história."

O respeito da autora por seus antepassados, explícito até nos agradecimentos do livro, provoca uma escrita afetuosa e esmerada em detalhes. Como quando Aubrey, ao ver o banquete de aniversário da filha, vai desfiando pela memória as marcas de enlatados que comia na sua infância de privação e as delícias que desejava com gula.

O repórter pergunta se Woodson vê a literatura mais como um meio de preservar algo que já passou ou de criar algo que ainda não existe. "Os dois ao mesmo tempo", diz, sem demorar um segundo. "E é isso que a torna tão bonita."

A escritora Jacqueline Woodson, autora de 'Em Carne Viva' e 'Um Outro Brooklyn' Divulgação

**Em Carne Viva**
Autora: Jacqueline Woodson. Trad.: Claudia Ribeiro Mesquita. Ed. Todavia. R$ 59,90 (144 págs.); R$ 39,90 (ebook)

**comida**

# Wasabi 'real' produzido em SP pode chegar a R$ 8 mil o kg

**Iguaria de origem japonesa é colhida em Pilar do Sul, no interior, e já atende os clientes de restaurantes da capital**

Flávia G. Pinho

SÃO PAULO Se você acha que gosta de wasabi, melhor saber que aquela pasta verde que costuma acompanhar os sushis em restaurantes e deliveries não é wasabi de verdade. Trata-se de um preparado à base de raiz-forte —em alguns casos, saborizada e colorida artificialmente.

A substituição é comum porque o wasabi autêntico, bem diferente, sempre foi um item caro, raro no mundo todo, e que não era produzido no Brasil. Mas agora é.

Em Pilar do Sul, interior de São Paulo, o engenheiro agrônomo Vinicius Shizuo Abuno, 36, da Minato Wasabi, cultiva o *Eutrema japonicum* e já consegue produzir em torno de quatro quilos por mês, que se esgotam rapidamente.

A planta demora em média um ano e meio para crescer e produzir, e tem folhas em forma de coração. O rizoma é a parte nobre, um caule que se desenvolve sob o solo e atinge o tamanho comercial com cerca de 20 centímetros de comprimento, dois centímetros de diâmetro e peso entre 50 e 60 gramas.

Cliente desde a primeira colheita, há pouco mais de dois anos, o chef Tsuyoshi Murakami trata o wasabi como iguaria, como se faz no Japão: no restaurante Murakami, no Jardim Paulista, o caule pode ser ralado diretamente sobre sushis ou sashimis, no balcão, à vista do freguês.

O sistema de cobrança é similar ao das caras trufas italianas: o cliente define a quantidade a gosto e paga R$ 80 por dez gramas. Isso mesmo: na ponta do lápis, dá R$ 8 mil o quilo.

"A cor é mais clara e a picância fica mais ou menos evidente conforme o teor de gordura da proteína. O segredo é adicionar a quantidade certa para cada prato. Geralmente, quem pede são os japoneses ou gente mais curiosa", diz Murakami.

Telma Shiraishi, do Aizomê, também é cliente fiel de Abuno. Nas duas unidades do restaurante, uma delas dentro da Japan House, a porção já ralada, com cinco gramas, custa R$ 40. No delivery, é possível comprar o talo inteiro com 12 gramas, para ser ralado em casa, por R$ 125.

Produtores de flores, hortaliças e mudas, os Abuno começaram a fazer experimentos com o wasabi há cerca de oito anos, depois de uma viagem ao Japão, onde provaram a versão autêntica.

"Sempre focamos em produtos de nicho. Meu pai via que a culinária japonesa se expandia rapidamente em São Paulo, mas ninguém tinha uma produção bem-sucedida por aqui", conta o agrônomo.

Das primeiras sementes germinadas, Abuno multiplicou as mudas até conseguir a primeira colheita, em outubro de 2019 —apenas meio quilo. Murakami arrematou o lote inteiro e todos os seguintes, durante dois anos.

Não é uma cultura fácil. Segundo o produtor, a planta produz uma substância autoimune que prejudica o próprio desenvolvimento e, por isso, cresce melhor sob ação de água corrente fria e limpa. "Cultivado na água, tem sabor mais acentuado, adocicado e com notas florais. Acho mais saboroso do que o wasabi cultivado diretamente no solo", explica.

Apesar do preço salgado, Abuno aposta na demanda e planeja chegar a uma produção de 50 quilos mensais, dentro de um ano e meio. "Estamos pesquisando técnicas para aumentar a produtividade das plantas e reduzir o custo. O tamanho do mercado ainda é uma incógnita, mas sei que não quero recusar pedidos, como faço agora."

Pode ser que, dentro de algum tempo, a Minato Wasabi tenha concorrente. Depois de várias tentativas frustradas, o agrônomo Rodrigo Veraldi Ismael, do Viveiro Frutopia, em São Bento do Sapucaí (SP), conseguiu cultivar as primeiras mudas e estima fazer a primeira colheita entre 18 e 24 meses.

"Vou cultivar em vasos, em estufas, como fazem alguns produtores dos Estados Unidos e da Inglaterra. Minhas mudas já estão vigorosas, cheias de flores", comemora.

Exemplar de *Eutrema japonicum*, o verdadeiro wasabi, no Aizomê Divulgação

# Escrita de gastronomia desafia autores e críticos à objetividade

Marcella Franco

SÃO PAULO Na crônica "Almoço Mineiro", publicada pela primeira vez na revista Manchete de julho de 1955, o escritor Rubem Braga concentra sua narração sobre um excepcional lombo de porco com tutu de feijão servido a um grupo de comensais formado por diplomatas, jornalistas e oficiais do exército.

"O lombo era o essencial e a sua essência era sublime. Por fora era escuro, com tons de ouro. A faca penetrava nele tão docemente como a alma de uma virgem pura entra no céu (...). O gosto era de um salgado distante e de uma ternura quase musical", descreve.

Braga segue, ainda, com a definição de que, por seu sabor "indefinível e puríssimo", o lombo parecia saído da orelha de um anjo. E, ainda que poucos possam ter alguma vez provado um naco de criaturas celestiais, o autor torna fácil ao leitor saber a qualidade do tal almoço.

Escrever sobre comida é um desafio porque propõe que se transporte para o papel o que é fundamentalmente sensorial. A provação faz parte da rotina de jornalistas e críticos do universo gastronômico, e de cada vez mais interessados no tema que se aventuram a abordá-lo nas redes sociais.

"Existe uma limitação enorme ao traduzir em linguagem uma coisa que é pré-textual", diz Luiza Fecarotta, jornalista especializada em gastronomia, que ministra em março, em São Paulo, o curso "Língua & Linguagem — A comida e a Escrita Criativa".

Conhecido hoje na França e na Itália como um santo, e tido como o padroeiro dos chefs de cozinha, Venâncio Fortunato —ou apenas Fortunato— foi um clérigo e poeta francês cuja paixão platônica por Radegunda, uma ex-rainha, se tornou célebre em seu país de origem.

Depois de se livrar de um casamento que detestava, Radegunda abraçou a vida religiosa servindo na abadia Sainte-Croix de Poitiers. Lá, recebia cartas de Fortunato, em que ele louvava tanto a existência da amada quanto suas capacidades culinárias.

"Então, uma gigantesca pilha de fatias de carne surgiu/ uma montanha, com colinas laterais, circundadas por peixes e ragu/ formando um pequeno jardim para o jantar em seu interior", escreveu o poeta em uma de suas correspondências, revelada no livro "A Deliciosa História da França" de Jení Mitchell e Stéphane Henaut (Editora Seoman).

No Brasil, além de cronistas como Rubem Braga e seu almoço angelical, um dos maiores nomes no campo da tradução de sensações gustativas é o da mineira Nina Horta, autora de "Não É Sopa" (Companhia das Letras) entre muitos livros de gastronomia. Nina, que morreu em 2019, escreveu sobre o assunto na Folha entre 1987 e 2016.

São dela escritos como "o Viagra do bolo" para falar do "pó Royal", e descrições de massas leves "como a nuvem".

Desde que começou a publicar resenhas sobre restaurantes, nos anos 1990, o colunista da Folha Josimar Melo diz que sempre buscou a objetividade sobre a subjetividade.

"A Nina Horta era uma cronista e podia usar os adjetivos que quisesse. Acho que a crônica pode ter uma coisa impressionista, mas na crítica isso atrapalha. Como quando a pessoa fala que o camarão tinha a delicadeza da minha mãe quando me pegava na escola', sabe?", compara Melo.

"E entre a crítica e a crônica tem a reportagem, onde não é necessário o rigor analítico maluco da crítica, e tampouco é desejável a liberdade impressionista da crônica. Na reportagem, menos é mais."

Com mais de 45 mil seguidores em seu perfil no Instagram, e um portal criado há mais de uma década para falar sobre comida, o Gastronomium conta com avaliadores anônimos. Marcus, um dos integrantes da equipe, diz preferir o caminho das "referências e emoções" para descrever os pratos que prova.

"Adjetivos relacionados a sabor ajudam, mas usá-los em excesso pode fazer uma avaliação soar muito técnica e menos acessível. Como minha ideia é aproximar as pessoas da boa gastronomia, procuro escrever de uma forma mais casual", explica.

Ele cita uma resenha publicada sobre o restaurante Fat Duck. "Descrevi como o prato lembrou minha infância, o som de fritura que preenchia a manhã, o aroma do açúcar e canela em contato com o bolinho ainda quente."

Em uma das aulas de seu curso, Fecarotta trata da comida na construção de personagens e do conceito da comida como cultura. Para tal, cita obras de autores como Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, João Cabral de Melo Neto e Itamar Vieira Junior, com seu premiado "Torto Arado" (Todavia).

"Acho que a comida, ou a sua ausência, tem uma grande importância pelas escolhas que fiz de relatar o cotidiano de famílias camponesas. O trabalho no campo necessariamente nos remete à vida e àquilo que nos mantém vivos", diz Vieira Junior.

"O alimento não é apenas um gênero na paisagem. É substância, essência, âmago, tudo que nos preenche de vida. Daí o papel que sua presença, e também a escassez, pode ter no movimento do mundo, no movimento das personagens. Costumo dizer que nessa história não apenas os humanos, mas a paisagem, a terra, os rios, a chuva, a mata são personagens. A comida pode nos dizer muito sobre uma pessoa, sobre a sociedade", conclui.

Banquet Still Life, Adriaen van Utrecht, 1644 Reprodução

> Descrevi como o prato lembrou minha infância, o som de fritura que preenchia a manhã, o aroma do açúcar e canela em contato com o bolinho ainda quente
>
> **Marcus**
> crítico do site Gastronomium

EstúdioFOLHA APRESENTA

NOS BAIRROS

Na rua, na escada ou no parque, Perdizes convida o morador a cuidar do corpo

Dicas para um ambiente agradável e seguro para os animais em apartamentos

Como aproveitar a casa com a família e criar momentos inesquecíveis

Avenida Sumaré

# perdizes antenada

Um dos bairros mais queridos e completos de São Paulo proporciona um estilo de vida alinhado com o das melhores e mais badaladas metrópoles do mundo

Este é um exemplar cortesia da Folha de S.Paulo + caderno especial Mercado Imobiliário. Distribuição autorizada pelo Artigo 26, parágrafo 3º da Lei [illegible] com nova redação dada pela Lei nº 6.583, 2007
Projeto de Marketing realizado pelo Departamento Comercial da Folha de S.Paulo. [illegible]

EstúdioFOLHA APRESENTA

Keiny Andrade/Estúdio Folha

Escadaria Sumaré

# corpo em ação

## Bairro de Perdizes convida ao movimento ao ar livre; veja treinos para começar a entrar em forma

Perdizes convida a uma vida mais saudável. O bairro é repleto de locais em que é possível se exercitar ao ar livre, mantendo a forma, cuidando da saúde e aumentando a sensação de bem-estar.

Uma das mais charmosas áreas verdes da cidade, o parque da Água Branca, com seu estilo de fazenda e árvores exuberantes, é o principal deles.

O local [illegible] muitos adeptos da caminhada e da corrida, que podem apreciar a paisagem enquanto se exercitam por seus [illegible] km.

Apesar de ser um percurso curto para quem corre, o terreno irregular, com várias alterações de relevo, propõe opções de trajetos mais desafiadores, com subidas e descidas, quebrando a monotonia.

Praticantes de ioga, tai chi chuan e lian gong, atividades que ajudam a equilibrar o corpo e a mente, são assíduos frequentadores do parque da Água Branca.

Perdizes tem uma agradável ciclovia na avenida Sumaré. Protegida pelas árvores, ela se estende por 2,7 km. É frequentada tanto por ciclistas como por corredores ou pessoas em busca de um passeio a pé.

Próximo à ciclovia, na altura da praça Irmãos Karmann, fica uma escadaria que se tornou ponto de encontro [illegible] de quem quer manter a boa forma.

A apresentadora Sabrina Sato e a influenciadora fitness Gabriela Pugliesi já fizeram treinos por ali.

São 362 degraus que proporcionam um treino excelente para o fortalecimento da musculatura das pernas, do core e dos glúteos, além de ajudar no equilíbrio e na capacidade cardiorrespiratória.

Seja qual for o estilo do morador, ele encontrará uma opção de atividade física agradável para fazer ao ar livre em Perdizes.

Alberto Rocha/Estúdio Folha

Parque da Água Branca

## CONFIRA DICAS DE TREINOS PARA FAZER NA ESCADA

O exercício de subir escadas ajuda no fortalecimento muscular (core, glúteos e pernas) e também no treino cardiorrespiratório. Na descida, há impacto, então é preciso estar atento para não sobrecarregar os joelhos.

- Consulte um especialista em saúde antes de começar a se exercitar
- Respeite seus limites. Se necessário, comece fazendo apenas alguns exercícios e vá acrescentando os demais conforme for ganhando condicionamento (estão listados em ordem crescente de dificuldade)
- Faça os exercícios em escada com pelo menos dez degraus
- Descanse de 30s a 45s entre um exercício e outro

**1. SUBIDA ACELERADA**
Suba de um em um degrau em velocidade acelerada. Desça devagar

**2. SUBIDA COM AVANÇO**
Suba pulando um degrau, sem agachar. Desça devagar

**3. AVANÇO COM AGACHAMENTO**
Suba pulando um degrau e fazendo movimento de flexão das pernas. Desça devagar

**4. SALTO COM AGACHAMENTO**
Com os dois pés paralelos alinhados na largura do quadril, salte um degrau e aterrisse no seguinte fazendo movimento de agachamento. Continue até o fim da escada, tirando os dois pés do chão de uma vez. Desça devagar

**5. SUBIDA PULANDO**
Com os pés paralelos alinhados na largura do quadril, suba a escada saltando de degrau em degrau com os dois pés juntos. Desça devagar

**Consultoria**
Lucas Assis, personal trainer
@lucasassiscoach

EstúdioFOLHA : APRESENTA

# pet feliz

Dicas de cuidados para tornar o apartamento um lar aconchegante e seguro para os bichos de estimação

Shutterstock

Pets são companheiros amorosos e fiéis que alegram o dia a dia de qualquer família. E, como os demais moradores da casa, precisam de carinho, atenção, espaços confortáveis e rotinas que os ajudem a manter a saúde e o bem-estar.

Ter um pet em um apartamento pode ser um desafio. Mas com pequenas adaptações e cuidados é possível proporcionar uma vida tranquila e cheia de atividades para os bichinhos.

## 1. EM MOVIMENTO

Nenhum pet terá uma vida feliz fechado em áreas de serviço ou varandas. Eles precisam de espaço e exercícios. Gatos se beneficiam com o acesso a diferentes áreas da morada, onde possam circular. Brinquedos que os façam correr atrás de algo ou escalar também são bem-vindos. A marcenaria do apartamento, por exemplo, pode ser planejada de modo a conter espaços e nichos em que o gato possa subir.

Já os cachorros precisam de mais exercícios. É importante consultar um veterinário para determinar a quantidade de estímulo para cada tipo de cachorro. Condomínios que possuem pet place são uma ótima alternativa para o lazer dos animais, visto que a qualidade de vida deles depende de espaços e ambientes apropriados para se divertir.

Os cachorros também gostam de passeios na coleira. Quando for possível, leve seu cachorro também para brincar em parques e praças. Nos dias mais quentes, no entanto, é melhor evitar passeios entre 10h e 16h. Outras atividades interessantes para cachorros são natação, canicross (corrida em parceria com o tutor, em geral em terreno rústico) e agility (prova de obstáculos que ajuda na queima de gordura e na capacidade cardiorrespiratória).

## 2. MEU CANTINHO

Mesmo que o animal possa andar pela casa toda, é importante que ele tenha um cantinho só seu. É preciso estar atento às preferências do animal antes de escolher sua caminha. Se ele gosta de espaços maiores, uma casinha mais tradicional pode ser uma boa opção. Alguns preferem locais cobertos e aconchegantes. Nesse caso, por que não investir em uma cabaninha lúdica? Ou comprar pufes e bancos que já vêm com um espaço para o pet na parte de baixo e são uma peça multiuso para a decoração? Se o pet dorme no quarto, é possível adaptar a marcenaria da mesa de cabeceira para receber uma caminha embutida. Tecidos presos embaixo de mesas de jantar, mesinhas de canto ou de centro podem formar uma "rede" para gatos ou cachorros pequenos descansarem.

Os potes de comida e água podem ser colocados perto da caminha, mas isso não é uma necessidade. Já o "banheiro" deve estar um pouco distante.

## 3. SEGURANÇA

Janelas de apartamentos com pet devem ter telas de proteção. Mas não são apenas as quedas que podem proporcionar risco aos bichinhos. As plantas que trazem alegria e frescor à decoração também podem ser vilãs. Algumas espécies são tóxicas para os pets, como comigo-ninguém-pode, costela-de-adão, jiboia, espada-de-são-jorge, bico-de-papagaio, azaleia, filodendro, folha-da-fortuna, copo-de-leite, chefflera, primavera, lírio, hortênsia e coroa-de-cristo, entre outras.

Entre os sintomas de intoxicação por plantas estão irritação na boca, língua e garganta, excesso de saliva, náusea, vômito e diarreia, tremores e convulsões, entre outros. Se o pet teve contato com plantas tóxicas, é importante levá-lo ao veterinário.

## 4. HIGIENE

Pets são adoráveis, mas soltam pelo e podem deixar um cheiro incômodo pela casa. Tapetes higiênicos são a melhor opção para os cachorros fazerem suas necessidades — gatos se dão melhor com caixa de areia. Tapetes descartáveis são práticos, têm fita adesiva para fixá-los no chão e podem ser trocados diariamente. Cães mais velhos, que já estão treinados, podem usar a opção lavável, mais ecológica.

Mas e se, mesmo com todo o cuidado, o cheiro pela casa persistir? Confira dicas para eliminar esses odores com produtos não-tóxicos para os bichinhos.

**Acidentes**

1 litro de água, 2 limões espremidos e 2 colheres de sopa de bicarbonato de sódio. Misture e passe no piso no local em que o pet fez xixi.

**Cheiros persistentes**

1 litro de água, 1/4 de xícara de álcool, 1 colher de amaciante e 1/2 copo de vinagre branco. Misture e aplique com borrifador nos locais em que o pet esteve. Pode ser aplicado em tecidos, sofás e pisos.

**Desinfetante natural**

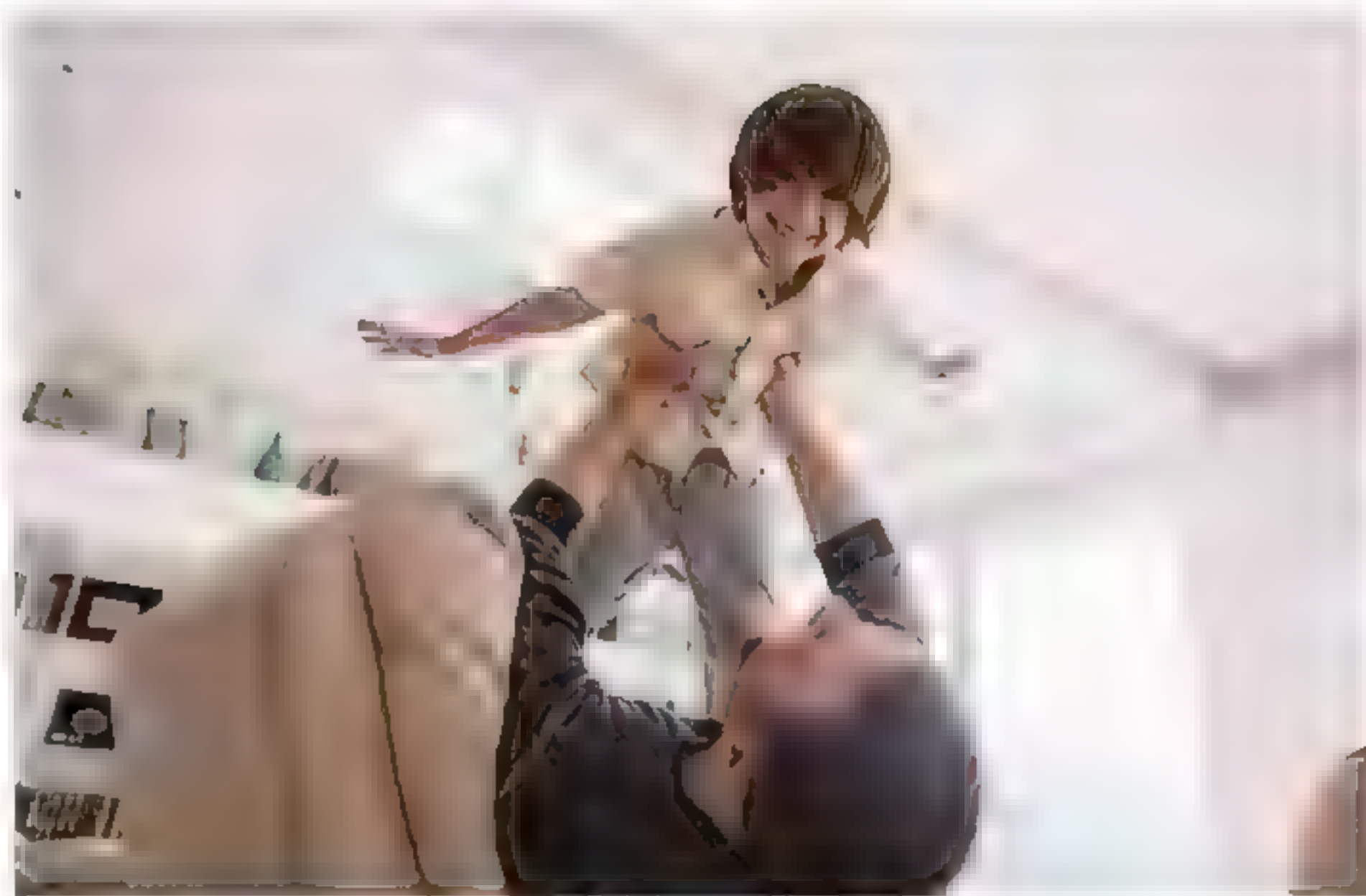
200 ml de água e 200 ml de vinagre de álcool. Misture e aplique com borrifador para substituir desinfetantes que podem ser tóxicos.

## 5. TREINAMENTO

Educar o cachorro é importante para que a casa funcione melhor, para que o animal esteja mais seguro e para evitar aborrecimentos com e para os vizinhos. A técnica de recompensa funciona muito bem. Mostre ao animal o que deve ser feito (necessidades no tapetinho, esperar ao lado do dono, sentar, não latir quando a campainha tocar etc) e faça festa, carinho e dê um petisco sempre que ele acertar. O resultado pode demorar e o processo exige paciência. Gritos só irão assustar o animal. Consulte um profissional se achar necessário.

EstúdioFOLHA APRESENTA

Shutterstock

Momentos de descontração em casa podem transformar atividades corriqueiras em vivências inesquecíveis para fortalecer os laços em família

# união

Trabalho, estudo, trânsito, prazos, horários, celulares, telas. A correria do dia a dia nos puxa para fora, separa, dificulta a convivência e esgarça os vínculos.

Em um mundo em que as pessoas estão cada vez mais concentradas com o externo, é importante criar momentos em que o lar seja um lugar de encontro, de busca pela conexão consigo mesmo e com os outros, reforçando a ligação entre os membros da família.

Atividades simples do dia a dia, que parecem banais, podem se transformar em momentos inesquecíveis de convivência e aprendizado.

## JANTARES TEMÁTICOS

Planejar uma refeição especial é sempre divertido. Escolher um tema pode ajudar a colocar todos na mesma sintonia para definir a comida que será servida e planejar um cenário. Vale criar tendas com cangas, fazer piquenique na sala, usar uma mesa baixa para uma refeição oriental, caprichar na louça, nos talheres e nas velas para um jantar sofisticado. A imaginação é sem limites. Os membros da família podem receber tarefas específicas: alguns cozinham, outros montam a decoração, alguém cria uma playlist temática etc.

## NOITE SEM TELAS

Desconectar-se é um dos principais desafios da atualidade. Mas vale a pena. Deixar de lado celulares, tablets, computadores e TVs por pelo menos uma noite na semana obrigará a família a buscar mais conexão e diversão. Além de fazer a refeição em conjunto, é possível criar a rotina de jogar cartas e jogos, brincar de concurso de talentos, cantar no karaokê ou apenas conversar, o importante é estar junto.

## DEGUSTAÇÃO

Comprar vários tipos de vinhos ou cervejas e fazer uma degustação pode ser um programa muito divertido. Os participantes provam as bebidas, dão notas e tecem comentários, que serão compartilhados por todos no final para eleger os melhores. As crianças podem ser incluídas com uma degustação de sucos naturais. Queijos variados ajudam a tornar a brincadeira ainda mais saborosa.

## CINEMA EM CASA

Esse é um dos programas familiares mais praticados no mundo. Todo o processo de escolha do filme já pode ser feito de forma a criar mais engajamento: a cada semana um membro da família tem a função de escolher o filme e explicar o porquê; noites temáticas; revisitar clássicos de cada geração da família; votação a partir de uma lista etc. É possível incrementar o programa planejando as roupas, os petiscos e as bebidas de acordo com a temática do filme.

## ACAMPAMENTO

Não é preciso sair do apartamento para acampar. Essa é uma das atividades que mais faz sucesso com a criançada e também pode ser muito divertida para adultos. Armar a barraca na sala ou na varanda, deitar em sacos de dormir e imaginar a floresta lá fora é mágico. Luzes da casa apagadas e lanternas do lado de dentro criam um clima ainda mais especial.

## CLUBE DO LIVRO E/OU CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Fazer uma leitura em comum pode ser uma boa forma de aproximar a família. O clube do livro pode ter as regras que mais se adequem ao cotidiano da casa, o importante é que todos leiam a mesma história e possam trocar ideias sobre ela. Com crianças pequenas, é possível criar um clube de contação de histórias em que a família se reúne todas as semanas e ouve a história contada ou lida por um dos membros do grupo.

Loja especializada em ervas no Mercado Municipal de São Paulo; produtos naturais podem ser tóxicos e devem ser consumidos com moderação e sob supervisão Lalo de Almeida - 30.jan.03/Folhapress

# Ervas usadas para emagrecimento podem gerar sérios danos ao fígado

Produtos naturais não passam por estudos clínicos e também não são regularizados por agências

SAÚDE

Samuel Fernandes

SÃO PAULO O caso de hepatite fulminante que causou a morte da enfermeira Edmara Silva de Abreu, 42, levantou novo alerta para o perigo decorrente do consumo de produtos sem a supervisão médica.

Abreu tinha utilizado cápsulas de "ervas para emagrecimento" que continham chá verde, carqueja e cavalinha. Essas substâncias são consideradas hepatotóxicas, ou seja, podem causar danos ao fígado e desencadear problemas sérios de saúde, como a hepatite, uma inflamação no órgão com diversas causas.

Liliana Ducatti, a médica que atendeu a enfermeira, diz que a falta de regulamentação de produtos como esses e o uso em excesso por parte da população são fatores que contribuem para a ocorrência desses problemas.

"Uma coisa é a gente tomar [esses chás] por prazer, doses razoáveis, um consumo consciente e equilibrado. Outra coisa é tomar doses cavalares atrás de um efeito que não existe, que seria emagrecer."

Infelizmente, casos como esses não são raros, é o que afirma Giovanni Silva, médico hepatologista e presidente da SBH (Sociedade Brasileira de Hepatologia).

"Existe um conceito, na população leiga, de que produto natural é saudável, mas isso é extremamente errado. Temos inúmeras substâncias naturais [...] que são tóxicas."

O médico explica que a hepatite fulminante —também denominada de insuficiência hepática aguda— é uma das formas que a inflamação aguda do fígado pode ser apresentada em um doente.

"Uma das manifestações da hepatite aguda é o seu curso fulminante, ou seja, quando se dá a [evolução para insuficiência hepática aguda. Se [o fígado] não for transplantado, a pessoa pode evoluir rapidamente para a morte", afirma.

Diferentemente da forma crônica, que é uma inflamação em um fígado já debilitado e que perde suas funções com o tempo, a hepatite aguda acontece quando o órgão sofre desgastes sem estar ligado a outra doença.

"[A forma aguda da hepatite] pode ser assintomática, sendo o diagnóstico feito apenas por alterações no exame de sangue. As [formas] sintomáticas são marcadas principalmente porque a pessoa fica amarela [icterícia] pelo aumento da bilirrubina no sangue. Também tem urina cor de coca-cola e, eventualmente, fezes esbranquiçadas", afirma.

O desenvolvimento da hepatite aguda pode acontecer de duas formas: por meio de dose dependente ou por hipersensibilidade. O primeiro caso é quando uma pessoa utiliza um produto que pode gerar problemas no fígado em grandes doses.

"Você necessita de uma dose mais elevada para ter uma agressão na célula do fígado, que é o hepatócito. Esse hepatócito inflama, necrosa e morre. Se essa morte celular for muito extensa no fígado, pode levar à insuficiência hepática aguda."

Silva explica que existem muitas substâncias que podem resultar em casos de hepatite fulminante por meio de dose dependente, como ervas parecidas às utilizadas pela enfermeira que veio a óbito ou até mesmo medicamentos.

O problema dos produtos naturais é que eles não passam por estudos clínicos e também não há regularização por parte de agências sanitárias, como a Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária). Isso faz com que seja mais difícil controlá-los, impedindo que haja uma mensuração adequada dos princípios ativos que os compõem.

> Uma coisa é tomar [esses chás] por prazer, doses razoáveis, um consumo consciente. Outra coisa é tomar doses cavalares atrás de um efeito que não existe, que seria emagrecer
>
> **Liliana Ducatti**
> médica

Ducatti também ressalta que tomar doses exageradas —como aconteceu com Abreu— ocasiona complicações no fígado. "Tem pessoas que tomam, por exemplo, dois litros de chá de cavalinha [erva hepatotóxica] por dia [...] e isso também deixa de ser uma quantidade segura."

A outra possibilidade de ocorrer uma hepatite aguda é quando o indivíduo tem hipersensibilidade à substância que inflama o fígado.

"Tem medicamento que faz mal independentemente da dose, infelizmente, por uma reação de sensibilidade do hospedeiro", explica Juliana Mendes, hepatologista do Sírio-Libanês e da SBH.

Segundo a médica, é difícil dizer para que substâncias uma pessoa tem ou não hipersensibilidade. Isso fica ainda mais complicado com produtos não regulamentados, já que não é possível inferir realmente quais são suas propriedades. Ela menciona casos em que essas ervas são misturadas com metais pesados ou analgésicos, para citar apenas alguns exemplos.

O tratamento para hepatite fulminante envolve principalmente a suspensão da substância que está causando o problema. São tratadas as complicações no fígado e, caso a situação não melhore, é necessário realizar o transplante do órgão.

Na eventualidade de precisar mesmo do transplante, o paciente passa por exames para averiguar o nível de desgaste do fígado e pode vir a ter prioridade na fila de espera para receber o órgão.

Como aconteceu no caso de Abreu, muitos dos pacientes que Mendes atende com hepatite fulminante utilizaram produtos sem controle da composição na busca de emagrecimento, ganho de massa muscular ou rejuvenescimento.

"São pessoas que buscam saúde e estão sendo vítimas desse mercado criminoso. Essa [Abreu] foi mais uma vítima das tantas que passam pelos nossos consultórios todos os dias", afirma a hepatologista.

Mendes cita um caso de uma paciente recente que recebeu diagnóstico de quadro crônico. Ela tomava proteínas para aumento de massa muscular e também ervas que continham substâncias hepatotóxicas. No entanto a descoberta das complicações veio tarde demais —o problema não foi descoberto enquanto ainda era reversível, diz a médica.

Para a hepatologista, o principal ponto é que, além de um acompanhamento médico adequado, as pessoas precisam entender que mudanças corporais não se dão de forma milagrosa. "Perder peso exige uma mudança de estilo de vida", conclui.

# Maioria dos zumbidos decorrem do funcionamento cerebral

OPINIÃO

**Luciano Magalhães Melo**

Médico neurologista, escreve sobre o cérebro, seus comandos, seus dilemas e as doenças que o afetam

Maria dorme abrigada por paredes delgadas, ineficazes em bloquear os sons da vizinhança. Toda noite, de mau grado, monitora os passos, tosses, sobras de conversas e toda sorte de sinais sonoros de sua cercania. No seu ritual noturno, revira-se na cama, com a esperança ingênua de encontrar algum silêncio.

Thereza tem problemas semelhantes. Porém carrega o fardo consigo, em qualquer lugar, e sempre pior à noite. Ela escuta um zumbido em seu ouvido esquerdo há anos.

Para a medicina, zumbido é a audição de um som que não tem uma fonte externa, é uma cria do corpo. Em sua vasta maioria, são causados por modificações da atividade cerebral, iniciados após alguma perda auditiva.

Essas mudanças são seletivas, acometem áreas cerebrais relacionadas à audição e à atenção. Entretanto, raramente, o zumbido pode ser fruto de algum barulho real, por exemplo, quando causado por tremeliques contínuos de músculos que deveriam estabilizar o tímpano.

Pesquisas realizadas em diferentes países apontam que 10% a 25% dos adultos sofrem por esse problema. Porém, apenas um pequeno número dos afetados se incomoda profundamente com o distúrbio.

É o caso de Thereza: "O chiado prejudica minha concentração no trabalho e em conversas. Mas até aturaria isso se o barulho me desse folga na hora de dormir", dizia ela.

As características do som perturbador, como frequência e amplitude, não são determinantes para causa de tanto aborrecimento, mas, sim, o funcionamento cerebral.

Estudos recentes apontam que centros encefálicos envolvidos em controle de atenção e emoções trabalham exageradamente naqueles que se incomodam tanto. Thereza era toda focada em seu sintoma e tinha asco.

Para seu desespero, quase todos os zumbidos não têm cura. E não foi por falta de tentativa; muitos remédios foram utilizados em vários experimentos, mas os resultados foram frustrantes.

Por azar, demorou muito até ela conseguir esclarecer que havia algo de atípico em seus sintomas —um dado despercebido em consultas, porém um indício de que ela seria candidata à cura.

Thereza escutava um murmúrio pulsátil, coincidente com seus batimentos cardíacos. Provavelmente ela ouvia um problema circulatório.

Explico: não há som produzido pelo movimento sanguíneo normal em nossos vasos circulatórios. Entretanto, quando há alguma obstrução, o correr do sangue acontece em turbilhonamento, um fenômeno audível.

Com essa grande suspeita, o médico apertou levemente o pescoço dela. Tal ação fez o zumbido desaparecer momentaneamente. A manobra interrompeu o fluxo sanguíneo pelas veias jugulares, parte do sistema circulatório corporal encarregado em receber todo o sangue que passou pelo cérebro.

O bloqueio também impediu a circulação ruidosa em algum local intracraniano. Sem o movimento, sem o barulho. Exames de ressonância apontaram a estrutura venosa culpada: um pequeno vaso próximo ao ouvido esquerdo estava estreito.

A solução foi muito tecnológica. Locar um tubinho dentro do ducto venoso estrangulado. A execução tinha lá seus riscos, mas Thereza aceitou o desafio. Não tinha a opção de mudar de corpo como Maria teria de mudar de casa. Agora passa bem, não pensa mais no ritmo do zumbido.

# Dark kitchens se espalham, mas será bom para as cidades?

Negócio das cozinhas comerciais para delivery mata aspectos do convívio

**OPINIÃO**

**Nabil Bonduki**
Professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, foi relator do Plano Diretor e secretário municipal de Cultura de São Paulo

Dentre as mudanças provocadas pela pandemia que vieram para ficar nas cidades, uma das mais impactantes foi a explosão do delivery por aplicativo. Intimamente vinculado a ele, se propagam as chamadas dark kitchens.

Dark kitchen, também conhecida como ghost kitchen (cozinha fantasma), é uma cozinha comercial utilizada exclusivamente para operações de delivery.

O local tem os equipamentos necessários para preparar refeições, mas não tem salão e recepção para atendimento de clientes, identificação do estabelecimento na fachada do imóvel e não permite que se veja a maneira como a comida é preparada.

As origens das dark kitchens são controversas. Provavelmente, surgiram em vários locais ao mesmo tempo. Segundo a BBC, a proposta apareceu em Londres em torno de 2018. Outros apostam que as dark kitchens surgiram na Índia. O certo é que se expandiram com a popularização dos aplicativos de comida e viraram uma febre na pandemia.

No Brasil, algo semelhante, com outras características, existe há muito tempo. As mais difundidas, desde sempre, foram as pizzarias que apenas atendem para retirada ou entrega. Mas elas funcionam de portas abertas, com identificação da marca e atendendo os clientes no local que, em geral, podem presenciar a preparação das pizzas.

Outro exemplo brasileiro é o China in Box, criado em 1994 e que sempre funcionou apenas para entrega. Mas o China nada tem de fantasma: adota um design em suas lojas que deixa a cozinha visível e foi o primeiro estabelecimento a colocar vidros na cozinha para que os clientes pudessem observar a limpeza e a preparação dos alimentos.

Cozinha da rede Busger, que entrega lanches em Santo André Rubens Cavallari - 17.jul.21/Folhapress

De acordo com a Abrasel (Associação Brasileira de Bares e Restaurantes), existem sete tipos de dark kitchen, incluindo restaurantes que, para evitar sobrecarga de serviço nos horários de pico, criam uma segunda cozinha, próxima, para atender o delivery.

Mas a maior novidade, do ponto de vista urbano, é o surgimento de um novo ramo imobiliário: os coworking de dark kitchen. Nesse modelo de negócio, que se expande rapidamente pelo Brasil, dezenas de cozinhas são concentradas em um mesmo endereço, sem marca, identificação ou transparência.

Em uma edificação situada em locais de fácil acesso, bem localizados em relação ao perfil da clientela, dezenas de pequenos espaços, com cerca de 10 m², são preparados para receber cozinhas industriais. Em um único prédio em São Paulo funcionam 12 cozinhas!

"É uma atividade imobiliária", afirmou Gustavo Nogueira, diretor de Operações da Smart Kitchen em entrevista para a Rede Globo. O empresário entrega o espaço com pontos de água, esgoto, gás, energia e a estrutura de exaustão externa para quem quer montar uma "ghost kitchen".

"Quem aluga monta a cozinha. O meu cliente, que vai abrir um estabelecimento, precisa obter o alvará de funcionamento municipal e o alvará de fiscalização sanitária. São as licenças básicas que ele precisa para operar."

A atividade vem se multiplicando. Uma das maiores empresas do ramo abriu o primeiro prédio em 2018, com oito cozinhas. Agora já tem 131, em quatro cidades. Espera chegar a 646 cozinhas até 2025. Outra empresa tem seis prédios em São Paulo, quatro no Rio de Janeiro, quatro em Belo Horizonte e um em Brasília.

As dark kitchens permitem uma significativa redução de custos, em relação a um restaurante normal. Sem atendimento presencial, diminuem o aluguel, os salários e encargos trabalhistas com garçons, atendentes e faxineiros. Os gastos com mobiliário, decoração e manutenção do salão são eliminados.

Os restaurantes podem espalhar pela cidade, com baixo investimento, uma rede de franchising de suas marcas, tornando-as acessíveis para um amplo mercado consumidor. E o cozinheiro, terceirizado, pode trabalhar com diferentes marcas, em uma flexibilização que amplia a rentabilidade do empreendimento.

Em um país de crise econômica, as oportunidades abertas por essa alternativa não são desprezíveis. Do ponto de vista econômico, a dark kitchen é muito vantajosa para a cadeia produtiva que trabalha com refeições prontas.

Mas a questão que precisa ser debatida é se a ampla difusão das dark kitchen é boa para a vida urbana, para o meio ambiente, para a segurança alimentar da população e para a gastronomia?

É possível identificar inúmeros aspectos negativos, que precisam ser analisados e enfrentados.

1. A concentração de dezenas de cozinhas em um único local gera grande impacto no entorno, com barulho dos exaustores, fumaça, odor e movimento de motoqueiros.

Em São Paulo, esse tipo de atividade tem sido implantada em zonas mistas, onde convivem residências com o comércio, sendo permitidos os coworkings e restaurantes. Mas a enorme concentração de cozinhas industriais, atividade que inexistia há alguns anos, não é regulamentada.

O poder público precisa formular uma legislação específica regulando onde e em que condições essa atividade pode ser permitida.

> [...]
> O poder público precisa formular uma legislação específica regulando onde e em que condições essa atividade pode ser permitida

2. Embora as dark kitchens sejam uma alternativa econômica para os empresários do setor, elas podem acelerar o fechamento de restaurantes físicos, o que é danoso para a vida urbana, particularmente em metrópoles como São Paulo que se destaca pela gastronomia. Durante a pandemia, mais de 25% dos restaurantes fecharam as portas, segundo a Abrasel.

Restaurantes são espaços de encontro e sociabilidade. Embora privados, fazem parte da vida urbana, que enriquece uma cidade. Sempre haverá quem queira frequentá-los, mas a concorrência das dark kitchen, com custos menores, podem contribuir para fechar restaurantes e para a desertificação do espaço público. Isso precisa ser evitado.

3. A generalização do delivery por aplicativo, irmão siamês das dark kitchens, gerou um crescimento exponencial de embalagens descartáveis, com graves consequências ambientais e elevação do custo da coleta dos resíduos, que onera os orçamentos municipais.

É necessário instituir a logística reversa das embalagens utilizadas no delivery. A Lei Nacional de Resíduos Sólidos determina que o gerador deve ser o pagador, ou seja, as dark kitchens devem pagar a coleta das embalagens por elas geradas. Ou utilizar embalagens retornáveis padronizadas e uma logística que permita sua reutilização.

4. Durante muito tempo, lutou-se para que os restaurantes permitissem a visita de suas cozinhas. Em São Paulo, a lei municipal 11.617/1994 tornou isso obrigatório e legislação similar existe em vários municípios.

Nas dark kitchens, no entanto, o cliente nem sequer sabe como é o local em que as refeições são preparadas. Legislação específica precisa garantir mais transparência nesse tipo de estabelecimento.

5. O relativo baixo custo do delivery é obtido, entre outros pontos, pela exploração do entregador, mal remunerado, sem garantia trabalhista e que arrisca a vida nas ruas para entregar a comida que ele não pode comer.

Esses são aspectos que precisam ser considerados em uma legislação específica sobre dark kitchen e delivery por aplicativo, que trate da questão a partir de todos esses pontos de vista.

## BOM PRA CACHORRO | Livia Marra

folha.com/bompracachorro

# Cadela insiste e consegue ficar com tutor em hospital

**SÃO PAULO** Lucimara, uma vira-lata caramelo, não desamparou o tutor quando ele precisou de atendimento médico. E, pela primeira vez, a Santa Casa de São Paulo abriu as portas para que um cachorro de rua acompanhasse um paciente.

O homem, morador de rua e deficiente visual, procurou o hospital espontaneamente, no fim de semana passado, após ter sido atropelado.

Com dor no tórax e escoriações pelo corpo, ele entrou pela emergência. Do lado de fora, separada por uma porta de aço, ficou Lucimara.

A cadela permaneceu ali impaciente, enquanto o homem era submetido a exames. Quando perceberam o motivo do desespero da peluda, funcionários formaram uma corrente do bem para ajudar Lucimara e o tutor.

Primeiro, colocaram um cobertor para ela, do lado de fora. Fizeram vaquinha, compraram comida, levaram ração. Mas Lucimara continuava incomodada, latindo diante da porta.

Lucimara, cadela autorizada a acompanhar morador de rua na Santa Casa de SP Divulgação

A equipe do hospital, então, decidiu levar uma peça de roupa do paciente para ela. Assim, com o cheiro do tutor, se acalmaria. Funcionou parcialmente, mas Lucimara queria mesmo era ficar com o homem.

Sensibilizados, funcionários colocaram uma pulseira de identificação como coleira em Lucimara, com o nome do tutor. Diante da espera por exames mais demorados, como tomografia, decidiram unir ambos.

Um quarto de isolamento, usado por pacientes que precisam ficar afastados dos demais, foi reservado para eles. E o reencontro foi emocionante.

"Ficaram superfelizes, ela quis subir na maca", conta Fabio Agostini do Amaral Gomes, gestor médico do serviço de emergência da Santa Casa.

O médico ressalta que o desfecho só foi possível graças à preocupação e envolvimento de toda a equipe: administrativo, segurança, enfermagem e médicos. "Cada um foi fazendo um pedaço da história."

Deficientes visuais têm, por lei, direito de ter a companhia de cães-guia — animais treinados para auxiliar os tutores. Nesse caso, porém, Lucimara não atendia aos padrões para isso.

Fazer com que a cadela circulasse o menos possível por áreas com muitos pacientes foi uma das preocupações da equipe.

Havia também receio que ela atacasse algum enfermeiro que estivesse próximo ao tutor ou, ao pular no homem, arrancasse os acessos para medicamento. Nada disso aconteceu.

"Não é costume [paciente ficar com pet]. Não havia protocolo", diz Gomes.

Com a presença da cadela, o quarto foi higienizado com mais frequência. O cuidado se estendeu ao trajeto por onde ela passou.

O homem, que fraturou duas costelas, foi liberado em cerca de 24 horas. Segundo Gomes, ele não precisará voltar para acompanhamento.

Desde 2018, lei em São Paulo prevê que animais de estimação podem entrar em hospitais para visitar pacientes. O processo, no entanto, não é tão simples. Os animais devem estar com vacinação em dia, higienizados e o responsável deve comprovar essas condições por meio de um laudo do veterinário.

A Santa Casa permite a visita de animais de terapia, especialmente na pediatria, com grupos como o Patas Therapeutas. Essa ação, porém, tem sido prejudicada pela pandemia.

Manifestação pró-Ucrânia em frente à estátua do marechal Carl Gustaf Emil Mannerheim, em Helsinque, na Finlândia Heikki Saukkomaa - 5.fev.22/Lehtikuva/Reuters

# Finlândia viveu na Guerra Fria o que Ucrânia pode vir a sofrer sob Putin

Modelo de influência russa, conhecido como finlandização, é visto como solução para o impasse

**MUNDO**

Jason Horowitz

HELSINQUE | THE NEW YORK TIMES Durante décadas, a Finlândia sobreviveu como uma democracia não ocupada e independente à sombra da União Soviética, após ceder ao Kremlin grande influência sobre sua política e manter uma delicada neutralidade durante a Guerra Fria.

Esse modelo —conhecido nos círculos diplomáticos como finlandização— está sendo invocado hoje como uma possível solução para o impasse sobre a Ucrânia, ideia que efetivamente neutralizaria sua soberania e possivelmente daria à Rússia uma nova esfera de influência durante mais uma era.

Mas, para os finlandeses, e ainda mais para os ucranianos, não é uma ideia a se jogar levianamente na mesa de negociação, pois lembra o tipo de política imperialista do Velho Mundo que outrora reduziu os países menores do continente a peões em um jogo sobre o qual não tinham controle.

Se você perguntar aos finlandeses o que eles acham da finlandização, a geração mais velha poderá olhá-lo com desconfiança, e os mais jovens, com indiferença sobre uma ideia que para muitos pertence ao passado.

"Para os finlandeses isso tem um tom negativo", diz Mika Aaltola, diretor do Instituto Finlandês de Relações Internacionais. "Tem a ver com um período muito difícil na história."

Enquanto a política ajudou a nação na borda do Ártico a evitar o destino de países da Europa central e oriental, ocupados como partes do bloco soviético, a independência da Finlândia veio ao custo de engolir uma dose de autocensura e controle estrangeiro.

Isso mudou substancialmente depois da Guerra Fria, há mais de 30 anos, tornando finlandização um termo antiquado que não se aplica mais ao país que lhe deu o nome — onde é até mesmo considerado uma espécie de insulto.

A Finlândia hoje é membro da União Europeia, usa o euro e trata com os Estados Unidos e a Europa em termos de igualdade. Ela é elogiada pela falta de corrupção e pelo estado assistencialista e é profundamente ocidental, mantendo fortes parcerias com a Otan, embora não seja afiliada.

A ameaça da Rússia à Ucrânia somente encorajou os finlandeses a discutir mais abertamente se a Otan faz sentido, e a oposição antes avassaladora está se desgastando.

Mas eles também estão claramente cientes de que têm um relacionamento delicado a administrar com a Rússia e tomam cuidado para não provocar desnecessariamente o presidente Vladimir Putin.

Mas isso ainda está muito longe das condições impostas ao país durante a Guerra Fria.

O modelo veio à superfície novamente quando o presidente francês, Emmanuel Macron, foi indagado por um repórter durante sua viagem a Moscou para negociações diplomáticas se a finlandização era uma possibilidade para a Ucrânia. Ele respondeu: "Sim, é uma das opções sobre a mesa".

Macron depois tentou voltar atrás, mas a semente estava plantada na imaginação de alguns observadores ucranianos, mesmo que os próprios finlandeses a refutassem.

Continua sendo algo difícil de discutir, segundo Elena Gorschkow, 45, diretora de um sindicato local. Enquanto ela falava, ao seu redor havia sinais da influência da Rússia, que governou a Finlândia de 1809 a 1917.

Ela olhou para uma enorme estátua do czar Alexandre 2º, que emancipou os servos da Rússia, e para o prédio do governo e a catedral de Helsinque, construídos no estilo de São Petersburgo.

Nas latas de lixo, cartazes amarelos diziam "Cuidado com a Rússia", mostrando o rosto de Putin no lugar de um crânio sobre ossos cruzados.

Filha de pai russo e mãe finlandesa, Gorschkow disse que cresceu com finlandeses desconfiados de seu nome russo e que sua mãe até hoje se recusa a falar sobre política em relação à Rússia.

Na Biblioteca Central Oodi em Helsinque, Matti Hjerppe, 69, afirma que a volta da palavra finlandização o faz rir. "Ela continua voltando. A mesma coisa sempre acontece", diz, referindo-se ao impulso da Rússia de estender sua influência às terras ao longo de suas fronteiras.

Na verdade, o termo, originalmente cunhado nos anos 1960 pelos alemães ("Finnlandisierung"), ressurgiu pela última vez em 2014, durante a invasão da Crimeia pela Rússia, quando velhos participantes da Guerra Fria a propuseram como uma possível solução.

Mas os finlandeses disseram que o modelo recompensou os políticos que fizeram o jogo da Rússia, ostracizou os que recusaram a influência de Moscou e introduziu uma safra de agentes secretos "soviéticos" no país que trabalhavam estreitamente com a elite finlandesa.

Aaltola não acha que a finlandização seria boa para a Ucrânia ou para a Finlândia e, embora tenha dito que o período está inscrito na história do país, readotá-lo em outro lugar na fronteira russa só poderia apressar sua volta. "Os finlandeses compreendem que o que acontece na Ucrânia não fica na Ucrânia."

O perigo de tentar aplacar Putin aparece com frequência na Finlândia e, na verdade, seus habitantes afirmam que sua independência e imunidade a uma nova rodada de finlandização decorre do respeito de Putin por sua tradicional proeza militar e disposição a pegar em armas.

Os soviéticos tentaram aplastar seu vizinho menor em 1939, mas uma pequena força deteve o Exército Vermelho durante meses. Josef Stálin acabou ganhando a chamada Guerra do Inverno e tomou 11% do território finlandês, mas os soviéticos nunca ocuparam o país, que conservou a independência.

Diferentemente da Suécia, que está quase desarmada, a Finlândia se mantém bem provida no plano militar, tendo encomendado recentemente 64 jatos de combate F-35 dos EUA. O país tem um Exército de 180 mil pessoas e uma poderosa determinação nacional de se defender.

Qualquer sugestão de finlandização continua um tabu. No último dia 8, o presidente da Comissão de Relações Exteriores do Parlamento, Mika Nikko, disse que renunciaria depois de sugerir o que, segundo os críticos, parecia muito com a política de finlandização na Ucrânia.

Ele escreveu no Twitter que Emmanuel Macron ou outra pessoa deveria declarar publicamente que "a Ucrânia não entrará na Otan".

Em 2014, o ministro do Meio Ambiente renunciou depois de ter sido atacado por insultar a Finlândia ao se referir à decisão do governo de aprovar um reator nuclear russo como fazer o jogo de Moscou e um recuo à finlandização.

Tradução Luiz Roberto M. Gonçalves

# Nova Zelândia usa músicas para dispersar atos contra vacina

WELLINGTON | AFP Autoridades da Nova Zelândia adotaram neste domingo (13) estratégia incomum para tentar dispersar manifestantes que, há uma semana, protestam contra medidas sanitárias para conter a pandemia: elas tocaram músicas como "Macarena" e "Baby Shark" para incomodá-los e fazê-los deixar o entorno do Parlamento.

A medida, porém, parece não ter surtido efeito. Vídeos compartilhados nas redes sociais mostram que, a despeito do que esperavam as autoridades, os manifestantes aproveitaram as canções para dançar no gramado do local e tirar sarro da malsucedida tentativa. "You're Beautiful", do britânico James Blunt, também compôs a playlist.

O superintendente policial da capital, Wellington, Corrie Parnell, criticou a tática adotada pelas autoridades do Parlamento, que parece ter incentivado os manifestantes a permanecerem onde estão.

"Certamente é uma tática e uma metodologia que não endossamos e preferimos que não tivesse ocorrido", declarou à rádio New Zealand.

Centenas de manifestantes estão concentrados no local, inspirados pelos "comboios da liberdade", atos contra a obrigatoriedade do passaporte vacinal que ocuparam cidades do Canadá há três semanas e chegaram a bloquear a ponte Ambassador, importante elo econômico com os Estados Unidos, na fronteira entre os dois países.

Nem sequer a passagem do ciclone Dovi pela Nova Zelândia, neste fim de semana, retirou as pessoas. Ventos de até 130 quilômetros por hora atingiram Wellington e outras regiões. A polícia pediu que as pessoas evitassem viagens não essenciais, e muitas estradas foram bloqueadas.

Os gramados bem cuidados em frente ao prédio do Parlamento nacional, onde se concentram os manifestantes, transformaram-se em um pântano lamacento. Nas imagens registradas, porém, é possível vê-los dançando com capas e guarda-chuvas.

A polícia local chegou a prender mais de 120 manifestantes na quinta (10), quando houve enfrentamento com o grupo, mas agora tem defendido uma abordagem mais discreta. O superintendente Parnell disse que não se trata de uma questão que será resolvida com prisões e que é preciso uma negociação com boa-fé de ambas as partes.

Ato contra medidas sanitárias, em frente ao Parlamento, em Wellington Praveen Menon/Reuters

A primeira-ministra Jacinda Ardern e figuras de seu entorno se recusaram a comentar a estratégia utilizada por autoridades parlamentares no fim de semana.

O vice-premiê Grant Robertson, porém, concedeu entrevista a um canal de televisão e disse que todo neozelandês tem direito a protestar pacificamente, mas que os atos da última semana "foram muito além disso". "Acho a retórica desses protestos altamente perturbadora. Há um elemento triste nisso, de teoria da conspiração, pelo qual as pessoas foram sugadas".

Apontado como articulador da tentativa de dispersar os manifestantes com músicas, o líder do Parlamento, o trabalhista Trevor Mallard, foi alvo de críticas. Chris Bishop, do Partido Nacional, descreveu a medida como vergonhosa e ineficaz. Já o líder do Partido ACT, David Seymour, disse que Mallard "se comportou como uma criança".

Com uma das políticas mais rígidas de controle da Covid, a Nova Zelândia, um país de pouco mais de 5 milhões de habitantes, conseguiu mitigar os impactos sanitários do coronavírus. A nação soma cerca de 21.500 casos da doença desde o início da pandemia e 53 mortes, de acordo com a plataforma Our World in Data.

A variante ômicron levou à alta de casos. Com recordes consecutivos, a média móvel, outrora abaixo de 10, chegou a 512 neste domingo (13).

Cerca de 77% dos habitantes completaram o primeiro esquema vacinal, e 38% da população recebeu a dose de reforço. As autoridades nacionais anunciaram recentemente que as fronteiras do país só devem ser totalmente reabertas em outubro.

Salgado fotografa líderes marubos no estúdio montado em uma maloca na comunidade de Maronal; líder Vacimpa Marubo segura o caderno da Folha dedicado aos korubos; índios marubos observam as impressões das fotos deles feitas pelo fotógrafo Fotos Leão Serva - maio 2018/Folhapress

# 'Amazônia', a grande história de nossas vidas

Jornalista acompanhou fotógrafo Sebastião Salgado em expedições a terras indígenas, registradas em mostra e livro

DEPOIMENTO

Leão Serva

SÃO PAULO "Para mim, foi das coisas mais bonitas do meu trabalho de fotógrafo", disse Sebastião Salgado em entrevista ao UOL referindo-se aos dez cadernos especiais que a **Folha** publicou entre 2017 e 2020 com suas fotografias da Amazônia, acompanhadas por textos meus. "Acho que nós fizemos uma coisa de que vamos ter um grande orgulho até o fim de nossas vidas".

Tudo começou num dia no início de outubro de 2017.

O telefone tocou, o número era internacional e desconhecido. Aprendi com a biografia do editor Samuel Wainer a sempre atender as chamadas, imaginando que uma delas pode trazer a grande história de minha vida. Quase sempre ouço papo de telemarketing. Mas naquele dia, o ensinamento provou-se certo.

Quando atendi, a pessoa disse: "Leão? Aqui é o Sebastião Salgado".

Pouco tempo antes, eu tinha entrevistado Salgado sobre a exposição "Gênesis", para extinta revista "Playboy".

Salgado começou a trabalhar no projeto "Amazônia" em 2013, quando ainda finalizava "Gênesis". Depois de anos viajando apenas com a equipe de apoio para a produção de fotografias, ele decidiu passar a ser acompanhado por um repórter.

Naquele momento, ele ligava da floresta, na região de Lábrea (AM). Estava saindo de cerca de um mês entre indígenas de um grupo que vive isolado no sudeste do Amazonas, os suruwahas. Iria então iniciar uma nova expedição, à terra dos famosos korubos, os "índios caceteiros", temidos pela violência de seus ataques de borduna na região do Vale do Javari.

"Eu gostaria que você viesse comigo e que a história fosse publicada em um jornal paulista", disse. "Eu sou colunista da **Folha**", respondi.

"Ótimo. Ofereça ao jornal."

Minutos depois, contatei o jornalista Sérgio Dávila, hoje diretor de Redação, que se entusiasmou ao primeiro contato. Soube depois que Otavio Frias Filho também vibrou com a ideia. Fechamos.

No dia seguinte, demos início ao trabalhoso processo para obter autorização das lideranças indígenas e da Funai para participar da visita a um grupo de recente contato.

O relato foi publicado pouco antes do Natal de 2017. Salgado ficou feliz com o resultado, e a **Folha** também. Nasceu ali a parceria que se repetiria por outras nove vezes, resultando em cadernos com dez páginas de imagens impactantes, em grande formato (https://folha.com/salgado).

Foram experiências inesquecíveis realmente, para levar com orgulho até o fim da vida. Em 30 anos de participações em expedições a grupos indígenas da Amazônia, eu jamais tinha feito tantas viagens em tão pouco tempo: foram cerca de 120 dias em pouco mais de dois anos.

Além do poderoso impacto cultural da convivência com diferentes povos, havia a experiência de acompanhar o processo de trabalho do mais famoso fotógrafo do planeta e ouvir suas histórias.

Durante as viagens, adotei a rotina de documentar o dia a dia, para ajudar a compor os relatos dos trabalhos, com imagens feitas com iPhone.

Essas fotos acabaram por compor um "making of" das viagens e do modo de trabalhar de Salgado, às vezes da própria feitura de algumas de suas imagens icônicas.

Como diz o personagem replicante do clássico filme "Blade Runner", vi coisas que muitos humanos não acreditariam, e o celular foi um jeito de guardar para que não se perdessem no tempo.

Um momento muito interessante desse processo é quando Salgado devolve aos indígenas as imagens que captou, em coleções de fotografias. Essa troca intercultural é também um termômetro da multiplicidade dos povos indígenas brasileiros.

As famílias ashaninkas, da comunidade Apiwtxa (no Acre), têm como adorno em suas salas grandes fotos feitas por Salgado. Já o jovem líder Alfredinho Marubo, da comunidade de Maronal, no Vale do Javari, pediu que o fotógrafo enviasse cópias digitais das imagens, pois no disco rígido de seu computador elas ficariam preservadas para as futuras gerações.

Os indígenas têm diferentes graus de convivência com a fotografia, em preto e branco ou em cores, ultimamente, digital. Entre os marubos, um homem perguntou se Salgado não tinha condições de comprar uma câmera que fizesse fotos coloridas como seu celular; ouviu em resposta uma longa explicação sobre as razões da radical opção do fotógrafo mineiro pela foto PB, desde meados dos anos 1980.

Entre tantas coisas surpreendentes, certamente, é admirável saber que nasceu em 1944 aquele homem energético que acorda antes de o dia amanhecer, carrega equipamento pesado, segue guerreiros jovens pela mata, acompanha caçadas e pescarias e pode passar às vezes mais de uma hora repetindo cliques até chegar ao registro ideal de uma cena.

Mais ainda, Salgado parece dedicar a mesma energia para a produção do fotograma perfeito e para varrer o estúdio improvisado na selva com uma lona, por exemplo.

Paciência de Jó e persistência zen são duas características impressionantes que se juntaram a um fortíssimo senso estético para resultar no trabalho profissional mais conhecido da fotografia internacional.

*

Agora, após dois anos de adiamentos provocados pela pandemia da Covid-19, já tendo sido expostas em Paris, Roma e Londres, as pérolas desse trabalho contínuo de quase uma década chegam a São Paulo nesta terça (15).

A exposição foi concebida de forma inovadora por Lélia Wanick Salgado, arquiteta e curadora, parceira de vida do fotógrafo.

Penduradas em fios, as imagens recuperam a posição que tinham originalmente diante de seu autor: para ver rios fotografados de aeronaves, o espectador olha para baixo; copas das árvores, para o alto; para pessoas e retratos foco, diante do olhar direto. Com uma trilha composta por Jean-Michel Jarre a partir dos sons da floresta, o espectador transita por uma selva virtual.

**Sebastião Salgado - Amazônia**
Sesc Pompeia. R. Clélia, 93, São Paulo. Ter a sáb., 10h às 21h; dom., 10h às 18h. Até 10/7. Grátis

**Amazônia**
Autores: Sebastião Salgado e Lélia W. Salgado. Taschen (R$ 900, 528 págs.)

**Amazônia: O Processo de Criação de Sebastião Salgado**
Fotos de Leão Serva, Lélia Wanick Salgado e Everton Ballardin. Itaú Cultural. av. Paulista, 149, São Paulo. Ter. a dom., 11h às 19h. Abertura em 8/3. Até 8/5. Grátis

Sebastião Salgado varre o estúdio criado com lona na mata próxima à aldeia yanomami de Piaú (AM) Leão Serva - 15 jun 2019/Folhapress

O fotógrafo, ao lado de indígenas yanomamis, registra a pesca da comunidade da aldeia Piaú (AM) Leão Serva - 12.jan.2019/Folhapress

Fotógrafo segue indígena korubo por uma trilha na floresta que leva a uma comunidade do grupo de recente contato, em expedição realizada em outubro de 2017, na Terra Indígena Vale do Javari Leão Serva - 6.out.2017/Folhapress

Salgado (de chapéu) e a equipe do Exército que comandou o helicóptero —capitão Fábio da Silva Schultz, terceiro sargento Diego Fonseca Medeiros e capitão André de Souza e Silva (do Pelotão de Fronteira de Auaris) Leão Serva - 8.jan.2019/Folhapress

Kabukwari Suruwaha com o especial impresso sobre seu povo, na terra indígena Zuruahã (AM) Leão Serva - 30.nov.2018/Folhapress

Confira a localização das terras indígenas visitadas nas expedições de Sebastião Salgado pela Amazônia

Depois de um dia de trabalho, Salgado conversa com Davi Kopenawa e líderes da comunidade yanomami (AM) Leão Serva - 13.jan.2019/Folhapress

Sebastian Stan e Lily James, que interpretam os protagonistas da série 'Pam & Tommy' Ryan Pfluger/The New York Times

# Série resgata escândalo da fita de sexo de Pamela Anderson

## Sem aval da atriz, 'Pam & Tommy' mostra a louca Hollywood dos anos 1990

FS

Elisabeth Vincentelli

THE NEW YORK TIMES O ano de 1995 mal tinha começado e Pamela Anderson e seu novo marido, Tommy Lee, baterista da estridente banda de heavy metal Mötley Crüe, estavam no topo do mundo.

Ela estrelava a série "S.O.S. Malibu", grande sucesso na televisão, e embora a banda de Lee já não fizesse tanto sucesso como na década de 1980, ele ainda podia continuar vivendo a vida louca de um astro do rock na mansão do casal em Malibu.

Não se pode culpá-los por quererem preservar para a posteridade alguns de seus momentos felizes —entre os quais, momentos muito sexuais e envolvendo muita nudez—, com a ajuda de uma câmera de vídeo Hi8. Mas em seguida, para grande insatisfação do casal, as imagens vazaram. E circularam muito.

Esses acontecimentos e suas consequências são dramatizados na minissérie "Pam & Tommy", de oito episódios, uma viagem louca e burlesca pelas casas noturnas, palácios e covis pornô da Hollywood da década de 1990, que estreou na semana passada no serviço de streaming Hulu — no Brasil, está no Star+.

Mas a série tinha mais em mente do que as traquinagens das celebridades ou uma reprodução fidelíssima das complicações e problemas absurdos do casal de protagonistas —embora isso também esteja presente nos episódios.

A série usa o escândalo que gerou fortunas, arruinou vidas e transformou os vídeos de sexo de celebridades em um artefato definitivo da era da internet— como um guia para um período de transição na cultura americana.

Retrata um momento em que o "glam" deu lugar ao grunge e em que o vídeo barato e os modems para conexão discada expandiram o alcance —e o grau de intrusão— do negócio de venda de imagens sexuais.

"Continuamos a viver no mundo que foi criado naquela época", diz D.V. DeVincentis, roteirista, produtor executivo e um dos showrunners da série. "Seria possível argumentar que tudo vem, se não daquele momento, pelo menos daquele período, e é algo que jamais conseguiremos colocar de volta na garrafa."

É difícil, hoje, compreender o escopo do caso, que terminou envolto em uma névoa de nostalgia pelos anos 1990.

"Obviamente, Pamela era uma parte muito importante do mundo de todos e aquele período todo da década de 1990 terminou um pouco romantizado em minha cabeça. Um momento louco com as Spice Girls e os tops curtos que exibiam o umbigo", afirma Lily James, 32, que interpreta Anderson.

"Mas também falamos sobre a existência de uma outra história, que vai mais fundo, e terminou por ser meio ignorada pelas manchetes."

Seth Rogen, 39, um dos produtores executivos da série, interpreta Rand Gauthier, o eletricista que, na vida real, roubou, copiou e distribuiu o vídeo da atriz.

Rogen recorda o momento em que descobriu a existência daquelas imagens. "Eu tinha 13 ou 14 anos quando aquilo apareceu. Não estava ciente da história toda. Eu só sabia que aquilo circulou um pouco no meu grupo social e era visto como uma coisa mítica, quase como 'O Senhor dos Anéis'."

Mas como contar uma história assim com seu evidente apelo sexual de uma maneira que divirta, mas não agrave a exploração? (Anderson e Lee não participaram da produção.) Era uma proposição complicada, especialmente porque a verdade sobre o caso é tão fantasiosa que poderia servir para reforçar o mito.

Baseado em um artigo investigativo minucioso escrito em 2014 por Amanda Chicago Lewis para a revista Rolling Stone, a minissérie decola com o equivalente a uma arrancada de carro esportivo.

O homem que coloca a história em movimento —e que, nos primeiros episódios, parece servir como centro moral da série— é Gauthier, filho de um membro da pequena nobreza de Hollywood. Seu pai, Dick Gautier, interpretou Robin Hood em "When Things Were Rotten", uma sitcom de Mel Brooks que foi cancelada quase instantaneamente em 1975. Rand mais tarde alterou a grafia de seu sobrenome.

Na versão retratada por "Pam & Tommy", Gauthier estava trabalhando na reforma da casa de Lee e Anderson, mas foi demitido. Lee (Sebastian Stan), sovina e mimado, decidiu não lhe pagar os milhares de dólares que devia.

Gauthier voltou à casa para recolher suas ferramentas e, ao menos de acordo com seu depoimento para o artigo, se viu ameaçado por Lee com uma espingarda. O casal não quis comentar o relato para a Rolling Stone à época.

Furioso, ele montou um plano complicado para recuperar o dinheiro perdido: ele roubaria um cofre de dois metros de altura da casa de Lee sem saber o que havia dentro dele.

Uma das cenas mais engraçadas da série mostra Gauthier tentando enganar as câmeras de segurança de Lee ao cobrir suas costas com uma capa de pelos brancos e entrando no terreno de quatro para se parecer com o cachorro gigante do baterista. "Porque sou eu que estou envolvido na série, as pessoas acham que isso foi inventado", disse Rogen.

Lee tinha guardado o precioso vídeo íntimo do casal no cofre, ao lado de suas armas e das joias de Anderson.

O casal parecia ter esquecido que o vídeo existia quando, em 1996, descobriu que imagens explícitas de suas relações em um barco no Lago Mead estavam em circulação.

Anderson e Lee, agora objetos de atenção maliciosa, só então perceberam que o vídeo tinha sido roubado. Não demorou para que os dois, e o vídeo, se tornassem alvo de piadas nos programas noturnos da TV americana.

Em uma trama digna de um filme dos irmãos Coen, o roubo ganhou dimensões cada vez mais absurdas. A lista de suspeitos cresceu: motociclistas, apostadores, um agiota brutal chamado Butchie (Andrew Dice Clay) e escroques variados como o cúmplice de Gauthier, Milton Ingley (Nick Offerman), pornógrafo no vale de San Fernando.

Toques sacanas acentuam o clima sórdido da Los Angeles da metade da década de 1990, especialmente nos episódios iniciais. Em uma cena, Lee, que levava fama pelo tamanho de seu pênis, discute seu amor por Anderson com uma versão de animação de seu órgão genital —cuja voz é de Jason Mantzoukas.

É tão divertido quanto surreal, mas a cena não resultou de uma fantasia criativa dos roteiristas. Diálogos como esses são frequentes em "Tommyland", o livro de memórias que Lee publicou em 2004.

Muitas vezes, truques como esses são acrescentados digitalmente na pós-produção, disse Jason Collins, cuja empresa, Autonomous FX, projetou e produziu as diversas próteses usadas na série. Mas o membro falastrão de Lee era um fantoche manipulado por dois técnicos armados de controles remotos.

"Fazer as cenas assim permite que o diretor e os criadores sugiram diálogos para os operadores e para Sebastian", explica Collins. "E oferece uma chance de um improviso a mais e de trabalhar de modo mais solto na filmagem."

À medida que os episódios avançam, a empatia dos espectadores começa a oscilar.

Rogen, cuja produtora, Point Grey, desenvolveu a série para a Hulu, diz entender o lado de Gauthier e seu papel ambíguo no acontecido.

"Acho que no começo as pessoas gostam dele porque é um cara simples, meio tonto, que está tentando fazer o melhor que pode. Você não acha que ele está fazendo algo de tão ruim porque ele mesmo não acha que está fazendo algo de tão ruim", diz Rogen.

"Mas a verdade é que ele não pensou em ninguém mais além dele mesmo. E teve um imenso impacto negativo sobre a vida de outras pessoas."

Mesmo Lee pode ser adoravelmente sonso, demonstrando imenso afeto por Anderson e curtindo todos os clichês da vida de um astro do rock.

Mas Anderson gradualmente emerge como o coração emocional e moral da história. Ela está sempre um passo à frente de todos que a cercam, especialmente de seu marido, ainda que seu instinto e sua inteligência sejam ignorados repetidamente.

"Ela na verdade é nosso personagem principal", afirma Robert Siegel, criador da série e um de seus showrunners.

"É ela que perde mais com a história, de um ponto de vista profissional e de percepção do público, mas certamente sai de nossa série como a melhor pessoa", completa.

Para garantir o protagonismo a atriz e símbolo sexual dos anos 90, a série sublinha como Anderson e Lee vivenciaram o episódio de maneiras imensamente diferentes.

"Aquelas duas pessoas tiveram exatamente a mesma experiência no filme, o filme que o mundo viu, mas ela terminou sendo escorraçada da televisão e foi chamada de vagabunda enquanto ele terminou salvo da decadência e reinventado com uma espécie de deus do sexo", afirma DeVincentis. "A única diferença entre os dois era seu gênero."

Alguns críticos acusaram "Pam & Tommy" de tentar, ao mesmo tempo, resgatar Anderson da humilhação e explorar o apelo sexual do tema. A série conta a história do vazamento de imagem não autorizado, mas foi realizada sem o consentimento do casal afetado. O sexo e a nudez não são tratados com sensacionalismo, mas tampouco são disfarçados.

Sites de notícias de celebridades, entre eles Entertainment Tonight, US Weekly e The Sun, citaram pessoas próximas a Pamela Anderson para dizer que ela não está satisfeita com a série.

Os produtores disseram ter tentado o aval da atriz, mas que Anderson recusou múltiplos convites para se envolver na série. Ela não respondeu a pedidos de comentários do The New York Times.

"Nós procuramos monitorar constantemente o equilíbrio entre revelar a maneira pela qual Pam foi vítima da situação, mas sem deixar de retratar aquelas pessoas que viviam a vida do rock and roll", afirmam os produtores, em um email. "Todos os envolvidos na série mantiveram um diálogo quase constante sobre a maneira pela qual nosso retrato da situação buscaria manter esse equilíbrio."

James, atriz inglesa mais conhecida por papéis em "Downton Abbey", "Cinderela" e "Em Ritmo de Fuga", disse que suas tentativas de contatar Anderson foram infrutíferas. Siegel admitiu que James de certa forma não parecia uma escolha intuitiva para o papel, mas que ele desejava subverter as expectativas.

"Muita gente presumiu que fôssemos escalar quem quer que fosse a gostosa do momento", diz. "Mas uma das coisas que a série ensina é que Pam não é a pessoa que você acha que ela seja, e nós sempre a subestimamos. Talvez Lily esteja sendo julgada injustamente da mesma maneira que Pam foi."

James e Stan tiveram de desaparecer em seus personagens. Os dois falaram sobre ter de perder peso e de se exercitar constantemente para os papéis.

Stan admitiu que se sentiu intimidado nas cenas em que tinha de tocar bateria, especialmente porque Lee sempre foi um músico intenso.

O astro do rock não foi convidado a se envolver na série, mas Stan conversou com ele e diz que o músico parecia "muito tocado" por os dois terem se aproximado. Lee se recusou a comentar a produção.

Havia também as prolongadas sessões de maquiagem. James precisava de quatro horas diárias. Stan passava três horas recebendo tatuagens.

"Foi bem louco, porque Lily e eu não nos víamos sem o figurino do filme até o final da rodagem. Mesmo agora, quando nos vemos nos eventos de divulgação da série, a vontade é sempre perguntar, 'mas esse é mesmo o seu cabelo?'."

Os dois protagonistas aproveitaram as horas passadas na maquiagem para assistir a incontáveis vídeos no YouTube. No fim, aperfeiçoar as aparências importava menos do que captar os personagens.

"Fiquei muito determinada a fazer absolutamente o melhor que pudesse para interpretá-la autenticamente e fazer jus ao papel e à pessoa que ela é", afirma James.

Tradução Paulo Migliacci

> “
> [Anderson e Lee] tiveram exatamente a mesma experiência, mas ela terminou sendo escorraçada da televisão e ele reinventado com uma espécie de deus do sexo
>
> **D.V. DeVincentis**
> roteirista e produtor da série